U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Entre memórias e permanências, o lugar da viagem na *Escola de Arquitectura do Porto*

Salomé Martins Amaral

M

2025

Salomé Martins Amaral. Entre memórias e permanências, o lugar da viagem na *Escola de Arquitectura do Porto*

M.FAUP **2025**

Entre memórias e permanências, o lugar da viagem na *Escola de Arquitectura do Porto*
Salomé Martins Amaral

FACULDADE DE ARQUITETURA

Entre memórias e permanências, o lugar da viagem na *Escola de Arquitectura do Porto*

Salomé Martins Amaral

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Sob orientação de
Professor Doutor André Miguel Guimarães dos Santos

e coorientação de
Professora Doutora Maria José Lopes Casanova

Porto, 2025

A Prova Pública de Defesa da Dissertação decorreu no dia 11 de novembro de 2025, na Sala do Janelão da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Júri:
Presidente: Prof. Doutor Helder Francisco Valente Casal Ribeiro
Arguente: Prof. Doutor Luís Filipe Dordio Martinho de Almeida Urbano
Orientador: Prof. Doutor André Miguel Guimarães dos Santos
(Coorientação: Prof.ª Doutora Maria José Lopes Casanova)

O júri atribuiu a classificação final de 19 (dezanove) valores.

Agradecimentos

Aos professores André Santos e Maria José Casanova, pela orientação deste trabalho num caminho de constante evolução.

À Madalena, ao Manuel, à Mariana, à Anna, ao João, à Mafalda, ao professor Helder e ao professor Luís Urbano, pelas partilhas disponíveis.

Aos meus pais, que me deram os mapas e me ensinaram a lê-los, apoiando-me e acompanhando-me sempre na liberdade para traçar o meu caminho.

À minha irmã, parceira de descobertas e crescimento.

Aos amigos companheiros desta viagem, pelas memórias de amizade e partilha, que tornaram esta jornada tão mais bonita.

Ao Davide, pelo apoio permanente, pela paciência e pelo carinho.

Abstract

The experience of travelling is part of an architect's training, proving to be an essential practice for developing a critical eye through contact with different realities.

As part of the *Vozes Vivas* project, and based on the theme of travel as an active learning tool, this research outlines a framework for travels undertaken in the context of *Escola Superior de Belas Artes do Porto* and, subsequently, *Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto*, with the aim of understanding how the experience of travel contributes to the training of architects and how it fits within the School, considering the current social, cultural and technological broader picture.

The methodology adopted is based on data collection through a multidisciplinary approach, encompassing interviews, documentary research, analysis of archives and audiovisual records, in order to identify and systematise recurring themes in the journeys undertaken over several generations.

The summary thus allows to situate the trip within FAUP's contemporary practice, highlighting its educational function and its relevance in the current academic context.

Key words:

Architecture travel
Methods of learning
Collective memory

Resumo

A experiência da viagem faz parte do percurso formativo do arquiteto, revelando-se uma prática essencial para a construção de um olhar crítico, através do contacto com diferentes realidades.

Inserido no projeto Vozes Vivas, e assentando na temática da viagem como um instrumento ativo de aprendizagem, a presente investigação delineia um enquadramento das viagens realizadas no contexto da *Escola Superior de Belas Artes do Porto*, e posteriormente, da *Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto*, com o objetivo de compreender de que modo a experiência da viagem contribui para a formação do arquiteto e qual é o seu enquadramento no seio da Escola, considerando o panorama social, cultural e tecnológico atual.

A metodologia adotada baseia-se na recolha de dados através de uma abordagem multidisciplinar, englobando entrevistas, investigação documental, análise de arquivos e registos audiovisuais, de modo a identificar e sistematizar as temáticas recorrentes nas viagens realizadas ao longo de diversas gerações.

A presente investigação permite, assim, situar a viagem na prática contemporânea da FAUP, evidenciando a sua função formativa e a sua relevância no contexto académico atual.

Palavras-chave:

Viagem
Métodos de aprendizagem
Memória coletiva

Notas prévias:

As citações em língua estrangeira presentes ao longo do trabalho foram objeto de tradução livre para a língua portuguesa, com o intuito de garantir a fluidez e clareza da leitura.

As conversas conduzidas no âmbito da investigação foram transcritas de forma livre, com supressão de repetições e, por vezes, reorganização pontual da ordem das intervenções, de modo a preservar a coerência e legibilidade do discurso sem comprometer o conteúdo essencial.

Os mapas apresentados, elaborados pela autora, procuram representar de forma rigorosa os percursos das viagens analisadas. A sua construção baseou-se nas informações recolhidas através das conversas realizadas, da documentação consultada e da bibliografia pertinente. Ainda assim, podem verificar-se pequenas discrepâncias em relação aos trajetos efetivamente realizados.

Sumário

Introdução 10

[1] O que é uma viagem? 14

[2] A cultura da viagem de arquitetura 17

[2.1] A condição da viagem 17

[2.2] Metodologias de registo de viagem 21

[2.3] A viagem na formação do arquiteto 30

[3] O lugar da viagem na *Escola de Arquitectura do Porto* 36

[3.1] A memória da viagem pelas *Vozes Vivas* 36

[3.1.1] Marrocos, 1967 42

[3.1.2] Grécia, 1976 48

[3.1.3] Egipto, 1984 54

[3.2] A *Voz* da viagem na experiência académica contemporânea 60

[3.2.1] Finlândia, 2017 64

[3.2.2] Espanha e França, 2022 70

[3.2.3] Berlim, 2025 76

[3.3] Experiência pessoal enquanto estudante e viajante no curso de arquitetura 82

[4] Entre memórias e permanências, uma reflexão 88

Fontes Referenciais 92

Iconografia 96

Anexos 103

Introdução

Enquadramento

A presente dissertação encontra-se enquadrada no projeto *Vozes Vivas*[1], desenvolvido no grupo *Atlas da Casa* (AdC) do *Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo* (CEAU) da *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto* (FAUP). Este projeto tem como objetivo desenvolver um estudo centrado nas diversas experiências e vivências de um conjunto de personalidades que, ao longo do século XX, tenham estudado ou lecionado na *Escola Superior de Belas Artes do Porto* (ESBAP), e que, posteriomente, vieram a exercer funções de docência na *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Fundamenta-se principalmente nas experiências de carácter pessoal de cada personagem, articulando-as com os contextos sociais, culturais, políticos e económicos, que moldam a identidade coletiva da 'Escola do Porto'[2], e se refletem nas práticas didáticas e pedagógicas da atual *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*.

Apoiando-se nas múltiplas temáticas que brotam do projeto *Vozes Vivas*, esta dissertação encontra o seu sentido no desvelar do tema da *viagem* enquanto instrumento operativo na formação do arquiteto, reconhecido como um motor de aprendizagem e de consolidação de conhecimento. O projeto revela-se, assim, fundamental para assegurar um enquadramento no panorama da investigação e estabelecer como ponto de partida as experiências de viagem das personagens *Vozes Vivas*, impulsionando o desenvolvimento da dissertação até à análise das viagens mais recentes realizadas no contexto da FAUP.

A temática em questão tem sido objeto de diferentes de abordagens ao longo do tempo, corroborando a sua relevância e complexidade intrínsecas. Essa diversidade permite, não apenas reconhecer as múltiplas possibilidades de investigação que o tema oferece, mas também situar o presente trabalho dentro do panorama contemporâneo, evidenciando a sua pertinência dentro do universo temático.
Destacam-se, entre as publicações sobre o assunto, a terceira edição revista *Joelho*, desenvolvida pelo *Editorial do Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra* sob a coordenação de Alexandre Alves Costa e Domingos Tavares, com o tema "*Viagem-Memórias: Aprendizagens de Arquitectura*" (2012); a edição da revista italiana *STOÀ 6. Strumenti per l'insegnamento della progettazione architettonica – Viaggi* (2023) que aborda o tema numa perspetiva essencialmente pedagógica; a dissertação de mestrado de Eduardo Mota, ititulada "*É indispensável viver: a viagem na formação do arquitecto*" (2012); e, do mesmo autor, com a colaboração de João Paulo Cardielos, a publicação "*De volta à viagem*" (2018).

1 O projeto *Vozes Vivas* é coordenado pelos Professores Doutores André Santos e Maria José Casanova e é desenvolvido no *Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo* (CEAU), da *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto* (FAUP). Conta com a colaboração dos docentes André Santos, Helder Casal Ribeiro, Luís Soares Carneiro, Luís Viegas, Marco Ginoulhiac, Maria José Casanova, Marta Rocha e Rui Ramos, integrados na linha Habitação Plurifamiliar, Teoria, Desenho e Ensino (HPTDeE) do grupo de investigação *Atlas da Casa*.

2 O termo 'Escola do Porto' é entendido como uma herança cultural e intelectual manifestada através na continuidade de princípios e valores comuns, resultantes de uma consciência coletiva construída ao longo de sucessivas gerações, e refletida nas práticas pedagógicas, arquitetónicas e ideias partilhadas no seio da ESBAP e, subsequentemente, da FAUP.

Motivação

Movida pela inquietude de partir em viagem, pela expectativa do encontro com novos lugares e pela tendência para colecionar registos itinerantes, esta investigação procura cruzar o interesse pessoal pela viagem e a oportunidade de refletir sobre o tema no contexto académico. Neste sentido, torna-se pertinente a construção de uma retrospetiva englobante das várias gerações de estudantes da Escola, num momento em que se verificam diversas mudanças sociais, culturais e tecnológicas — permitindo situar a relevância da viagem de arquitetura no momento presente.

Objeto

Inserindo-se num universo de investigação mais abrangente, e relacionando-se com temáticas que visam construir uma compreensão histórica da evolução da *Escola Superior de Belas Artes do Porto* e da *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, esta dissertação propõe-se a explorar concretamente o tema da viagem enquanto uma das ferramentas fundamentais na formação do arquiteto.
Viaja-se para conhecer, reconhecer e compreender aquilo que se estuda através das imagens e desenhos. Ao viajar, questionam-se informações adquiridas, numa constante descoberta – não apenas de novos lugares, espaços e matérias, mas também de novos recursos de estudo e de investigação. Observar e refletir sobre o que se vê *in loco* contribui para a construção e consolidação do atlas da memória, imerso de referências e imagens e, por esse motivo, interessa compreender de que modo este atlas pessoal, desenhado na mente de cada um, se constrói ao longo do período de formação em arquitetura. Convocam-se, por isso, como objeto de estudo, as viagens e visitas de estudo realizadas por estudantes e docentes da Escola que, posteriormente refletidas nas memórias e registos, se determinam como motes para o desenvolvimento e desencadeamento dos temas a si subjacentes.

Objetivos

As premissas orientadoras do processo reflexivo desta investigação apoiam-se num objetivo-base: compreender de que modo a viagem pode contribuir para a formação do arquiteto, tanto nas suas dimensões cultural e artística quanto, e principalmente, nas vertentes pedagógica e profissional. Almeja-se, neste sentido, aprofundar o entendimento sobre o processo de aprendizagem mediado pela viagem, perspetivando os impactos e consequências desta experiência.

Assim, partindo da compreensão do significado de viagem nos âmbitos pessoal, coletivo e didático, e restringindo a análise ao panorama académico da ESBAP e da FAUP, pretende-se embarcar numa viagem – entre viagens – realizadas por algumas das personagens *Vozes Vivas* e pelas gerações mais recentes de estudantes da *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Prevê-se, desta forma, a elaboração de um ponto de situação que permita identificar e analisar a evolução da prática e da idealização da viagem, em função das transformações ocorridas ao longo do tempo. Pretende-se, por isso, não apenas revisitar o passado, mas também integrar um registo que permita compreender o presente e, acima de tudo, documentar as transformações que o caracterizam.

Metodologia

Definidos o objeto e os objetivos, o desenvolvimento do trabalho inicia-se por meio de um levantamento documental e bibliográfico, baseado nas várias abordagens já desenvolvidas sobre o tema.

Num segundo momento, realiza-se uma recolha de dados baseada nas viagens concretizadas por docentes e estudantes na Escola, distinguindo-se entre as viagens decorridas entre a década de 60 e 80 pelos arquitetos integrantes do projeto *Vozes Vivas* e aquelas que foram realizadas por estudantes da FAUP nos últimos dez anos. Recorre-se à consulta de publicações, entrevistas disponibilizadas, elementos audiovisuais e de arquivo — inclusivamente ao arquivo da *Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, que possibilitou o inventário das viagens organizadas por estudantes entre 2015 e 2025.

Parte-se concretamente dos registos das viagens e das vivências dos seus participantes para identificar temáticas comuns ou excecionais, selecionando-se seis viagens que se distinguem pela sua abordagem singular. Paralelamente à recolha de informações textuais, realiza-se ainda o levantamento de dados baseados nos testemunhos orais, que lhe conferem relevância no contexto da aprendizagem. Esta recolha incide sobre as conversas realizadas previamente com algumas das personagens *Vozes Vivas*[3]; e nas cinco conversas desenvolvidas no âmbito específico da dissertação — para o aprofundamento da viagem à Finlândia realizada em 2017, desenvolveram-se duas conversas distintas: a primeira com o professor Helder Casal Ribeiro e a segunda com os estudantes João Taveira e Mafalda Marques; e no contexto da viagem a Berlim em 2025, foi possível conversar com o professor Luís Urbano e posteriormente, com os estudantes Anna Volnaia; Madalena Hörnig, Mariana Pereira e Manuel Teniz. No que concerne à viagem ao Norte de Espanha e Sul de França, de 2022, optou-se por uma análise baseada na observação participante e na autorreflexão crítica, representando uma escolha metodológica que procura complementar as restantes abordagens.
Complementarmente aos relatos, são ainda elaborados mapas que ensaiam os itinerários e lugares visitados nas viagens analisadas, enquadrados nas principais características territoriais

3 No âmbito da investigação Vozes Vivas, foram desenvolvidas, pelas estudantes Ana Margarida Cavaco e Ana Capela, conversas com as seguintes personagens: Alexandre Alves Costa, António Meneres, Álvaro Siza, Camilo Cortesão, Carlos Guimarães, Carlos Prata, Domingos Tavares, Helena Albuquerque, José Gigante, José Quintão, José Salgado, Joaquim Vieira, Manuel Correia Fernandes, Pedro Ramalho, Ricardo Figueiredo e Sérgio Fernandez.

dos países e cidades visitadas.
O estudo preliminar que abarca a cultura da viagem de arquitetura é posteriormente cruzado com as experiências pessoais dos protagonistas, culminando, finalmente, numa reflexão crítica.

Estrutura

A presente dissertação organiza-se em quatro partes: inicia-se com a introdução ao tema, orientada pela questão 'O que é uma viagem?'; seguindo-se de um enquadramento da *viagem* no contexto cultural arquitetónico. Procede-se à análise das viagens realizadas no âmbito da formação da ESBAP e da FAUP, das quais se destacam seis casos, acrescidos de capítulo dedicado à experiência pessoal e, por fim, a dissertação culmina com uma reflexão crítica que procura construir uma interpretação da condição contemporânea da viagem no seio do contexto académico.

No primeiro capítulo, pretende-se desvendar o conceito de viagem e o seu valor no contexto da prática da arquitetura, indagando de que forma a viagem do arquiteto se distingue de qualquer outro tipo de viagem. As questões que acompanham a introdução ao tema são várias: O que é uma viagem? O que distingue, afinal, uma viagem de uma ida a um lugar? Poderemos categorizar as viagens realizadas por arquitetos? Quais são as repercussões de uma viagem na prática académica?

Segue-se, no segundo capítulo, o desenvolvimento do tema, identificando-se pontos comuns entre as várias formas de viajar. Procura-se ainda realizar uma análise sobre os métodos de registo — entre eles o desenho, a fotografia, os registos escritos e os objetos colecionados; e um enquadramento histórico da influência da viagem na formação do arquiteto.

A análise das viagens realizadas na Escola coloca-se na terceira parte do trabalho. São recolhidos os objetivos unificadores das intenções de cada viagem, e identificam-se os vários resultados. Com o propósito de estabelecer comparações entre as viagens realizadas no contexto da ESBAP e, num período mais recente, da FAUP, selecionam-se seis exemplos que permitem compreender não apenas o modo como se viajava em cada momento, mas também os temas inerentes a esta prática. Ainda no terceiro capítulo, aborda-se a experiência pessoal como um contributo complementar e abrangente do percurso académico enquanto estudante na FAUP, e na relação com a viagem.

No último capítulo, desenvolvem-se, em tom conclusivo, considerações acerca das transformações e permanências que caracterizam a prática da viagem, procurando compreender de que modo esta se reconfigura perante as mudanças sociais, culturais e tecnológicas do presente, sem contudo perder a sua essência enquanto experiência formativa e sensível no percurso do arquiteto.

[1]
O que é uma viagem?

> "*Mas para que saibamos quem e como somos, há que saber quem e como são os outros. Num mundo de comunicação não é mais possível ignorar os outros, antes é indispensável conhecê-los. Daí o nosso desejo permanente de contactos exteriores, hoje fáceis, antes difíceis e até por vezes impossíveis. Ler, viajar, conhecer, saber como, saber quem, como são, como fazem, o que pensam, o que dizem, de onde vêm, para onde vão os outros. E o que pensam os nossos dos outros. E o que pensam os nossos de si próprios.*" [4]

A mobilidade é um atributo inerente ao Homem. Existimos no mundo como seres que se conseguem movimentar, deslocar-se para diferentes condições e lugares. A partir dessa simples ação, viram-se desenvolvidas as mais importantes relações travadas entre o Homem e o território — inicialmente por necessidade de sobrevivência, como é o caso dos primeiros povos nómadas que se deslocavam para encontrar alimentos e recursos para sustento, até às movimentações encorajadas pelo descobrimento de novas partes do mundo, criando rotas que alteraram a vida dos lugares atravessados. Em todas as ocasiões, o processo que implicaria a mudança de um lugar para o outro não deixaria de ser uma viagem, apesar das diferentes motivações que a si estavam atribuídas.

À luz do dicionário da língua portuguesa, a palavra "viagem" surge sempre associada a uma deslocação, convocando um período de tempo que se compreende entre dois lugares - o da partida e o da chegada. Por sua vez, a origem etimológica remete para a sua origem provençal 'viatge', do latim *viaticum*, que significa via, caminho, estrada.[5]

vi • a • gem[6]
nome feminino
1. ato de ir de um lugar a outro, mais ou menos distante, geralmente utilizando um meio de transporte (aéreo, terrestre ou marítimo)
2. o percurso feito nessa deslocação; trajeto
3. ida e estadia num ou em mais locais, mais ou menos longínquos, por um determinado período de tempo, antes do regresso ao lugar de partida
4. conjunto de acontecimentos ocorridos durante um passeio, jornada, etc.

Quando a ação de nos deslocarmos adquire um sentido — e esse sentido só e apenas é reciprocamente atingido se nos deslocarmos — é ali que estamos perante a experiência de uma viagem. Ainda assim, a viagem é algo que supera o movimento no espaço. Não se resume a um percurso linear que une dois pontos, aliás, "(...) *a viagem, se tentarmos desenhá-la em termos geométricos, nunca é um segmento. Pelo contrário, é sempre um espaço, como se estivesse contido numa esfera onde correm feixes de energia: uma condição capaz de ser habitada, onde se condensam*

4 **TÁVORA, Fernando** *in* Exposição "Percurso". Disponível em https://revisitavora.wordpress.com/2016/01/14/viagem-a-grecia-2/.

5 VIAGEM *in* Dicionário da Língua Portuguesa, 2024. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/viagem.

6 VIAGEM in Dicionário da Língua Portuguesa, 2024. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/viagem.

[Fig. 1]
Salisburgo, Luigi Ghirri, 1977.

expectativas, sucessos, desilusões, sentimentos, emoções, epifanias, delírios, mas sobretudo onde se dão os encontros."[7]. A imagem da esfera, em oposição à linha reta, sublinha a natureza imersiva e multidimensional da viagem, que não se trata apenas de uma transição: para além da ação da deslocação meramente física, a sua essência reside na capacidade de sermos sensíveis aos lugares e transformar essa vivência em memórias, compreendendo-as e transformando-as posteriormente em conhecimento.

Neste sentido, a viagem é uma atividade complexa no que diz respeito ao processamento de informação, como uma espécie de "(...) *organização dinâmica, intensa, por vezes incapaz de ser desconstruída e relatada como uma sequência lógica atribuível a um relação causa-efeito* (...)"[8]. Devido ao seu carácter extremamente pessoal e significativo da experiência de cada um, pode ser considerado que quando viajamos, as coisas que vemos não são elas mesmas, mas sim elementos que têm a capacidade de ser deformados pelas nossas próprias interpretações. Quase como se o nosso olhar tivesse a capacidade de moldar aquilo que vemos, embebido nos nossos interesses e experiências anteriores.

A viagem é uma condição temporária, uma fuga momentânea da rotina. Implica que exista uma partida e um regresso. É talvez a presença num ambiente que se adivinha à partida efémero, que coloca em cada viajante uma especial curiosidade e predisposição para a descoberta; e simultaneamente alimenta uma reflexão sobre aquilo que se voltará a encontrar num futuro regresso ao lugar de partida. Tem a capacidade de nos fazer mudar e considerar várias perspetivas. De acordo com Enric Miralles, "*Viajar,* (…) *é exercitar-se na arte de despedir-*

7 **CALDERONI, Alberto**, "Esperire l'Ignoto" *in STOÀ 6 Strumenti per l'insegnamento della progettazione architettonica – Viaggi*. Milão: Thymos Books, 2023, p. 6.

8 *Ibidem.*

se para assim aprender a receber: Desprendimentos: Aprendizagens…"[9]. De facto, a mudança de ambiente apenas será proficiente se existir a recetividade certa para tal, como se fosse necessário desligar parte da consciência para ser possível receber novas referências.

O que distingue, afinal, uma viagem comum de uma viagem de arquitetura? É pouco provável que a resposta se encontre no percurso em si, uma vez que qualquer tipo de deslocação poderá ser rodeada de arquitetura. Para além disso, o viajante que não é arquiteto visita também os edifícios, monumentos, percorre as cidades, e de algum modo, experiencia o espaço construído. A diferença reside, no entanto, na forma como essa prática é abordada: numa viagem comum, o olhar tende a ser passageiro, muitas vezes condicionado por uma lógica de consumo imediato e turístico, enquanto a viagem arquitetura tende a ter uma dimensão em que se concentram vários estímulos sensoriais e racionais, sobressaíndo "(...) *diferenças, frequências, medidas, cores, tons, temperaturas, pesos, ritmos, técnicas, soluções, estratégias, sons e silêncios.*"[10]. Naturalmente, a viagem de arquitetura não se restringe apenas à recolha de factos sobre edifícios ou cidades, mas é principalmente a vontade de sair do lugar em cada um se encontra, pela necessidade de expandir o horizonte. É fundamentalmente uma atitude de procura, assim como a define Luis Moreno Mansilla: a viagem é "(...) *o encontro de algo que andamos à procura, sem saber o que é com exatidão. É a busca de uma linguagem com a qual possamos traçar os contornos das nossas ideias. Movendo-se no espaço e no tempo, a viagem não é senão a história que nos plagia; é a dilatação da nossa pupila que ilumina o espaço e aí encontramos o desconhecido revestido de intimidade.*"[11].
Independentemente do interesse pessoal de cada arquiteto, da diversidade de gerações ou dos moldes em que cada viagem foi praticada, destacam-se ao longo do tempo vários lugares que apresentam interesses comuns e que independentemente do histórico já conhecido, originam interpretações e registos à luz pessoal de cada um. Viajar representa uma estrada de possibilidades infinitas e é, geralmente, quando se procuram respostas para indagações já existentes, que se encontram novas questões, alimentanto aquilo que é a investigação em arquitetura.

Para o arquiteto, a viagem corresponde a um instrumento que integra o vasto leque de ferramentas que utiliza para obter o conhecimento e que aplica posteriormente na sua prática. É neste contexto que se torna imprescindível convocar a dimensão da memória: como afirma Alexandre Alves Costa, "*Todos os arquitectos a usam sem dar por isso: não se pode projectar sem memória, tal como não se pode projectar sem a existência de uma relação com a vida.*"[12] . Os lugares visitados e as vivências adquiridas funcionam como um estúdio vivo de aprendizagem, resultando naturalmente num método para obter conhecimento em primeira mão. Colocando-nos perante a obra e permitindo uma aproximação sensorial ao espaço construído, a aprendizagem torna-se de certa forma mais efetiva e somos levados a criar uma relação pessoal com o lugar — "*Olhamos através do espaço e, antes de mais, vemos o que o conforma, o que nos circunda, o que nos inclui, o vazio que nos inclui. Olhamos os seus limites. Somos o próprio espaço e os seus limites são os nossos limites.*"[13]. A ideia da presença do corpo na arquitetura adquire um papel fulcral, aliando a emoção à memória efetiva do conhecimento.

9 **MIRALLES, Enric** - *Fantasía muscular*. Madrid: Ediciones Asimetricas, 2021, p. 24.

10 **BRIGHENTI, Tommaso**; **GANDOLFI, Carlo**, "And I ride, and I ride" *in STOÀ 6 Strumenti per l'insegnamento della progettazione architettonica – Viaggi*. Milão: Thymos Books, 2023, p. 13.

11 **MANSILLA, Luis M.** - *Apuntes de Viaje al Interior del Tiempo.* Barcelona: Fundación Arquia, 2002, p.13.

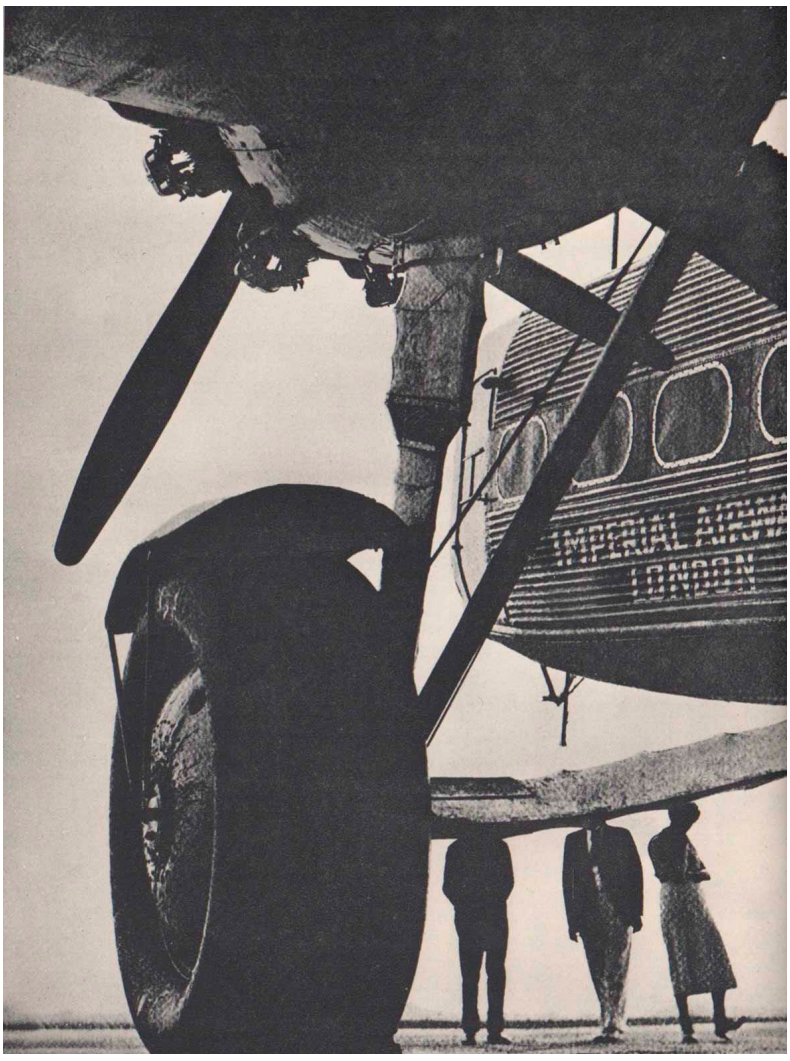
12 **ALVES COSTA**, Alexandre - *Textos Datados*. Coimbra: Edarq, 2007, p. 254.

13 *Ibidem.*

[2]
A cultura da viagem de arquitetura

[2.1] a condição da viagem

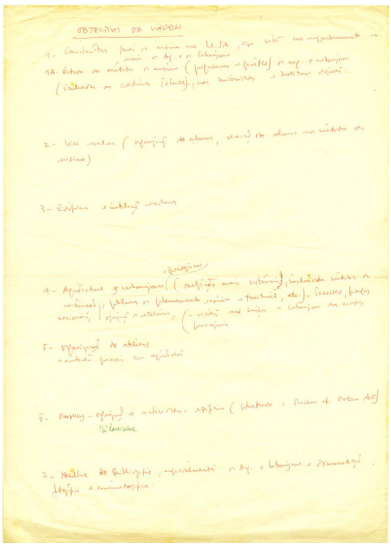
Centramo-nos particularmente nas viagens que incidem sobre a visita e o estudo de arquitetura. Categorizar os tipos de viagem, elencando uma espécie de lista da qual surgem as características de cada um dos modelos que nos indicam as formas de viajar seria um exercício de tamanho imensurável - para além da impossibilidade de autonomização de conceitos, que muitas vezes se fundem entre si multiplicando as realidades possíveis. Por esse motivo, ensaia-se de seguida uma articulação entre várias condições inerentes à prática da viagem de arquitetura, que se entendem relevantes para a construção da narrativa.



[Fig. 2]
"Aircraft", Le Corbusier, 1935.

A intencionalidade que motiva a partida em viagem influencia tanto o modo como regressamos, como o tipo de experiência que pode ser vivenciada ao longo do percurso e, embora não seja garantido que se tragam respostas definitivas, é inegável que se a partida for estimulada por uma **motivação** *a priori*, a viagem será direcionada ao seu encontro. Nesse sentido, a **preparação** é indispensável e assume uma função crucial para a efetivação das expectativas.

A não ser que se o **objetivo** seja, deliberadamente, partir à deriva e "(...) *deixar-se ir conforme as solicitações do terreno e a sua contradição necessária* (...)"[14], o planeamento da viagem inicia, habitualmente, com a decisão de um **destino** ou **itinerário** para que se possa equacionar o modo como esse percurso será realizado. Escolhem-se paralelamente o **alojamento** e os **meios de transporte** a utilizar, estuda-se a gestão dos tempos de **duração** das deslocações e paragens, e organizam-se as sequências das visitas aos diferentes lugares - equilibrando a seleção entre a proximidade geográfica e as prioridades do viajante.

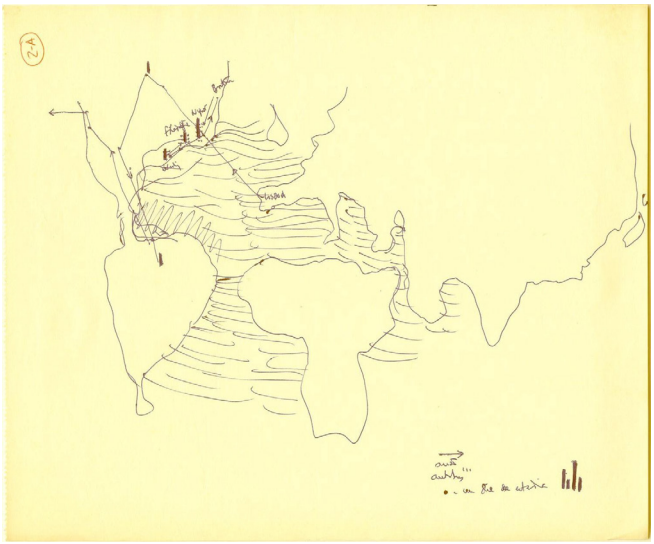


[Fig. 3]
"Objectivos de viagem", Fernando Távora, sem data.

Neste contexto, o mapa surge como um instrumento essencial para a organização do roteiro, não apenas pela sua capacidade de adaptação à escala e abrangência de cada viagem, mas também por se revelar um suporte priveligiado para a leitura e compreensão do território. Preservando as suas funções principais — como o aferimento de distâncias, a visualização de relações espaciais e a possibilidade de estruturamento de um percurso — o mapa é um recurso que tem acompanhado as evoluções tecnológicas, variando agora entre o formato tradicional em papel e as versões digitais. É evidente que os mapas digitais transformaram o planeamento das viagens, proporcionando um nível de conveniência e previsibilidade antes impensáveis: até ao início dos anos 2000, a preparação de uma viagem exigia uma organização antecipada de todos os passos, solucionando-se os eventuais imprevistos no momento. Atualmente, com o acesso aos recursos digitais, é possível organizar grande parte do roteiro de uma forma mais eficiente, antecipando os percursos, verificando horários de transportes, agendando visitas e, já em viagem, permitindo encontrar rapidamente o caminho certo caso haja um desvio acidental. O *Global Positioning System* (GPS) está integrado em aplicações de mapas digitais como a *Google Maps* ou *Waze* e, tal como o próprio nome indica, é um sistema de navegação por satélite, capaz de fornecer informações precisas sobre a localização do utilizador em qualquer parte do mundo. Deste modo, ao mostrar ao viajante a sua posição em tempo real e otimizar as rotas de deslocação, a probabilidade de se enganar no percurso reduz significativamente — situação que aconteceria com maior frequência quando o uso dos mapas em papel era a principal forma de orientação. A elaboração prévia de um roteiro funciona como um guia, uma diretriz que facilita a organização da viagem e antecipa a seleção dos lugares a visitar. No entanto, não é algo a ser necessariamente seguido rigidamente e está sempre sujeito a alterações, possuindo a capacidade de se adaptar aos imprevistos meteorológicos, logísticos ou infraestruturais encontrados ao longo da viagem.

Partindo do **contexto** em que se propicia a realização de uma viagem para o estudo de arquitetura, podem-se considerar os enquadramentos **académico**, **profissional** ou de iniciativa pessoal, que neste caso poderemos intitular de "**autónomo**". No primeiro caso, a viagem tem um carácter predominantemente pedagógico, sendo frequentemente realizada com o apoio

14 **DEBORD, Guy** - "Théorie de la derive", Les Lèvres Nues, nn. 8/9, novembro de 1956 in **CARERI, Francesco** – *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Barcelona: Gustavo Gili, 2013, p. 88.



[Fig. 4]
Mapa desenhado por Fernando Távora, com a indicação do percurso nos EUA e México, Fernando Távora, 1960.

[Fig. 5]
Mapa com anotações do percurso nos EUA, Fernando Távora, 1960.

da instituição (escola, universidade ou centro de investigação) responsável - quer seja no delineamento dos objetivos de aprendizagem, como em termos logísticos. É ainda importante distinguir a condição do viajante. Quando realizada **enquanto estudante** (seja no contexto académico ou autonomamente), a viagem manifesta-se como um momento de constante descoberta e aprendizagem não apenas no que diz respeito às questões formais da arquitetura, mas sobretudo no modo de a interpretar e compreender criticamente. Nas viagens **em grupo**, este fator é amplificado, uma vez que os momentos de partilha de ideias entre estudantes ou entre estudantes e professores frequentemente induzem a debates intergeracionais e de construção coletiva de conhecimento. A viagem **enquanto docente** que acompanha os estudantes define uma posição orientadora sobre as formas de interpretação possíveis, transcendendo a mera transmissão de conteúdos na desafiante tarefa que é ensinar a olhar perante uma imensidão[15]. Neste espaço de diálogo, o questionamento que se manifesta a partir da experiência *in loco* não desafia apenas os estudantes, mas provoca igualmente o docente, no lugar de arquiteto, a refletir sobre o que vê e a reinterpretar a realidade a partir de novas necessidades.

O caráter formativo da viagem não se limita, no entanto, às experiências realizadas no contexto escolar ou universitário, estendendo-se ainda àquelas de iniciativa pessoal, que, por sua vez, se configuram como oportunidades de aprofundamento aos temas abordados nas aulas ou a áreas de interesse análogas mas pouco exploradas no enquadramento académico. Ademais, é nestas ocasiões que se propiciam as viagens entre grupos de amigos que, partilhando semelhantes curiosidades, inquietações ou questões, *juntam o útil ao agradável* e aproveitam a circunstância para adensar o conhecimento num ambiente de lazer e descontração, característico da atmosfera da amizade.

Por último, as viagens que se concretizam por demandas profissionais, promovidas no contexto do trabalho de arquitetura, [ou, como diria Eduardo Souto de Moura, "(...) *uma viagem específica para resolver um problema* (...)"[16]]. Estas viagens, que se entendem como uma necessidade —

15 Referência ao conto de Eduardo Galeano citado pela professora Madalena Pinto da Silva na Conferência "As viagens do 2º ano", ao expôr o que considera ser o papel do docente na viagem com os estudantes. *"Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovakloff, levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul. Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas, esperando. Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza. E quando finalmente conseguiu falar, tremendo, gaguejando, pediu ao pai:*
- Pai, ensina-me a olhar!"
[*in* **GALEANO, Eduardo** - *O Livro dos Abraços*. Lisboa: Orfeu Negro, 2021].

16 **ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni** – *Eduardo Souto de Moura*. Milão: Electa, 2003, p. 438.

quer seja para visitar o local de uma obra, dar uma aula, ou realizar uma conferência — são geralmente oportunidades para aproveitar a deslocação imposta e, no tempo que remanesce, descobrir novos lugares ou visitar obras que ali se encontram.

Podem considerar-se ainda dois tipos de viagem: as **de descoberta** e as **de revisitação** a lugares já antes visitados. O deslocamento que se dá rumo ao desconhecido mobiliza um olhar inaugural, sensível à surpresa; no entanto, a repetição de uma paragem é também uma oportunidade de reinterpretação, de ver o que era impossível captar num primeiro olhar. Nesta linha de pensamento, é relevante convocar a abordagem do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, quando, na sua obra *A Repetição* (1843), propõe a repetição como um conceito existencial, contrapondo-o à simples recordação. Para Kierkegaard, repetir não é voltar ao passado, mas apropriar-se do presente com um novo grau de consciência. Segundo o seu raciocínio, "*a repetição é a realidade, e é a seriedade da existência. Aquele que quer a repetição amadureceu em seriedade.*"[17]. Trata-se, portanto, de uma ação intencional e sobretudo reflexiva, que implica uma disposição para encarar a mesma natureza com um olhar mais atento e experiente. Este sentido de redescoberta é partilhado por Eduardo Souto de Moura, quando recorda as viagens que fez ao México para ver a obra de Barragán, descrevendo com clareza as diferentes experiências: "*A primeira viagem foi uma revelação*, (…) *a segunda vez fui para perceber como tinha construído a forma.* (…) *É o género de viagem que serve para confirmar.*"[18]. A nova experiência pode diferenciar-se tanto pela interpretação pessoal, que pode ser distinta dependendo do momento em que se realiza 'a mesma' viagem, ou por condições externas: sejam elas meteorológicas, resultantes do contexto sociocultural ou eventuais alterações das suas características físicas.

Para além disso, uma visita rápida poderá ter uma interpretação distinta de uma permanência demorada e passível de uma observação atenta, que permite ter o tempo de contemplar detalhes, perceber variações de luz ou atentar em interações sociais com o espaço. Neste caso, o **tempo** — habitualmente designado como a quarta dimensão da arquitetura[19] — é também um agente contribuidor para a multiplicidade de interpretações que o mesmo espaço pode ter. Alargando esta ideia à dimensão temporal da viagem, que já por si, se configura num período delimitado pelo seu início e fim, pode afirmar-se que uma viagem de curta duração terá certamente um envolvimento distinto comparativamente a outra que permita um longo período em mobilidade.

Nas palavras de Alexandre Alves Costa, referindo-se aos lugares que deseja revisitar, "*Existirão sempre novas leituras. Leremos sempre os mesmos romances, os mesmos poemas e reveremos sempre os mesmos filmes.*"[20].

Cada experiência é, por isso, uma experiência irrepetível.

17 **KIERKEGAARD, Søren** - *A Repetição*. Lisboa: Relógio d'Água, 2009, p. 21.

18 **ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni** – *Eduardo Souto de Moura.* Milão: Electa, 2003, p. 438.

19 **ZEVI, Bruno** - *Saber ver a Arquitectura.* São Paulo: Martins Fontes Editora, 2019, p. 21.

20 **COSTA, Alexandre Alves,** *in* 7 Arquitectos à volta do mundo (https://www.publico.pt/2011/12/17/jornal/7-arquitectos-a-volta-do-mundo-23635908), consultado em 20/10/2024.

[2.2] metodologias de registo de viagem

Um dos inúmeros frutos da viagem é a produção de registos — resultado de um desejo de fixação do momento — seja através de desenhos *in situ*, da captura de imagens através da fotografia, da escrita ou mesmo por meio de objetos encontrados no caminho. Evidentemente, o método de registo varia consoante a condição e ambição do viajante, não se excluindo ainda a possibilidade de viajar sem apurar qualquer tipo de registo físico, depositando a completa confiança na reminiscência da experiência. Em todo o caso, os registos de viagem denotam-se como priveligiados auxiliadores da recolha mental que, apesar de exercícios imediatos — tendo em conta o caráter efémero da viagem — aspiram à permanência, funcionando como portas de acesso capazes de reanimar as memórias e reconstituir as vivências.

Desenho

> "*Para ver, mais do que olhar, usamos o desenho. Por isso viajamos, olhamos, desenhamos, vemos. Os desenhos não substituem o real, mas explicam-no melhor do que a nossa preguiçosa experiência directa, porque entre ela e a sua representação existe um olhar que decifra todos os seus enigmas.*"[21]

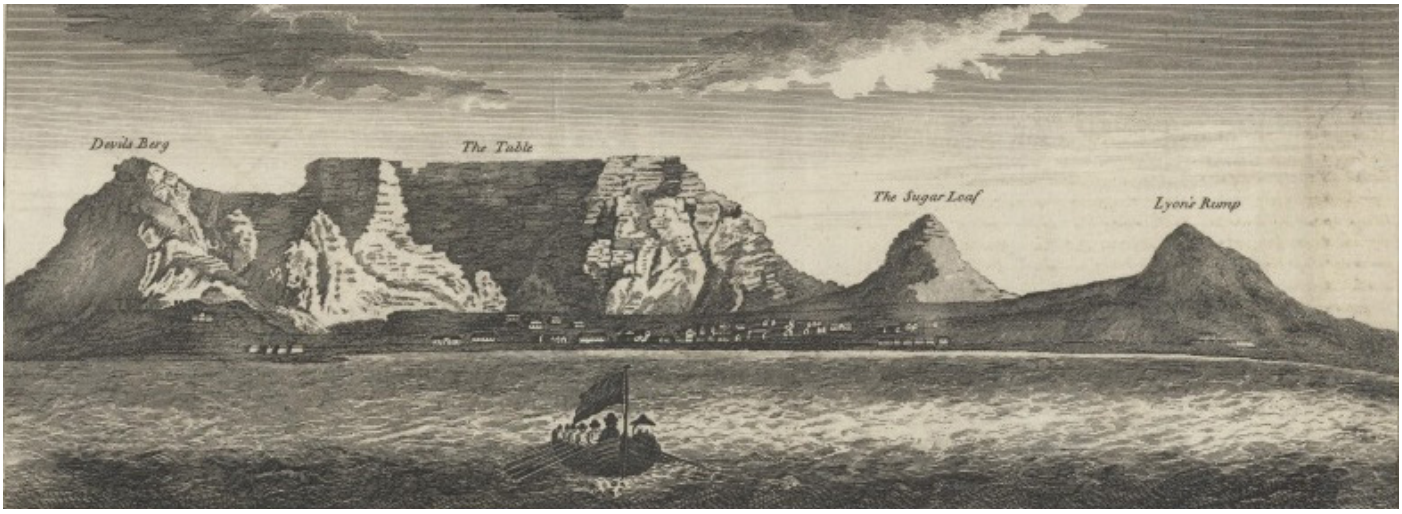
No contexto da viagem, o registo desenhado, mais que um testemunho, nasce da necessidade de documentação. No século XVI, quando o rumo a terras cada vez mais remotas demandava a fixação dos novos conhecimentos no papel, os registos consistiam essencialmente na anotação de percursos terrestres e marítimos[22] por meio de planisférios elaborados através da observação direta. Para além disso, para auxílio visual em próximas viagens, eram produzidos desenhos e aguarelas das paisagens dos lugares onde se identificavam portos seguros para paragem. Este tipo de registo configurava-se, deste modo, como "*uma prática de marear por rotas inexploradas, prevendo deliberadamente um reuso, como guia para futuros viajantes com o mesmo itinerário*" [23]. O desenho de viagem, de caráter profundamente etnográfico, ocupa um lugar crucial no universo dos métodos de registo, particularmente na época que precede a invenção da câmara fotográfica.

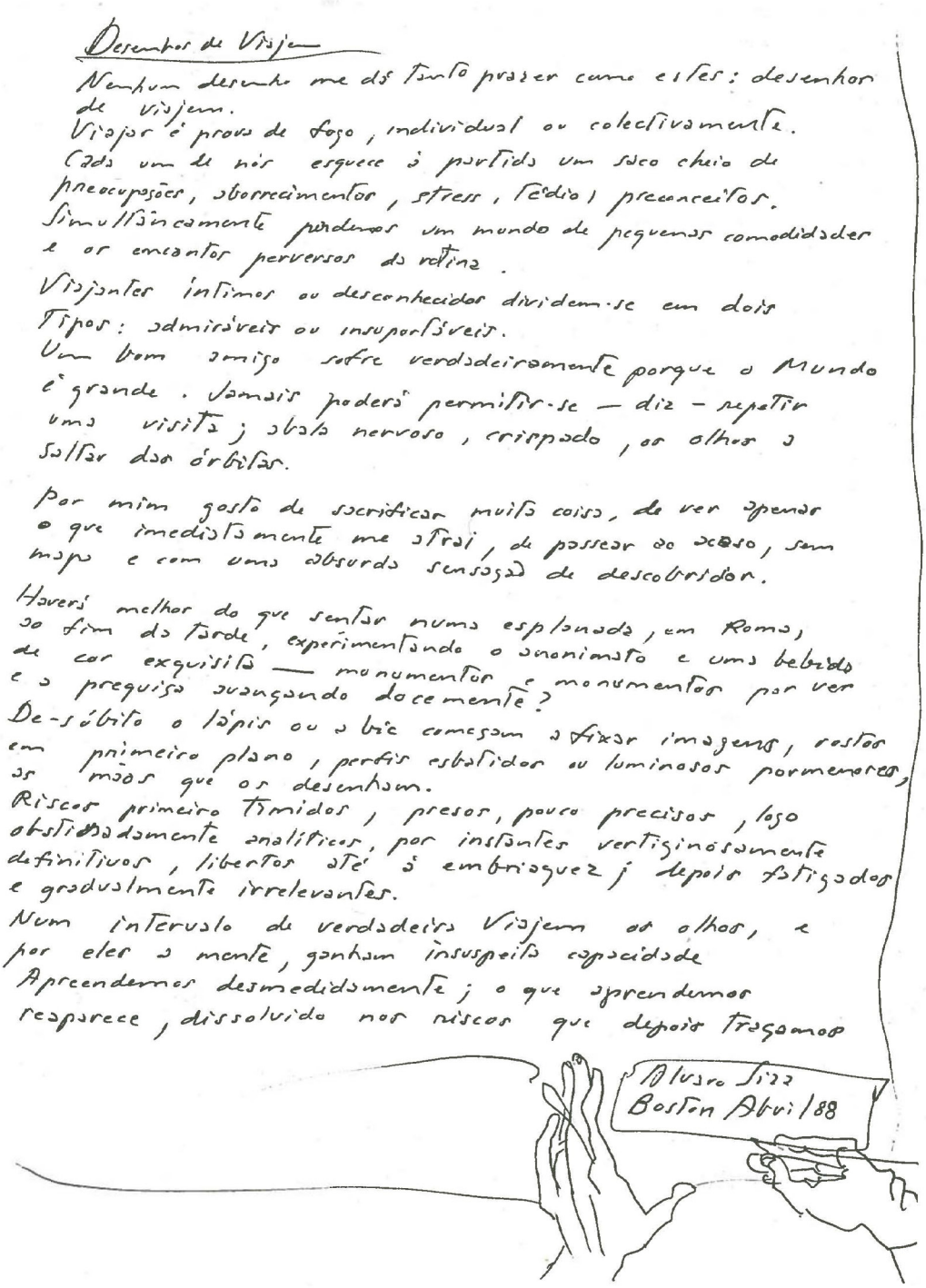
[Fig. 6]
Cabo da Boa Esperança, desenho em diário de bordo, 1794.

21 **COSTA, Alexandre Alves** – *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. Porto: FAUP Publicações, 2007, p. 140.

22 **MARNOTO, Rita** *in* **TÁVORA, Fernando** – *Diário de "bordo"* (coord. Álvaro Siza). Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012, p. 17.

23 *Ibidem.*





Desenhos de Viagem

Nenhum desenho me dá tanto prazer como estes: desenhos de viagem.
Viajar é prova de fogo, individual ou colectivamente.
Cada um de nós esquece à partida um saco cheio de preocupações, aborrecimentos, stress, tédio, preconceitos.
Simultâneamente perdemos um mundo de pequenas comodidades e os encantos perversos da rotina.
Viajantes íntimos ou desconhecidos dividem-se em dois tipos: admiráveis ou insuportáveis.
Um bom amigo sofre verdadeiramente porque o Mundo é grande. Jamais poderá permitir-se — diz — repetir uma visita; abala nervoso, crispado, os olhos a saltar das órbitas.

Por mim gosto de sacrificar muita coisa, de ver apenas o que imediatamente me atrai, de passear ao acaso, sem mapa e com uma absurda sensação de descobridor.

Haverá melhor do que sentar numa esplanada, em Roma, ao fim da tarde, experimentando o anonimato e uma bebida de cor exquisita — monumentos e monumentos por ver e a preguiça avançando docemente?
De-súbito o lápis ou a bic começam a fixar imagens, rostos em primeiro plano, perfis esbatidos ou luminosos pormenores, as mãos que os desenham.
Riscos primeiro tímidos, presos, pouco precisos, logo obstinadamente analíticos, por instantes vertiginosamente definitivos, libertos até à embriaguez; depois fatigados e gradualmente irrelevantes.
Num intervalo de verdadeira Viagem os olhos, e por eles a mente, ganham insuspeita capacidade
Aprendemos desmedidamente; o que aprendemos reaparece, dissolvido nos riscos que depois traçamos

Álvaro Siza
Boston Abril 88

[Fig. 7]
"Desenhos de viagem, Álvaro Siza, Boston, 1998.

"Desenhos de viagem

Nenhum desenho me dá tanto prazer como estes: desenhos de viagem.
Viajar é prova de fogo, individual ou colectivamente. Cada um de nós esquece à partida o saco cheio de preocupações, aborrecimentos, stress, tédio, preconceitos.
Simultaneamente perdemos um mundo de pequenas comodidades e os encantos preversos da rotina.

Viajantes íntimos ou desconhecidos dividem-se em dois tipos: admiráveis ou insuportáveis.

Um bom amigo sofre verdadeiramente porque o mundo é grande. Jamais poderá permitir-se - diz - repetir uma visita; abala nervoso, crispado, os olhos a saltar as órbitas.

Por mim gosto de sacrificar muita coisa, ver apenas o que imediatamente me atrai, de passear ao acaso, sem mapa e com uma absurda sensação se descobridor.
Haverá melhor do que sentar numa esplanada, em Roma, ao fim da tarde, experimentando o anonimato e uma bebida de cor exquisista - monumentos e monumentos por ver e a preguiça avançando docemente?

De súbito o lápis ou a Bic começam a fixar imagens, rostos em primeiro plano, perfis esbatidos ou luminosos pormenores, as mão que os desenham.
Riscos primeiro tímidos, presos, pouco precisos, logo obstinadamente analíticos, por instantes vertiginosamente definitivos, libertos até à embriaguez; depois fatigados e gradualmente irrelevantes.

Num intervalo de verdadeira viajem os olhos, e por eles a mente, ganham insuspeita capacidade.

Aprendemos desemdidamente; o que aprendemos reaparece, dissolvido nos riscos que depois traçamos.

Boston, Abril 1988"

O desenho de viagem estabelece-se como um meio privilegiado no apoio à observação, sustentado, sobretudo, pelo desejo de compreender o que se observa: a função ilustrativa é frequentemente superada, e a representação da realidade não exige uma reprodução fiel, mas antes a capacidade de transmitir a essência daquilo que se pretende registar. Através do desenho, torna-se possível estabelecer uma hierarquia nas informações observadas, compondo camadas de detalhe ou de abstração que refletem, intencionalmente, o olhar do observador e que dialogam com o seu universo pessoal através de notas, pequenos esquissos ou medidas rabiscadas. Intermediário das preferências e sensibilidades, o esquisso revela a curiosidade do desenhador e as suas influências, que se fundem num jogo de anotações sobre o ambiente vivenciado e as particularidades de arquitetónicas e etnográficas.

Nos registos de viagem, o autor aparenta estar simultaneamente dentro e fora deles. Fora, porque ao mesmo passo que viaja, depara-se com uma imensidão de elementos que à partida serão novidade e que por isso estabelecem uma certa relação de estranheza, afastamento, expectativa — afinal, o viajante não deixa de ser um espectador dos lugares que visita; e dentro, porque é o autor que desempenha o papel de protagonista ao longo da narrativa, construindo através do desenho um raciocínio de imediata ligação com o procedimento intelectual, num exercício de profunda interpretação pessoal — decidindo o que representar, e de que modo fazê-lo. Os desenhos de viagem *in loco* situam-se assim uma variação entre a capacidade de superar a estranheza de turista e o acesso à dimensão de residente, atriculando-se ainda com a perspetiva de perceção exterior, natural do viajante.

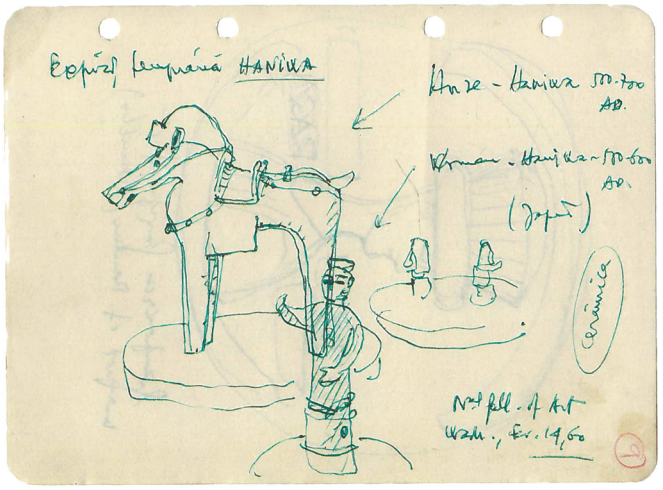
Este modo de interpretar a realidade destaca-se principalmente nos desenhos de Álvaro Siza, cujos registos transmitem muito claramente um ponto de vista pessoal e de perceção através do olho do observador, numa atitude predominantemente autorreflexiva. Para Siza, "(...) *desenhar faz parte do prazer da viagem e das suas pequenas descobertas.*"[24], integrando-se de forma orgânica na experiência — não apenas no que concerne à representação da aquitetura — mas também aos momentos mais triviais da viagem, desenvolvendo assim um processo contínuo de documentação. A representação do seu próprio caderno e da mão direita, com a qual representa a ação de desenhar, convida a uma oscilação entre a posição de observador e o que está a ser observado; e a partir da representação do seu próprio corpo é ainda possível subentender a proximidade que o autor estabelece com o lugar, tornando-se ele próprio parte da cena que retrata. A perceção dos lugares vai evoluindo a par dos registos: "*Os primeiros desenhos são sempre mais concentrados, mas logo um deles vai libertando a mente e a mão, com maior espontaneidade na sua perceção.*"[25] São desenhos idealmente pouco demorados, consequência do movimento e deslocação que a viagem implica, porém, de um modo ou outro, permanece sempre a memória provocada pelo desenho, "*Não se pode desenhar tudo… ou porque não há tempo, ou porque não se consegue* (...)"[26]. Apesar de tudo, é o tempo limitado que estimula a seleção dos traços capazes de uniformizar e sintetizar o discurso que se pretende registar.

O suporte privilegiado para os registos desenhados é o caderno. Independentemente da sua diversidade de formatos e feitios, o caderno de desenho responde ao fator imperativo

24 **SIZA, Álvaro** – *02 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2018, pp. 36-37.

25 *Ibidem.*

26 **TÁVORA, Fernando** - Entrevista, JMSM, Porto 2002 *in* **TÁVORA, Fernando** – *As raízes e os frutos Volume 1. Tomo 1.1. O meu caso Arquitectura, Imperativo Ético do Ser*. Porto: Fundação Instituto José Marques da Silva, 2020.



[Fig. 8]
Álvaro Siza, desenho de viagem, Roma, 1980.

[Fig. 9]
Álvaro Siza, desenho de viagem, Rio de Janeiro, 1982.

[Fig. 10]
Álvaro Siza, desenho de viagem, Macau, 1983.

[Fig. 11]
Fernando Távora, Desenho de figuras do período Haniwa com anotações, Washington, 1960.

[Fig. 12]
Eduardo Souto de Moura, desenho de viagem, sem data.

da viagem: a portabilidade. Tendo em consideração a questão já colocada anteriormente por Philip Cabau[27], "*O que permite um objeto tão rudimentar sobreviver num universo digital conectado e tecnologicamente tão sofisticado?*"[28], reflete-se sobre a realidade atual — incontornavelmente vinculada à dimensão digital das imagens — e como ainda assim, "(...) *é surpreendente o quanto os cadernos de desenho retomam, progressivamente, esse papel de «dispositivo de contacto»*."[29]. Através da constatação do panorama presente, poderá deduzir-se, por isso, que a forma de perceção através do desenho é insubstituível, e que assegura uma perspetiva em falta sobre os métodos 'acelerados' de registo. Permanecendo tecnologicamente desajustado do seu tempo, a sua força reside precisamente na "*pobreza do meio*"[30], por sua vez rica pela fisicalidade do gesto, temporalidade do traço e versatilidade de expressão.

Uma das vantagens do desenho é a capacidade de se adaptar a vários suportes para além do caderno, permitindo desenhar a qualquer momento e em qualquer lugar, fazendo-se uso, por vezes, do que se tem à mão. Como refere Souto de Moura, "*Desenhar, para um arquiteto, é correr contra o tempo, é tomar o que estiver ao alcance da mão: uma caixa de fósforos, um bilhete do elétrico, um maço de tabaco virado do avesso, os sacos para os enjoos do avião, ou o nosso caderno, que não deve ser de bom papel.*"[31]. Esta versatilidade estende-se também às ferramentas de desenho, cuja diversidade – entre lápis, canetas, lápis de cor ou aguarelas - permite explorar diferentes linguagens gráficas e adaptar a expressão ao que se pretende representar.

O desenho, "*sinal seguro da presença do homem*"[32], é um testemunho sensível da passagem do tempo, carregando várias camadas interpretativas e revelando não apenas o que se vê, mas sobretudo como se vê – refletindo uma leitura subjetiva e temporal da realidade que se percorre. "*Não se substitui ao real, objeto da experiência direta mas* (…) *vai revelando todos os seus atributos, ou, mais exatamente, aqueles que ao autor se revelam como mais importantes* (...)"[33], aponta Sérgio Fernandez. A metodologia do desenho contribui para a fixação das imagens, sobretudo no espaço da consciência: "*Mais do que desenho no papel é desenho na memória* (...)"[34], permitindo assim que a matéria tangível seja mobilizada, posteriormente, para o processo criativo do autor.

27 Philip Cabau é arquiteto, doutorado e professor adjunto na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha (ESAD.CR/IPL) e integra, desde 2000, a Direcção do Ar.co (Centro de Arte e Comunicação Visual, em Lisboa). Paralelamente ao percurso docente e ensaístico foi autor de diversos projectos de arquitectura, cenografia, desenho de exposições e mobiliário.

28 **CABAU, Philip** – "Os cadernos etnografados" *in* **CABAU, Philip; ALMEIDA, Sónia Vespeira de; MAPRIL, José** (coord.) - *Desenho etnográfico. Um curso breve duas vezes.* Lisboa: editora Palavrão, 2018, pp. 40-41.

29 *Ibidem*, p. 41.

30 *Ibidem.*

31 **SOUTO DE MOURA, Eduardo** – *Architetti, architettura.* Milão: Electa, 2023, p. 48. Tradução livre.

32 **COSTA, Alexandre Alves** – *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. Porto: FAUP Publicações, 2007, p. 149.

33 **FERNANDEZ, Sérgio** – Texto lido na sessão "Um Objeto e seus Discursos", na Casa Atelier Marques da Silva, 9 de Abril 2016. Disponível em https://issuu.com/fundacaomarquesdasilva/docs/texto_um_objecto_e.

34 *Ibidem.*

Fotografia

> "*No início, como da tradição lecorbusiana, como todos os arquitectos, fazia uns esquissos de viagem.* (…) *A experiência levou-me a trabalhar com fotografia para ter sempre à mão o elemento que realmente me afectou e interessou.*"[35]

A fotografia - e cumulativamente, o vídeo - emergem como meios contemporâneos fundamentais para o registo, investigação e arquivo da experiência da viagem, assumindo-se como uma ferramenta que, paralelamente ao desenho, não é apenas documental, mas também interpreta e comunica a experiência do lugar. A comparação, por vezes controversa, entre o desenho de viagem e a fotografia revela-se, em muitos casos, imprecisa, uma vez que ambas as práticas operam segundo lógicas distintas. Enquanto o desenho implica um processo ativo de construção, baseado na síntese através da observação, a fotografia surge inteiramente daquilo que já existe, atuando como uma operação de seleção e fixação imediata da realidade. Longe de se excluírem, estas abordagens podem, no entanto, complementar-se, contribuindo, cada uma à sua maneira, para a construção de um registo mais rico, subjetivo e plural da experiência arquitetónica.

O fotógrafo italiano Luigi Ghirri, cuja obra estabelece um diálogo permanente entre fotografia, paisagem e arquitetura, afirma em 'Cardboard Landscapes': "*Quando viajo, tiro dois tipos de fotografias: aquelas típicas que toda a gente tira que, no final, pouco me interessam; e depois as outras, as que me interessam realmente e as únicas que considero realmente 'minhas'.*"[36]. A fotografia permite diferentes níveis de envolvimento e intenção: pode ser captada de forma imediata, quase impulsiva, funcionando como um reflexo direto da perceção momentânea, ou construída com um maior cuidado compositivo, num gesto milimetricamente deliberado. Em ambos os casos, isolar um enquadramento fotográfico implica sempre uma escolha, dando assim lugar a uma leitura subjetiva e crítica da realidade observada. Através da fotografia é possível construir narrativas e sequências que não revelam apenas aspetos formais, mas também particularidades sobre o contexto e a atmosfera - muitas das vezes mais eficaz na sua transmissão do que através do desenho.

Para além disso, a posterior possibilidade de manipulação dos documentos fotográficos através de processos alternativos como, por exemplo, a colagem, expande ainda mais o potencial da fotografia. No que diz respeito aos registos de viagem através da fotografia, Souto de Moura reconhece esta versatilidade, afirmando: "*Faço fotografias normais, que se podem digitalizar, manipular, que possam ser uma base para o desenho. No fim, o que conta mais é o registo mental, porque é impossível dominar de outra forma a escala, as proporções.*"[37]. É reforçada a importância da sensibilidade do olhar, como um mediador entre a experiência e o registo, sublinhando ainda a relevância da construção de um atlas visual, como um arquivo em constante expansão.

35 **ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni** – *Eduardo Souto de Moura.* Milão: Electa, 2003, p. 438.

36 **GHIRRI, Luigi** – *The Complete Essays 1973-1991.* Londres: MACK, 2021, p. 17.

37 **ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni** – *Eduardo Souto de Moura.* Milão: Electa, 2003, p. 438.

[Fig. 13]
Coleção de slides de *Atenas 1*, Hermes, impressão Kodak, sem data.

Escrita

Os registos escritos estão frequentemente presentes nos cadernos de viagem: muitas vezes em forma de apontamentos, complementando os desenhos com informações técnicas e descrições, mas também em textos de carácter introspetivo, tais como reflexões pessoais ou poemas. A ferramenta do texto permite ao viajante fixar elementos efémeros, para além dos que os olhos conseguem ver. Os ruídos, cheiros e sensações que acompanham a experiência de um novo lugar dificilmente se conseguem captar numa fotografia, ou nos traços do desenho, e para isso, são necessárias descrições, comparações e detalhamento que só é atingível através das palavras.

O *Diário de Bordo*[38] da viagem de Fernando Távora aos Estados Unidos e Japão, poderá ser um claro exemplo de um desejo constante de compreender a novidade com que contacta. No seu caso, o registo no diário é um hábito, uma "(...) *rigorosa escansão temporal, como se de um ritual se tratasse* (...)"[39] e incorpora uma componente essencial dessa viagem, "(...) *ao longo de quatro meses, todos os dias registou a sua actividade e as suas observações e impressões acerca de cada jornada num caderno de pequenas folhas presas por um mecanismo, sendo o texto muitas vezes acompanhado por desenhos.*"[40]. A passagem dos dias vai sendo relatada, eternizando assim a sua experiência, e no decorrer da viagem, "(...) *cada jornada é como uma ficha onde são registados encontros, deslocações, sessões académicas, visitas a escolas, cidades, lugares e obras, refeições, condições de alojamento, aquisições e despesas, casos e humores do quotidiano.*"[41] As reflexões do diário de viagem, ainda que surjam a partir de um tom confessional, têm a capacidade de se expandir e relacionar com o exterior, manifestando-se frequentemente sobre aquilo que observa e aprende. A abertura de espaço para a interseção do mundo interior com o mundo exterior, ativada pelo pensamento é, por isso, uma das características singulares do registo escrito.

38 O 'Diário de Bordo' do arquiteto Fernando Távora documenta a viagem que o autor iniciou no dia 13 de Fevereiro de 1960, em direção a oeste, e que se concluiu a 12 de Junho do mesmo ano. Ao longo de quatro meses, todos os dias registou a sua atividade e as suas observações num caderno, sendo o texto muitas vezes acompanhado por desenhos. Este conjunto de materiais foi editado e publicado em dois volumes pela Fundação Instituto José Marques da Silva, em 2012.

39 **MARNOTO, Rita** *in* **TÁVORA, Fernando** – *Diário de "bordo"* (coord. Álvaro Siza). Porto: Associação Casa da Arquitectura, 2012, p. 15.

40 *Ibidem.*

41 *Ibidem.*

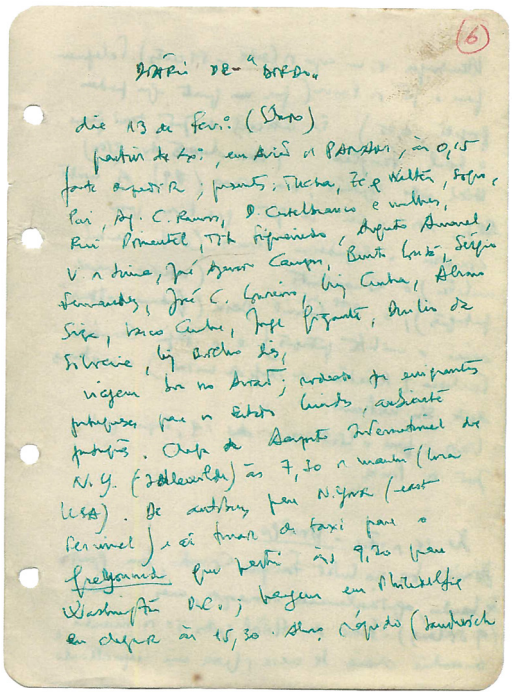
VIAGEM À GALIZA
1995, Santiago de Compostela

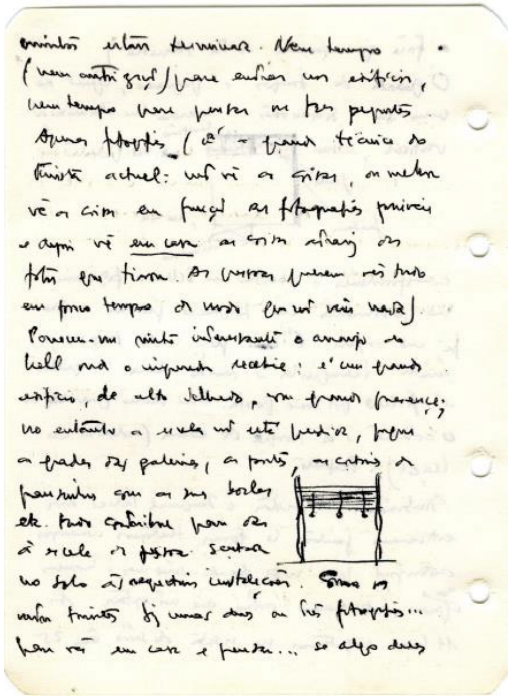
O Carlos*, que é exímio
a programar destas fugas,
promoveu um grande encontro
entre galegos e tugas …

… e lá viemos em grupo,
com tempo fenomenal,
num bus cheio de arquitectos
do Norte de Portugal…

… pra ver o que há de comum
nas várias realidades
e a discutir as razões
da crise de identidade.

*Carlos Prata.
"Escrito na camioneta, no regresso da viagem à Galiza de um conjunto alargado de arquitectos no âmbito do "I Encontro de Arquitectos Galegos e do Norte de Portugal." A magnífica organização desta viagem foi da responsabilidade de Carlos Castanheira."





Objetos colecionados

A recolha de elementos materiais durante a viagem é geralmente uma forma de registo espontânea. Entre bilhetes de transportes públicos, cartões de restaurantes, postais, recibos de despesas, mapas da cidade ou catálogos de exposições, vão-se reunindo fragmentos dos lugares, simultaneamente exigidos pela necessidade e confirmadores — quer das passagens, quer das paragens. Esta recolha não se considera intrinsecamente conectada com a viagem de arquitetura, mas é uma prova da vivência: fator indispensável em qualquer tipo de viagem.

Por uma questão de transporte, demanda-se quase sempre que a dimensão de cada objeto que se vai colecionando ao longo da viagem seja reduzida. Para além dos chamados *souvenir*, objetos conectados com as tradições locais, muitas das vezes são guardados também peças aparentemente menos prováveis, mas que construíram um significado específico para o viajante. Uma pequena pedra, uma folha de árvore que secará posteriormente entre as folhas do caderno, ou mesmo um livro específico que se encontra apenas naquele lugar.

Os objetos recolhidos ultrapassam a sua dimensão física, representando apenas elementos tácteis conectores de lugares muitas vezes distantes.

[Fig. 14]
Viagem à Galiza, José Gigante, 1995.

[Fig. 15]
Primeira página do Diário de Bordo, Fernando Távora, 1960.

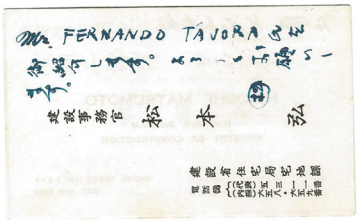
[Fig. 16]
Diário de Bordo, Fernando Távora, 1960.

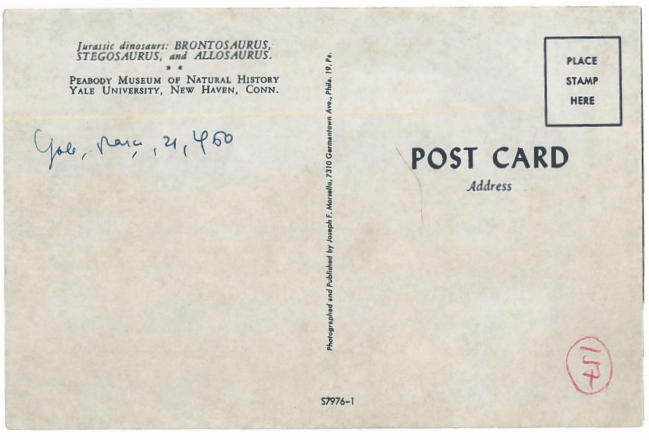
[Fig. 17]
Cartão de visita de Hiroshi Matsumoto com anotações manuscritas, Fernando Távora, 1960.

[Fig. 18]
Cartão de visita, verso com anotações manuscritas, Fernando Távora, 1960.

[Fig. 19]
Postal do Ingalls Rink, face com imagem fotográfica, Fernando Távora, 1960.

[Fig. 20]
Verso do postal do Ingalls Rink, face com datação manuscrita "Yale, Março 21, 1960", Fernando Távora, 1960.





[2.3] a viagem na formação do arquiteto

No mundo clássico, viajar estaria longe de representar um momento de aprendizagem ou lazer. Na verdade, qualquer deslocação deveria presumir um sentido de utilidade que justificasse o perigo, a delonga e os custos da empreitada[42]. Seria por isso impensável considerar embarcar numa viagem cujos motivos não se revelassem extremamente necessários − fosse por uma questão de sobrevivência, ou por motivos relacionados com o domínio e a conquista. Ao longo da História, são vários os episódios que denotam a coragem de abandonar o território seguro, entre eles, "(...) *as colónias comerciais estabelecidas pelos fenícios, as invasões bárbaras, o desembarque dos vikings na América do Norte, os normandos na América do Sul* (...)"[43], e as conquistas de "*Alexandre Magno, Júlio César, Gengis Khan, as Cruzadas ou Cortés.*"[44]. A dimensão espiritual justificava ainda uma excecional causa de deslocação, como as peregrinações à Terra Santa ou Jerusalém, que se viviam em sofrimento e acreditando que aquele seria um caminho para a salvação. Na época medieval, a viagem - carregada de significado e risco - continuava a ser um acontecimento invulgar, salvo as poucas exceções entre cavaleiros, mensageiros, comerciantes e membros do clero, cujas partidas se cumpriam quase sempre sob proteção institucional ou religiosa.

[Fig. 21]
Visita de Johann Wolfgang von Goethe ao Coliseu em Roma, Jakob Philippe Hackert, c.1790.

[Fig. 22]
Vista do mosteiro de Sant'Onofrio no Gianicolo ao sul de Roma, Karl Friedrich Schinkel, 1824.

[Fig. 23]
Ca d'oro Veneza, John Ruskin, 1845.

A realização de viagens prolongadas, com o objetivo de instrução e ócio passaram a estar presentes apenas após o período medieval, iniciando-se o seu desenvolvimento nos séculos XVI, XVII e XVIII[45]. É também neste contexto que surgem as primeiras conceções dos guias de viagem, "(...) *onde se representam cidades e paisagens com indicação de distâncias e tempos, locais de referência e características físicas ou culturais.*"[46]. A partir daí, a viagem passou a ser vista como parte de uma educação ideal e a integrar a imagem da elite social para obtenção de conhecimento nas áreas da arte e da literatura. O *Grand Tour*, costume célebre entre jovens de classe média-alta aspirantes a artistas e arquitetos, consistia numa jornada por vários países da Europa sustentada pela família, com o objetivo de incentivar e promover o contacto com a cultura. Atuando como uma oportunidade para a expansão dos gostos culturais através da experiência e o alargamento da consciência dos contextos geográfico e cultural, as visitas eram frequentemente acompanhadas por leituras de origem latinas e gregas. Os destinos mais recorrentes incluíam França, Alemanha, Suíça, Grécia e, sobretudo, Itália, que assumia um papel central no imaginário cultural europeu, estabelecendo-se assim rotas que viriam a ser repetidas com frequência por várias personagens ao longo dos séculos, e assinalando-se paragens que se viriam a tornar etapas emblemáticas: era comum passar por cidades como Paris e Lyon, atravessar os Alpes em direção a Turim e Milão, parar em Génova e daí descer a costa até Pisa, Florença e Roma, seguindo até Nápoles e, eventualmente, terminando o percurso de retorno em Veneza.[47] Viaja-se a cavalo, de carroça ou de barco, em busca da sabedoria eterna através de uma viagem que se espera transformante.

A experiência da viagem definiria um método de instrução baseado na aprendizagem através da interação direta e com a vivência, permitindo a aproximação a vários marcos da arquitetura, entre elas obras da Antiguidade Clássica e do Renascimento. Para além da dimensão cultural profundamente presente, também a influência social é um fator determinante, significando

42 **GONÇALVES, José Fernando** – "Viagens, viajantes e registos de viagem" *in Desenhar em Viagem. Sete Percursos*. Coimbra: Editorial do Dep. De Arq. Da FCTUC, 2020, p. 88.

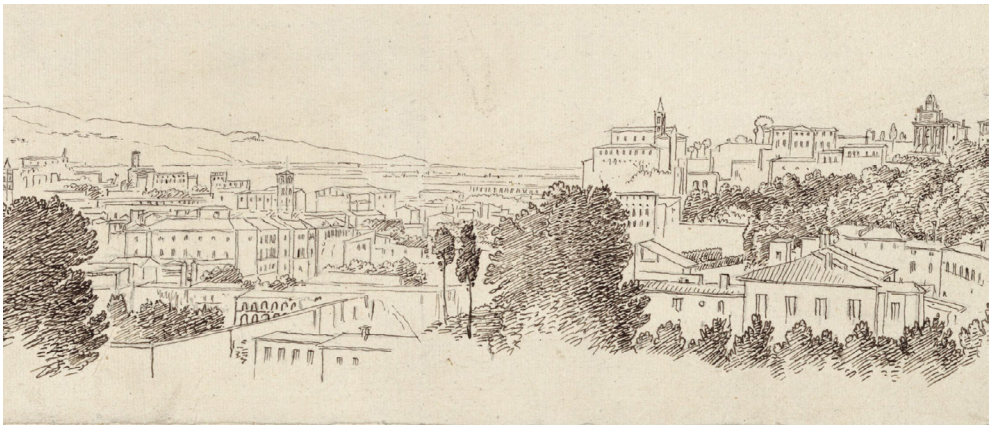
43 *Ibidem.*

44 *Ibidem.*

45 **BLACK, Jeremy** – *Italy and the Grand Tour*. New Haven: Yale University Press, 2003, p. 2.

46 **GONÇALVES, José Fernando** – "Viagens, viajantes e registos de viagem" *in Desenhar em Viagem. Sete Percursos*. Coimbra: Editorial do Dep. De Arq. Da FCTUC, 2020, p. 88.

47 **BLACK, Jeremy** – *Italy and the Grand Tour*. New Haven: Yale University Press, 2003, p. 2.



para estes jovens artistas um importante momento de independência, amadurecimento a nível pessoal e passagem à vida adulta[48]. Habitualmente, estas viagens tinham a duração de vários meses, e representavam um testemunho de que os aprendizes deveriam viajar para consolidar os conhecimentos, suportando a ideia de que se viajassem, conseguiriam atingir com plenitude a profissão.

Um dos primeiros arquitetos a realizar o *Grand Tour* terá sido, provavelmente, Jacques-Germain Soufflot (1713-1780), quando, no ano de 1731[49], mesmo sem vencer o *Grand-Prix*[50], parte para Roma e permanece até 1736 na Academia Francesa[51], onde se formou arquiteto. Encarando igualmente a viagem como uma disciplina de construção cultural, Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) parte, com 37 anos, para Itália durante 13 meses, onde estabelece reflexões sobre a arte, a história e a natureza, documentando-as por meio de descrições antropológicas das cidades no seu diário posteriormente publicado, *Viagem a Itália*. Nesta obra, Goethe desenvolve um diálogo entre Itália do passado e do '*seu*' presente, encontrando um particular fascínio pelas cidades de Roma e Veneza. Exprime com nitidez: "*Vivo agora no meio de uma claridade e de uma calma que há muito tempo desconhecia.* (…) *Cada dia um novo objeto digno de atenção, diariamente imagens frescas, grandiosas, únicas, e uma totalidade que pensamos e sonhamos durante muito tempo, mas que nunca alcançamos com a imaginação.* [Roma, 10 de Novembro de 1786]"[52]. Itália permanece como pano de fundo para as viagens de arquitetos e artistas como Karl Friedrich Schinkel (1781-1841), que em 1803 traça os caminhos de Eneias e Ulisses, explorando a Sicília – ilha também visitada por Viollet-le-Duc (1814-1879), quando em 1836 parte numa viagem de 18 meses; e John Ruskin (1819-1900), cuja viagem por Itália influenciará toda a sua obra artística e literária.[53]

Durante o século XIX, continuando a busca por novas paisagens e modos de viver, verifica-se uma alteração dos itinerários do *Grand Tour*, alongando-se também para o Norte de África: Tunísia, Argélia, Marrocos e Egito[54]: experiencia-o Joseph Hoffmann (1870-1956), que percorre Itália de Norte a Sul para, por fim, chegar à Tunísia. É inspirado pela arquitetura popular, reconhecendo que esta responde às exigências da sociedade, uma vez que "(…) *não se trata de embelezar estruturas já de si pouco sólidas com decorações adicionais,* (...) *mas sim de criar*

48 **BLACK, Jeremy** – *Italy and the Grand Tour*. New Haven: Yale University Press, 2003, p. 4.

49 **PASQUALE, Georgia De** – *Viaggio nel Mediterraneo*. Siracusa: Lettera Ventidue Edizioni, 2022, p. 27.

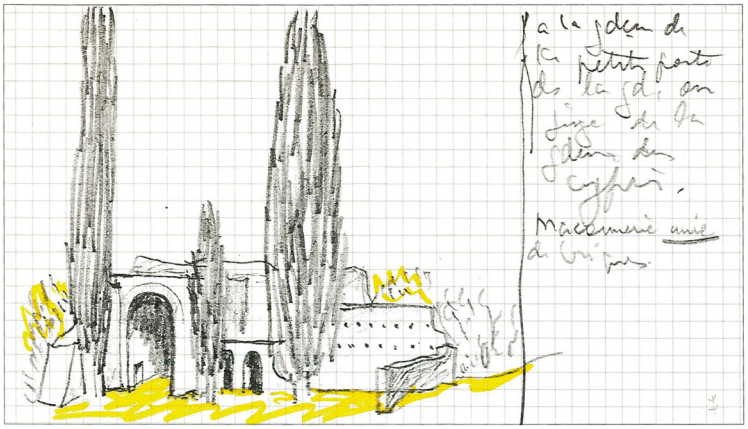
50 O *Grand-Prix de Rome* foi uma bolsa de estudo atribuída pelo governo francês, destinada aos estudantes de arte com as melhores classificações de fim de curso. Este prémio permitia a residência italiana num período que podia durar até um ano. *in* **GONÇALVES, José Fernando** – "Em viagem – experiência, conhecimento na arquitectura portuguesa do século XX" in *Joelho 03*, p. 128.

51 A Academia Francesa em Roma, fundada em 1666, é uma instituição de ensino superior de arte instalada na Villa Medici, em Roma. A Academia tinha como propósito dar assistência aos estudos dos vencedores do Grand-Prix de Rome, concedido aos melhores alunos de arte em Paris, que se deslocavam até Roma para entrarem em contacto direto com as obras da arte italiana. Durante a sua estadia, os alunos deveriam a enviar periodicamente obras acabadas a Paris, como prova dos seus progressos. **BLACK, Jeremy** – *Italy and the Grand Tour*, p. 4.

52 **GOETHE, Johann Wolfgang von** – *Viagem a Itália 1786-1788*. Maia: Bertrand Editora, 2018, p. 118.

53 **PASQUALE, Georgia De** – *Viaggio nel Mediterraneo*. Siracusa: Lettera Ventidue Edizioni, 2022, p. 31.

54 *Ibidem*, p. 33.



[Fig. 24]
Villa Adriana, Le Corbusier, 1907.

[Fig. 25]
Mapa desenhado por Le Corbusier, dividindo a Europa de 1911 em 3 categorias: Indústria, Cultura e Folclore, 1925.

um conjunto simples, que responda às necessidades de racionalidade e conforto do indivíduo, que seja uniforme e de cor natural e, quando os meios o permitam, possua uma plasticidade menos atraente, mas certamente mais genuína."[55]. Os seus desenhos de viagem evidenciam a representação de volumes sem ornamentos, apenas pontuados por pequenas aberturas e escadas externas. Neste caso, a viagem faz parte de um processo essencial para a liberdade de composição, permitindo que se solte das regras rígidas no neoclassicismo, sem negar o passado – apenas analisando fatores distintos.

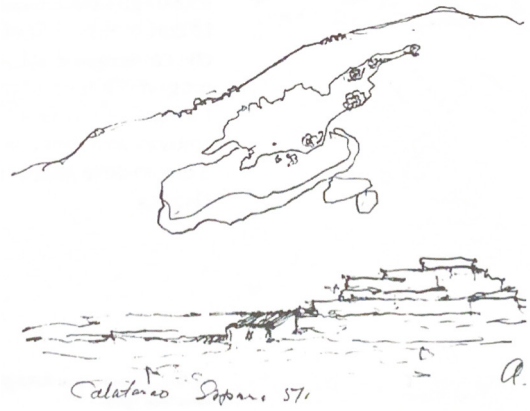
Le Corbusier (1887-1965) viajou pela Europa e pelo Mediterrâneo entre 1907 e 1911, iniciando aos 20 anos de idade. A sua intensa curiosidade e os compulsivos registos em forma de desenhos, pinturas e peças escritas permitiu que se formasse na profissão de arquiteto, mesmo sem nunca ter frequentado uma escola de arquitetura — tendo recebido a maior parte da sua formação nas viagens que fazia. Na viagem que inicia em 1910, parte com o seu amigo Auguste Klipstein, colecionador e estudante de História de Arte. Esta viagem ao Oriente pressupunha essencialmente a conquista de um "(...) *território «virgem» e descontaminado dos efeitos perversos da industrialização, para assim descobrir o processo particular de síntese entre a artesanía e a expressão cultural mais avançada.*"[56]. Fazendo-se sempre acompanhar do seu caderno e da câmara fotográfica, Le Corbusier documentou dezenas de paisagens mediterrâneas e edifícios da antiguidade, entre os quais o Partenon em Atenas, a catedral de Santa Sofia em Istambul, as ruínas de Pompeia e os mosteiros cartuxos italianos.
Durante as suas prolongadas estadias no estrangeiro, teve ainda a oportunidade de colaborar com dois dos mais influentes arquitetos do século XX, Auguste Perret e Peter Behrens, cuja obra foi determinante na consolidação dos fundamentos da arquitetura moderna. Em 1925, publicou um mapa da Europa no qual categorizou os diferentes lugares visitados em três grandes grupos: centros de cultura, como Paris, Viena e Atenas; centros industriais, como Berlim; e centros de tradição folclórica, representados por diversos países ao longo da rota dos Balcãs.[57] A viagem representava, para os jovens arquitetos, um caminho de reinterpretação da arquitetura sem filtros impostos, "*distante das convenções académicas*"[58] – permitindo que a informação fosse transmitida sem intermediários, e alargando o campo de possibilidades

55 **PORTOGHESI, Paolo; SCARANO, Rolando** – *L'architettura del Mediterraneo*. Roma: Gangemi Editore, 2003, p. 139.

56 **GONÇALVES, José Fernando** – "Viagens, viajantes e registos de viagem" in *Desenhar em Viagem. Sete Percursos*. Coimbra: Editorial do Dep. De Arq. Da FCTUC, 2020, p. 92.

57 **COHEN, Jean-Louis** - *Vida y Obra de Le Corbusier*. Barcelona: Gustavo Gili, 2018, p. 31.

58 **PASQUALE, Georgia De** – Viaggio nel Mediterraneo. Siracusa: Lettera Ventidue Edizioni, 2022, p. 44.



[Fig. 26]
Desenho de viagem em Itália, Joseph Hoffmann, 1898.

[Fig. 27]
Desenho de viagem na Tunísia, Gunnar Asplund, 1913.

[Fig. 28]
Desenho de viagem em Agrigento, Alvar Aalto, 1952.

de descoberta. Gunnar Asplund (1885-1940), por sua vez, sente necessidade de viajar quando desempenha já a profissão de arquiteto, com 28 anos. Deixa Estocolmo para visitar o sul da Europa, ainda que não tivesse uma bolsa que lhe permitisse financiar a viagem[59]. Foca-se essencialmente na análise de monumentos e regressa com inúmeros registos que comportam desenhos, esquissos, anotações, retratos e objetos variados, testemunhando que os seus interesses não são exclusivamente arquitetónicos, ao colecionar postais com imagens de pintura e escultura.

Neste sentido, também Alvar Aalto (1898-1976), contagiado pela vontade de criar livremente durante as suas viagens, eterniza aquilo que observa consoante as suas necessidades e objetivos: ora preenche o papel com livres desenhos de aguarelas, cheios de cor e luz, ora esquissa com a linha fina de caneta, atento aos pormenores. As suas viagens passam pela Suécia, Espanha, Marrocos, Grécia, Egito e Itália, viagem que realiza em 1924 e que o marca especialmente: "*Na minha cabeça está sempre uma viagem a Itália; pode ser uma viagem do passado que ainda vive nas minhas memórias; pode ser uma viagem que estou a fazer ou uma viagem que estou a planear. Seja como for, essa viagem é uma 'conditio Sine qua non' do meu trabalho arquitectónico.*"[60]. Evidenciando a relevância da memória, reflete a revisitação da viagem como um auxílio na sua inspiração profissional.

O séc. XX, profundamente marcado pelos efeitos da Revolução Industrial e o desenvolvimento de novas tecnologias, é o palco para uma grande transformação na forma de viajar. Os caminhos de ferro viriam a permitir uma maior conexão entre as cidades, e em 1903 surge o primeiro avião - episódio que revolucionaria a história da viagem permanentemente. Confrontando-se com este paradigma de mudança, os arquitetos da modernidade "(...) *procuram no passado novos fundamentos para a arte da pós-revolução industrial* (...)"[61]. Importa destacar arquitetos como Luis Barragán (1902-1988), Louis Kahn (1901-1974), Sigurd Lewerentz (1885-1975), Adolf Loos (1870-1933) e Ludwig Mies van der Rohe (1886-1969), que vivem durante este período a experiência da viagem como uma busca pela renovação da arquitetura, através de "*novos fundamentos para a arte da pós-revolução industrial, num sentido que vai para além do seu*

59 **ORTELLI, Luca** – "Verso il sud. Impressioni asplundiane" in *Lotus 68*. Milão: Electa, 1991, p. 23.

60 **WESTON, Richard** – *Alvar Aalto*. Londres, Nova Yorque: Phaidon, 1995, p. 20.

61 **GONÇALVES, José Fernando** – "A viagem na Arquitectura Portuguesa do século XX" in *Resdomus Nº1*. Porto: FAUP Publicações, 2014, p. 98.

mimetismo linguístico"[62]. Neste caso, o que os distingue dos arquitectos do Grand Tour do passado será talvez a noção de 'recomeço'[63].

No panorama nacional, a noção de *Grand Tour* chegou, sobretudo, por meio da literatura, seguindo os relatos de viagem presentes desde o século XVIII[64], mais do que através da experiência vivida pelos arquitetos. Enquadrado pela progressiva expansão da rede ferroviária, que veio facilitar o acesso a cidades e regiões mais distantes, surge o Guia de Portugal[65] (1907), que se assume como uma manifestação orientada para a valorização do turismo interno. Esta publicação inspira-se no modelo do Guia *Baedecker* alemão - frequentemente utilizado por Le Corbusier nas suas viagens - que, desde meados do século XIX, se tornou uma referência essencial para os viajantes que percorriam a Europa[66]. Posteriormente, os *Guides Bleus*, uma coleção de guias turísticos franceses criada em 1919[67], tornaram-se uma referência essencial para o decorrer das viagens, identificando os percursos preferenciais e serviços de transporte possíveis, ao país específico a que cada volume se dedicava.

Para os arquitetos portugueses, o contacto com a cultura da viagem inicia-se sobretudo com as *Beaux-Arts* de Paris — lugar de expansão de conhecimento além-fronteiras — ou através do *Grand Prix de Rome*. Destacam-se neste panorama os arquitetos José Luís Monteiro (1848-1942), bolseiro em Paris (1873-78) e Roma (1878-1880); Ventura Terra (1866-1919), estudante na EBAP e depois nas *Beaux-Arts* de Paris (1886-1896) e José Marques da Silva (1869-1947), estudante em Paris entre 1889 e 1896[68]. Ingressar nas *Beaux-Arts* de Paris envolvia uma série de etapas, desde o processo de inscrição, até à admissão efetiva. A título de exemplo, Marques da Silva parte para Paris em 1889, ainda sem estar inscrito na Academia e é aceite apenas no ano seguinte como aluno *aspirant*, estatuto que lhe permitia "*assistir aos cursos teóricos realizados internamente, consultar a Biblioteca e desenhar as colecções na Galeria da Escola, para preparação ao Concurso de Admissão*"[69]. Só mais tarde é admitido como aluno definitivo e desenvolve os trabalhos académicos, diplomando-se como arquiteto pelo Governo Francês em 1896.[70] Carlos Ramos (1897-1969), por sua vez, toma contacto com a cultura arquitetónica internacional quando trabalha nos ateliers de Raul Lino e Ventura Terra[71], e nesse período viaja para Espanha, França e Bélgica, "(...) *mas será com a encomenda do Pavilhão do Rádio (1927-33) que a viagem de estudo assume papel determinante: em 1929 viaja pela Europa para estudar centros hospitalares* (...)"[72]. O contacto de Carlos Ramos com o exterior, para além de refletir na sua obra, teve ainda um impacto significativo na sua abordagem pedagógica quando, ao ingressar como professor na EBAP em 1940 e posteriormente, assumindo a posição de diretor da Escola, incentiva continuamente a prática da viagem na instituição.
Neste período, era ainda relativamente comum que a *Fundação Calouste Gulbenkian* patrocinasse bolsas para viagens de estudo. Com este apoio, sucedem-se as experiências de Fernando Távora aos Estados Unidos e Japão (1960) e de Alcino Soutinho, que em 1961 parte um ano para Itália para estudar Museologia.[73]. A viagem vai-se convertendo gradualmente numa prática mais comum no contexto das Escolas de Arquitetura nacionais, nomeadamente a do Porto (ver capítulo "O lugar da viagem na *Escola de Arquitectura do Porto*", p. 38).

62 *Ibidem.*

63 *Ibidem.*

64 *Ibidem.*

65 O Guia de Portugal, publicado pela Sociedade Propaganda de Portugal é considerado um dos primeiros guias de turismo do país, que listava monumentos e pontos de interesse turístico em Portugal. *in* **MARTINS, Luís Paulo Saldanha; FERNANDES, Mário Gonçalves** – "Cartografia, progresso e turismo: apontamentos sobre o Mappa excursionista de Portugal" de 1907.

66 **GONÇALVES, José Fernando** – "Em viagem – experiência, conhecimento na arquitectura portuguesa do século XX" in *Joelho 03*. Coimbra: Edarq, 2012, p. 128.

67 **MORLIER, Hélène** - *Les Guides-Joanne : genèse des Guides-bleus : itinéraire bibliographique, historique et descriptif de la collection de guides de voyage, 1840-1920*. Paris: Les Sentiers débattus, 2007, p. 16.

68 **GONÇALVES, José Fernando** – "Em viagem – experiência, conhecimento na arquitectura portuguesa do século XX" in *Joelho 03*. Coimbra: Edarq, 2012, p. 128.

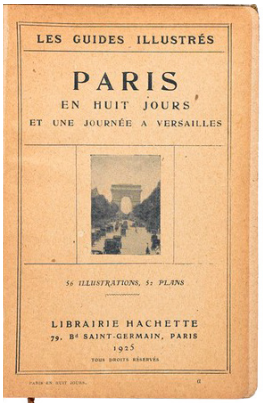
69 **VIEIRA, Clara** – "José Marques da Silva. Formação em Paris." Disponível em https://fims.up.pt/index.php?cat=45&subcat=2&subsubcat=8&proj=15.

70 *Ibidem.*

71 **GONÇALVES, José Fernando** – "Em viagem – experiência, conhecimento na arquitectura portuguesa do século XX" in *Joelho 03*. Coimbra: Edarq, 2012, p. 130.

72 *Ibidem.*

73 **SIZA, Álvaro** in "*Mais que Arquitetura. Em viagem*", Reportagem elaborada pela *Fundação Marques da Silva*, 2020.



No final da primeira metade do século XX, a viagem tornou-se mais acessível a todos: "*Por um lado, as viagens aéreas generalizaram-se e tornaram mais fácil e rápido o acesso a destinos e culturas outrora inacessíveis; por outro lado, o aumento do nível de vida na Europa permitiu a um número cada vez maior de arquitectos a possibilidade da viagem.*"[74]. Apesar de, nos últimos tempos, o significado de *Grand Tour* ter sofrido algumas modificações de interpretação, a viagem continua a ter um lugar no caminho que constrói a aprendizagem no campo da arquitetura. Enquanto o *Grand Tour* se caracterizava essencialmente pela interpretação das obras e das cidades de um modo predominantemente contemplativo e romântico, as viagens da contemporaneidade adquirem um carácter de certa forma mais racional, ativador do pensamento e da aprendizagem no confronto com as obras.

[Fig. 29]
Guia *Baedecker* de Nice, 1859.

[Fig. 30]
Guide Bleu de Paris, 1949.

[Fig. 31]
Mapa excursionista de Portugal, 1907.

A possibilidade de estudar noutro país ganhou uma nova dimensão com o surgimento do programa Erasmus, que, implementado pela primeira vez em 1987[75] pela União Europeia, procura promover a cooperação entre as universidades da Europa e possibilita aos estudantes a experimentação de um método de ensino diferente daquele praticado na sua universidade de origem. É ainda habitual que as escolas de arquitetura organizem viagens nas quais os alunos podem participar, promovendo uma prática que se espera ver refletida no processo de aprendizagem e mais tarde, na profissão. Partir à descoberta acompanhado por um grupo de estudantes que partilha semelhantes curiosidades e inquietações, convivendo por docentes arquitetos eficazes no direcionamento da observação é habitualmente reconhecido um modo de aprender nas Escolas de arquitetura. Neste caso, aprender a viajar torna-se também indispensável para que se tire o máximo partido da viagem: assim como para um mergulhador profissional será fundamental que aprenda a nadar para posteriormente observar as espécies que se encontram no fundo do oceano.

Já no contexto da profissão, e como forma a eternizar o legado das viagens de Távora, o *Prémio Fernando Távora*[76] promove, anualmente, a realização de uma viagem de investigação com o objetivo de perpetuar a importância do contacto direto com outras realidades na formação do arquiteto.

74 *Idem.*

75 Consultado em https://erasmus-plus.ec.europa.eu/pt-pt/about-erasmus/history-funding-and-future.

76 O *Prémio Fernando Távora*, com a sua primeira edição em 2006, é uma bolsa de viagem no valor de 6.000 euros, atribuída pela Ordem dos Arquitetos, Secção Regional Norte (OASRN), destinada à melhor proposta de viagem de investigação apresentada por arquitetos inscritos na Ordem. O prémio visa homenagear o arquiteto Fernando Távora, valorizando a importância da viagem e do contacto direto com outras realidades na formação cultural de um arquiteto, um princípio que ele próprio defendia e praticava.

[3]
O lugar da viagem na *Escola de Arquitectura do Porto*

[3.1] a memória da viagem pelas *Vozes Vivas*

Apesar do seu carácter insubstituível, a viagem não representa o método de aprendizagem mais convencional nas Escolas de arquitetura. Para os estudantes que inicialmente frequentavam o curso de Arquitetura na *Escola de Belas Artes do Porto*, não era prática comum viajar. Álvaro Siza testemunha este facto, referindo: "*Quando comecei o curso em Belas Artes, não se viajava. Tão pouco havia biblioteca.*"[77]. A difusão da cultura arquitetónica a nível internacional era manifestamente limitada — não só pela falta de hábito da viagem — mas também pela reduzida difusão de livros e publicações.

Anteriormente ao 25 de Abril de 1974, o contexto cultural de Portugal era marcado por um isolamento em relação ao exterior, consequência direta da Guerra Colonial e do regime autoritário do Estado Novo, instigadores de um ambiente restritivo que impunha limitações à mobilidade, obrigando na maior parte das vezes à solicitação de "(…) *uma autorização à administração política e civil para ir ao estrangeiro, sobretudo os estudantes, e* [*que*] *para além disso, não havia dinheiro para viajar* (…)"[78]. Neste sentido, para que se usufruísse de cada experiência, "(…) *quando se ouvia dizer que alguém tinha realizado uma viagem, organizava-se a respectiva sessão de slides em que toda a comunidade escolar* (…) *ia assistir.*" [79]. Não era frequente sair do país, salvo algumas exceções geralmente propiciadas pelas favoráveis condições económicas familiares. Entre elas, Sérgio Fernandez, que foge à norma ao viajar dois meses para Inglaterra, quando no seu 3º ano na ESBAP lhe foi concedida a saída pela família, "(...) *que achava que os meninos deviam viajar para aprender.*"[80], aproximando-se dos valores praticados no *Grand Tour*. Num contínuo cultivo pelo gosto da viagem, durante este período visitou obras de arquitetura como se estivesse a estudar um livro que levava consigo no bolso, percorrendo as páginas da cidade com os seus pés, e, satisfazendo os seus objetivos e curiosidades, propôs-se "(...), *e* [*cumpriu*], *visitar uma obra relevante de arquitetura por dia. De facto,* [*viu*] *exatamente 60 obras de arquitetura notável que ocorrem, novas e antigas.*"[81].

Seria posteriormente, com a integração de Fernando Távora na Escola e acompanhado pelo "(…) *seu saber e com a sua alegria de viver* (…) "[82], que viria a ser consciencializada a importância da viagem no curso, dado que "*Dentro do panorama arquitetónico do norte do país, é Fernando Távora que* [*nos*] *porporciona, no final dos anos 50, a emoção da obra visitada, como se sabe só a leitura direta, vivida, de uma obra, possibilita a sua global apreensão*"[83]. Em 1959, após concorrer a uma Bolsa da *Fundação Calouste Gulbenkian* para visitar faculdades norte-americanas, vence o prémio que lhe permite realizar uma viagem aos Estados Unidos e que se prolonga até ao Japão, já no ano seguinte. A viagem teve a duração de 4 meses e incluiu ainda paragens no México, Hawai, Paquistão, Líbano, Egito e Atenas. Durante a experiência, foi construindo o detalhado registo no *Diário de Bordo*, onde refletia o "(…) *prazer e sacrifícios, também presentes*"[84], transparecendo "(…) *sempre a consciência de viagem em serviço, particularmente no que* [*interessava*] *ao momento da Escola de Belas Artes.*"[85], numa fase de reestruturação e renovação dos docentes e consequentemente, dos conteúdos de ensino. Neste período de

77 **SIZA, Álvaro** *in* Conferência "Viagem à Índia", FAUP 40 anos, 28.06.2021, Zoom.

78 **TÁVORA, Fernando** - Exposição "Percurso", Centro Cultural de Belém, 1993.

79 **CARDIELOS, João Paulo** *in* **MOTA, Eduardo Castro Salvador Pinto** – *É indispensável viver.: a viagem na formação do arquitecto.* Coimbra: Universidade de Coimbra, DArq, 2012, p. 265.

80 **FERNANDEZ, Sérgio** *in* Conferência "A Descoberta do Sul", FAUP 40 anos, 22.05.2021, Zoom.

81 *Ibidem.*

82 *Ibidem.*

83 **RAMALHO, Pedro** - *Itinerário.* Porto: FAUP Publicações, 1989, p. 16.

84 **SIZA, Álvaro** *in* **TÁVORA, Fernando** - *Diário de "bordo"*, coord. Álvaro Siza. Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2012, p. 21.

85 *Ibidem.*

descoberta, um dos momentos mais inesquecíveis para Fernando Távora foi a visita à casa-estúdio de Frank Lloyd Wright. A sua determinação é evidente, quando refere: "*Nem que eu tenha de ir a pé, vim de Portugal para ver Taliesin…*"[86], gerando uma grande expectativa nas fortes emoções que viria a experienciar: "*Não escondo que as lágrimas me vieram aos olhos.* (…) *Tinha razão o poeta: «olhos que nunca se molham, nada vêm quando olham». Naquelas duas horas eu tinha sofrido, estou certo, um dos maiores choques, talvez o maior, da minha vida de arquitecto.*"[87].

Funcionando como uma espécie de veículo de informação, Fernando Távora trazia as notícias, informando "(...) *de forma directa e valiosa do que ocorria no mundo.*"[88]. Estes relatos foram de tal forma determinantes para quem os escutava, que Eduardo Souto de Moura afirma que, através deles, foi "(...) *aprendendo a gostar de arquitectura: aprendendo a arquitectura. Mais tarde as viagens tornaram-se reais e a experiência compartida.*"[89] Para além das histórias contadas pelo mestre, que facilmente se convertiam na vontade de experienciar na primeira pessoa, Távora "(...) *era um grandessíssimo animador de tudo isto. Um homem fantástico, que estimulava os alunos, que estimulava toda a gente a ir ver. E no próprio sítio tinha uma energia incrível. Ele tinha mais energia que os novos.*"[90] Quem viajou consigo, frequentemente menciona as ocasiões como momentos de aprendizagem constante. "*Uma viagem com a companhia do arquiteto Távora era um privilégio.* (...) *Era uma pessoa bem-disposta, amava a vida e era uma pessoa que estava bem em toda a parte.*"[91], e para além disso, tinha a capacidade de transmitir a importância da sensibilidade na viagem: "*Olhar e ver eram, como dizia, coisas bem distintas. Éramos incitados, não apenas a olhar, mas a ver, a sentir, a perceber.*"[92]. Fernando Távora assumia frequentemente o papel de guia, revelando a cultura que se transpunha do estudo para a prática de uma forma natural, aliás, "(…) *levava sempre o guia Michelin, mas o guia mais válido estava na cabeça dele.*"[93]. Os destinos não se limitavam ao estrangeiro, abrangendo uma variedade de lugares também em Portugal. Foi também numa destas viagens em conjunto com Távora que Sérgio Fernandez teve a oportunidade de participar no último *Congresso Internacional de Arquitetura Moderna* (CIAM), na Holanda no ano de 1959. Alexandre Alves Costa, por sua vez, recorda na publicação *Introdução ao Estudo da História da Arquitetura Portuguesa*, as várias viagens que realizou na sua companhia entre o Porto e Coimbra, em conjunto com Jorge Figueira e Gonçalo Canto Moniz: "*Costumávamos fazer um jogo, no restaurante em Casais, em S. Lázaro,*

[Fig. 31]
Mapa-mundi, Aula de Teoria Geral da Organização do Espaço, Fernando Távora, 1991.

[Fig. 33]
Viagem de estudo com alunos do 1º ano da FAUP, Tomar, 1993. Fotografia de Sérgio Fernandez.

86 **TÁVORA, Fernando; TRIGUEIROS, Luíz** (ed.) – *Fernando Távora*. Lisboa: Editorial Blau,1993, p. 93.

87 *Ibidem.*

88 **SOUTO DE MOURA, Eduardo** in **ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni** – *Eduardo Souto de Moura*. Milano: Electa, 2003, p. 56

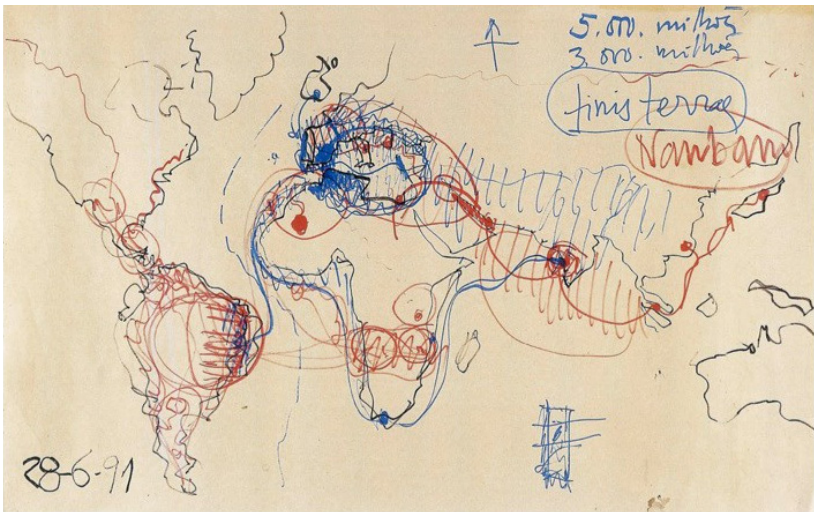
89 *Ibidem.*

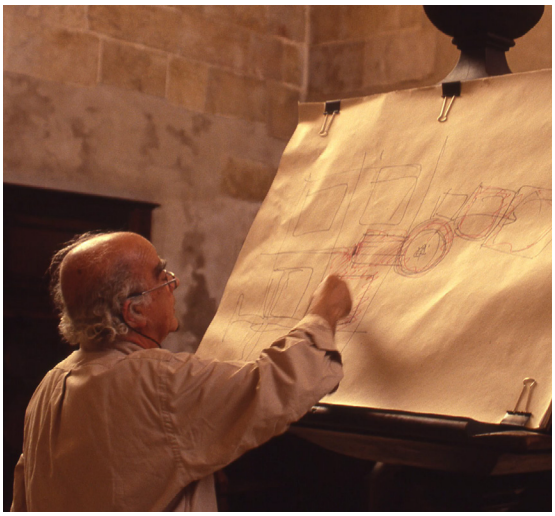
90 **TAVARES, Rui** *in* Conferência "A Descoberta do Sul", FAUP 40 anos, 22.05.2021, Zoom.

91 **SIZA, Álvaro** *in* Conferência "Viagem à Índia", FAUP 40 anos, 28.06.2021, Zoom.

92 **FERNANDEZ, Sérgio**, "Viagens com Fernando Távora" *in* **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo**, *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 19.

93 **SIZA, Álvaro** *in* Conferência "Viagem à Índia", FAUP 40 anos, 28.06.2021, Zoom.





onde o Arquitecto Távora avaliava o grau dos meus conhecimentos em História da Arquitectura Portuguesa. Eu tinha que identificar, a partir de um desenho na toalha de papel, de que obra se tratava e, se possível, autor e cronologia."[94]. O gosto pela arquitetura revelava-se de tal forma natural que era fácil somá-lo a qualquer ocasião, sendo até um tema recorrente na hora de refeição.

Tomando uso do lápis e da folha de papel a seu favor, o desenho era o instrumento elegido por Távora para registar o que ia observando, numa contínua investigação sobre o que dispunha diante de si e o inevitável confronto com a interpretação pessoal. "*É disto que sabe Fernando Távora.* (...) *Aquilo que ele desenhou despiu-se, sob os seus olhos, da névoa que funde tudo no todo e adquiriu a presença de uma identidade definida.*"[95]. Motivados por ele, os estudantes que viajavam consigo procuravam de igual forma mover o lápis uma atitude de compreensão, como se o desenho fosse o meio para atingir as respostas. Esta abordagem representa, desde cedo na Escola, um privilegiado método de registo, antepondo a observação direta à "(...) *a interpretação da realidade, e* [*à*] *descoberta das potencialidades transformadoras.*"[96]. Neste sentido, Alexandre Alves Costa implementa, de igual modo, os desenhos de viagem nos objetivos do curso de *História da Arquitetura Portuguesa*. Inclusive, esta disciplina nasce precisamente de uma série de viagens realizadas por Alves Costa, "(...) *com o objetivo de recolher elementos para uma «reinventada» História da Arquitectura Portuguesa* (…)"[97]. Estas viagens, motivadas pelo desejo de conhecer Portugal e a sua singular identidade, permitiram a construção de um programa conduzido essencialmente pelos conhecimentos adquiridos através da experiência, e, complementarmente, passou a ser habitual organizar-se uma viagem no âmbito da *História da Arquitetura Portuguesa* entre Tomar, Leiria e Évora — assim como a viagem de primeiro ano a Évora e ao Norte de Portugal. A partir dos anos 80, a saídas em viagem passaram a ser ocorrências assíduas "(…) *e a visita à Arquitetura era uma coisa que fazia parte do ensino. Toda a gente defendia que a arquitetura tinha que ser visitada, que não era por fotografias.*"[98].

As viagens decorriam, em permanente ambiente de descontração e lazer, permitindo que fosse organicamente reforçada a proximidade entre alunos e entre estes e os docentes, numa construção de conhecimento mútuo e consolidação de um corpo de Escola, que já por si — considerando o reduzido número de alunos — se proporcionava com mais facilidade. Durante as viagens de estudo, para além das visitas aos lugares para ver arquitetura, faziam também parte delas outras dimensões, como os almoços, jantares e até momentos de diversão: "(...) *o arquiteto Távora não faltava nunca a uma discoteca, onde os alunos iam nós também íamos* (...)"[99] — ultrapassando todas as barreiras que pudessem existir devido à diferença de idades. Constata-se assim a perceção de Sérgio Fernandez, quando afirma que "(...) *as viagens têm também um lado festivo, onde as amizades se adensam entre as pessoas, a que podemos chamar espírito excursionista.*"[100], pois a situação equiparável em que se encontram os participantes resulta numa certa solidariedade de grupo, propiciando-se aproximação dos participantes. "*Portanto, quando se geram na Escola essas oportunidades de aproximar as pessoas, uma viagem pode ser mais importante que um semestre, e não* [*me*] *interessa muito se as pessoas aprendem muito ou pouco. Interessa* [*-me*] *mais o modo de estar, a disponibilidade.*"[101], ou por outras palavras, a valorização das vertentes interpessoais que se acabam por entrelaçar nesta atividade formativa.

94 **COSTA, Alexandre Alves** - *Introdução ao Estudo da História da Arquitetura Portuguesa.* Porto, FAUP Publicações, 2007, p. 146.

95 *Ibidem*, p. 146.

96 **FERNANDEZ, Sérgio**, "Viagens com Fernando Távora" *in* **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo**, *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 19.

97 **COSTA, Alexandre Alves**, *in* "7 Arquitectos à volta do mundo." Disponível em https://www.publico.pt/2011/12/17/jornal/7-arquitectos-a-volta-do-mundo-23635908.

98 **COSTA, Alexandre Alves** – Conversa realizada no âmbito do Projeto *Vozes Vivas* com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 28/07/2021.

99 **FERNANDEZ, Sérgio** *in* Conferência "A Descoberta do Sul", FAUP 40 anos, 22.05.2021, Zoom.

100 **FERNANDEZ, Sérgio**, "Viagens com Fernando Távora" *in* **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo**, *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p.19.

101 **GIGANTE, José** – Conversa realizada no âmbito do Projeto *Vozes Vivas* com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 18/11/2020.

[Fig. 34]
Joaquim Vieira, Fernando Távora, José Grade, Manuel Correia Fernandes. Viagem com estudantes, Tomar, 1982. Fotografia de Sérgio Fernandez.

[Fig. 35]
Viagem ao Sul, Convento de Cristo, Tomar, 1982.

Entre as múltiplas viagens realizadas na Escola durante a segunda metade do século XX, destacam-se as de Manuel Correia Fernandes a Inglaterra em 1966, no habitualmente chamado "Passeio de Curso" realizado enquanto estudante finalista[102]; a viagem de José Carlos Loureiro com colegas professores e alunos à Finlândia, para visitar as obras de Alvar Aalto[103]; e as viagens de fim de curso de Domingos Tavares à Inglaterra[104] e de Camilo Cortesão ao Brasil[105]. Neste e noutros casos, os conhecimentos adquiridos nas viagens eram transportados preciosamente para a Escola através dos relatos dos seus participantes, assim como nas aulas que seriam posteriormente preparadas a partir dos registos fotográficos, desenhados e escritos. Inclusivamente, "(...) *houve uma altura em que, às quartas-feiras à tarde, um professor ou um aluno falava sobre uma viagem* (...) *isto, no tempo em que a Escola ainda cabia toda num anfiteatro* (...)"[106], em Belas-Artes. Concomitantemente, e devido às limitações da circulação de informação nesta época, as viagens eram ainda oportunidades para que os professores adquirissem novos livros para a biblioteca da Escola, à época ainda muito incompleta. Do estrangeiro, traziam-se maioritariamente monografias de arquitetos locais ou obras visitadas, e o conhecimento ia-se tornando gradualmente de mais fácil acesso aos estudantes.

Com o crescimento da Escola, a mudança de instalações para a Faculdade de Arquitetura em 1993 e o consequente aumento do número de estudantes, as viagens vieram a tornar-se acontecimentos mais limitados, tendo em vista as dificuldades inerentes à organização de grupos numerosos e nos quais, naturalmente, as relações interpessoais não seriam tão próximas. Alves Costa relembra a diferença entre as viagens que realizou enquanto estudante e posteriormente como professor, que justamente por esta razão, não se realizavam com a mesma regularidade, constatando que "*Não era possível, porque a viagem de estudo ou é uma viagem como outra qualquer ou então, se não se estabelece uma relação entre as pessoas, tanto faz fazer viagens de estudo como viagens normais.*"[107]. A importância do espírito de companheirismo nas viagens foi, desde sempre, um ponto indispensável para alguns grupos mais próximos de alunos, cujas amizades se prolongavam para a esfera pessoal — ora em pequenas viagens de estudo por Portugal — ora em estadias prolongadas no estrangeiro, chegando ainda a incluir férias partilhadas em casas de família ou alugadas, sendo Moledo do Minho um dos locais mais frequentes, "(...) *não só no verão, mas também durante o ano.*"[108]. Representativas da

102 **FERNANDES, Manuel Correia** – Conversa realizada no âmbito do Projeto *Vozes Vivas* com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 23/06/2021.

103 **RAMALHO, Pedro** – Conversa realizada no âmbito do Projeto *Vozes Vivas* com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 08/07/2021.

104 **TAVARES, Domingos** – Conversa realizada no âmbito do Projeto *Vozes Vivas* com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 24/11/2020.

105 **CORTESÃO, Camilo** – Conversa realizada no âmbito do Projeto *Vozes Vivas* com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 03/08/2021.

106 **COSTA, Alexandre Alves** – Conversa realizada no âmbito do Projeto *Vozes Vivas* com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 28/07/2021.

107 *Ibidem.*

108 **FERNANDES, Manuel Correia** – Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 23/06/2021.

extensão dos momentos de convívio vividos na ESBAP, estas viagens alargavam-se, muitas vezes, à participação dos respetivos cônjuges e amigos, alguns dos quais sem qualquer relação direta com a arquitetura, resultando quase sempre numa experiência positiva, "(...) *porque como* [*se conheciam*] *tão bem uns aos outros, metade dos problemas estavam resolvidos à partida, ou para bem ou para mal, estavam resolvidos à partida.*"[109]. É neste registo de convivialidade que Manuel Correia Fernandes parte para Itália com onze amigos numa "*Volkswagen, uma Combo e uma pão de forma*"[110]; Siza, Alves Costa e Fernandez exploram as extraordinárias paisagens de Marrocos em 1967[111]; Fernando Távora e Álvaro Siza viajam para a Índia durante 25 dias em 1985[112] e, de forma semelhante, em 1991 um grupo intergeracional composto por Távora, Sérgio Fernandez, Paula Santos, João Mendes Ribeiro, entre outros, se junta para visitar Chandigarh[113]. No fundo, naquelas viagens "(...) [*fazia-se*] *aquilo que* [*se fazia*] *na Escola* (...)"[114], e, ao reconhecê-las como parte da formação, tornava-se possível estabelecer uma conexão com as questões que ficavam por responder no contexto da formação académica.

Do vasto mapa que cruza as viagens empreendidas pelas personagens em estudo no projeto de investigação *Vozes Vivas*, destacam-se três delas que, independentemente da sua realização fora do âmbito académico, marcam momentos notáveis na construção da identidade coletiva da Escola: A viagem de 1967 a Marrocos, como uma experiência que ultrapassa os limites da arquitetura através dos estímulos sensoriais e envolvimento na cultura local; a viagem à Grécia em 1976, marcada pela profundidade da amizade vivida entre os participantes; e por último, a viagem ao Egito em 1984, que nos dá conta de que cada viagem não configura um momento isolado, mas como parte de uma constelação maior, construída através da acumulação de vivências. As memórias dessas experiências perduram, sendo frequentemente reavivadas, através dos relatos que continuam a ser referenciados ao longo do percurso de formação na FAUP, como um eco que subsiste ao tempo.

109 *Ibidem.*

110 *Ibidem.*

111 **COSTA, Alexandre Alves**; **SIZA, Álvaro** – 1967: Marrocos. Porto: Circo de Ideias, 2011.

112 **SIZA, Álvaro** *in* Conferência "Viagem à Índia", FAUP 40 anos, 28.06.2021, Zoom.

113 **SANTOS, Paula** – 1991:Chandigarh. Porto: Circo de Ideias, 2011.

114 **FERNANDES, Manuel Correia** – Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 23/06/2021.

[Fig. 36]
Fernando Távora e assistente Beatriz Madureira, Tomar, s/d.

[Fig. 37]
Visita de estudo a Évora com alunos da FAUP, 1992. Fotografia de Sérgio Fernandez.

[3.1.1]
Marrocos, 1967

Participantes:
Alexandre Alves Costa
Álvaro Siza
Beatrice Ekroth
José Grade
Luísa Brandão
Maria Antónia Leite
Sérgio Fernandez

Data/Duração:
Setembro de 1967

Meios de transporte:
Carro
Barco

Alojamento:
Campismo
Hotéis

Cidades/lugares visitados:

Tânger

Arzila

Rabat
- Bab Oudaya
- Kasbah Oudaya

Casablanca

Azamor

El Jadida

Moulay Abdallah

Goulmina

Marraquexe
- Mesquita Koutoubia

Ouarzazate
- Kasbah Taourirt

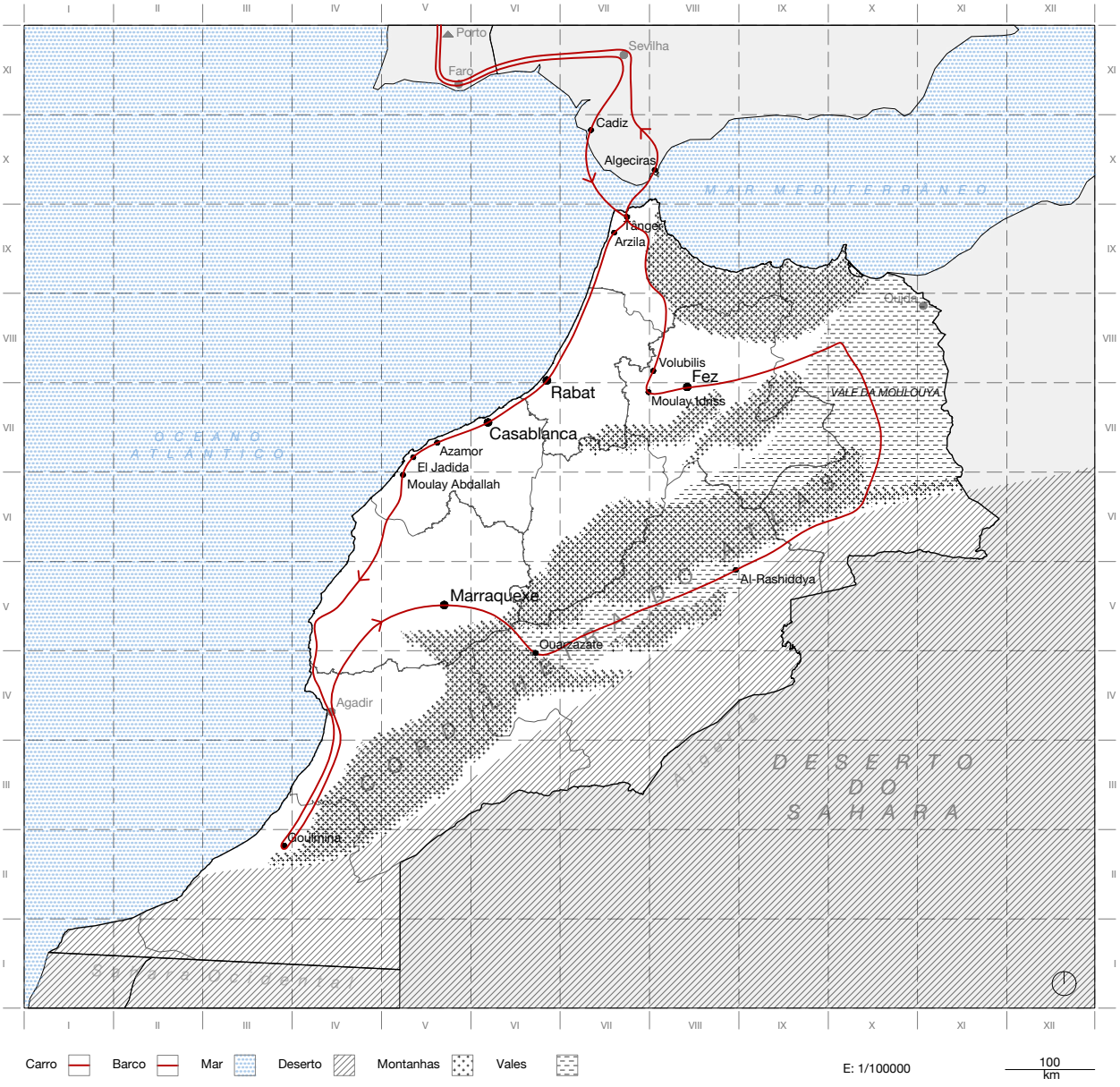
Al-Rashiddya

Vale da Moulouya

Fez

Moulay Idriss

Volubilis



[Fig. 38]
Percurso representativo da viagem a Marrocos (1967).

Marrocos, 1967

> *"Antes de mais aqueles banhos no nosso Atlântico quente, depois o chá de menta e os cafés, a planície de basalto negro antes das inesperadas dunas alaranjadas do Sahara, sei lá… ninguém desenhou, agarrados como estávamos à leitura que nos revelasse os estratos de tantas sobreposições culturais, mortas e sobreviventes."* [115]

A viagem que, anos mais tarde, levaria Álvaro Siza a recordar como a melhor da sua vida[116], acontece em setembro de 1967 quando parte para Marrocos, seguindo o itinerário da "(...) *presença dos ausentes* (...)"[117] na companhia de Alexandre Alves Costa, Luísa Brandão, Beatrice Ekroth, José Grade, Maria Antónia Leite e Sérgio Fernandez, para rumar à descoberta de um lugar que se viria a revelar tão desconhecido como estranhamente familiar. Com idades entre os 27 e 35 anos, os participantes desta viagem eram, na realidade, um grupo de amigos procedente das estreitas relações que se estabeleciam na ESBAP, enquanto estudantes do curso de arquitetura e pintura, e se prolongavam "(...) *quase todos os dias, não só na Escola mas também em casa, em serões* (...)"[118]. Naquele ano já teriam terminado o curso, no entanto, a amizade imutável e a vontade comum de explorar novos territórios foi decisiva para a organização desta transformadora viagem. Ultrapassando os entraves políticos do regime do Estado Novo, e contornando as dificuldades financeiras da época, procuraram concretizar a viagem da forma mais económica possível. Favoravelmente, "*Marrocos era baratíssimo e tinha uma grande vantagem, porque não tinha turismo.*"[119]. Partiram à aventura de carro, com o qual atravessaram o oceano entre Algeciras e Tânger de barco e, para poupar em hotéis, levaram consigo as tendas para que pudessem acampar nas diferentes paragens. Siza, que tinha comprado "(...) *um pacote que se punha no tejadilho do carro que se abria e fazia uma barraca de campanha* (...)"[120], passa, no entanto, apenas uma noite no parque de campismo. Perturbado pelo ruído dos animais, entre os quais, as hienas, "(...) *não conseguiu dormir um minuto* (...)"[121] e, juntamente com a sua mulher, Maria Antónia, passaram a noite "(...) *sentados no tejadilho com as pernas pendentes a ouvir o concerto* (...)"[122]. Esta situação imprevista levou a que se separassem do restante grupo durante as noites, pernoitando o resto da viagem em hotéis que, surpreendentemente, eram "(...) *baratíssimos e bastante bons.*"[123].

115 **COSTA, Alexandre Alves; SIZA, Álvaro** – *1967: Marrocos.* Porto: Circo de Ideias, 2011, p.10.

116 *Ibidem.*

117 *Ibidem.*

118 **SIZA, Álvaro** *in* "*Mais que Arquitetura. Em viagem*", Reportagem elaborada pela *Fundação Marques da Silva*, 2020.

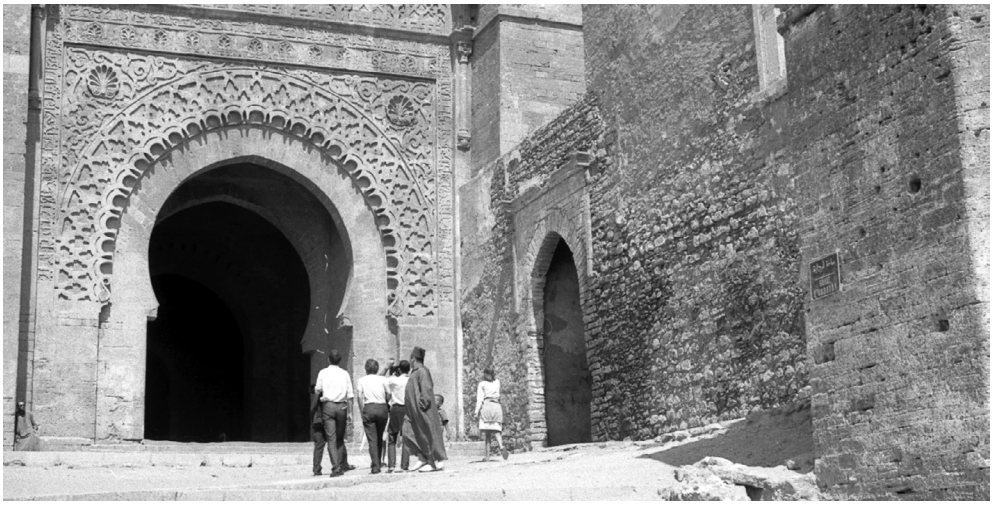
119 *Ibidem.*

120 *Ibidem.*

121 *Ibidem.*

122 *Ibidem.*

123 *Ibidem.*



[Fig. 39]
Marrocos, 1967.

[Fig. 40]
Bab Oudaya, Rabat, 1967.

O percurso realizado revela-se, sobretudo, um "*itinerário culto, demarcado de circunstancialismos, não referenciado ideologicamente*"[124], e o planeamento da rota, apesar de eventuais alterações derivadas das naturais condições do momento, levaria à prática de um itinerário estruturado, fundamentado na reflexão, e pertinente — tendo em conta o tempo disponível e as personagens em questão. "*Num Fiat 850, sem pneu sobresselente, e numa 4L*"[125], percorreram as cidades de Rabat, Casablanca, Maraquexe e Fez, atravessaram a cordilheira do Atlas e avistaram o deserto. Num espírito de contínua recetividade a novas experiências, encontraram entre as "*capitais imperiais*"[126] que "*aportuguesámos ou construímos* (...) *a serenidade de quem revisita as terras da sua infância, agora explicados pelo Guide Bleu*."[127], e, envolvidos pela cultura, andaram pelos "*vales dos rios que não chegam ao mar, pelo Sahara num silêncio de areia que não foi pisada e, entre mesquitas, minaretes e ruínas de cidades clássicas* (...)"[128], atravessaram "(...) *fileiras de cavalos que sacudiam suas crinas nos alísios, entre visões poeirentas de alcácereskibires*."[129].

Representando principalmente um processo de construção simbólica no que diz respeito à memória do espaço, os momentos são recordados por Alexandre Alves Costa e Álvaro Siza, nos textos que redigem em 2006[130], onde qualquer descrição desta viagem se transpõe para além da narração de aspectos arquitetónicos ou espaciais.

> "*O que a memória retém, gravado no meu espírito desde aqueles dias doirados, é a experiência da amizade, a aproximação a essa ideia latente e mítica de Felicidade, alimento do resto dos nossos dias (sol a roçar o mar, visto da torre da nunca acabada Mesquita de Rabat, poisada sobre o terreiro polvilhado de fustes e fundações de colunas; banhos nas praias desertas do Atlântico, ondas altíssimas e suaves, ruínas romanas à vista; pó encobrindo cavalos e cavaleiros, fuzis disparados a um metro de distância; janelas abertas de um carro desajustado, a ferver sob o sol, recusando o Atlas como o Deserto; tronco curvado ao entrar na Mesquita de Fez; couro tingido a mil cores, de odor tão insuportável quanto a beleza; linha nítida na fronteira do deserto, pedrinha negra contra areia em cor de Gauguin; calma nas esplanadas onde se bebe chá de menta, silêncio ou sussurro, olhar doce, olhar e voz de uma cultura antiquíssima de sábios e poetas; desembarque em Algeciras, de novo as vozes agudas, tumulto nos cafés e nos terraços).*"[131]

124 **SIZA, Álvaro** *in* "*Mais que Arquitetura. Em viagem*", Reportagem elaborada pela *Fundação Marques da Silva*, 2020.

125 *Ibidem.*

126 *Ibidem.*

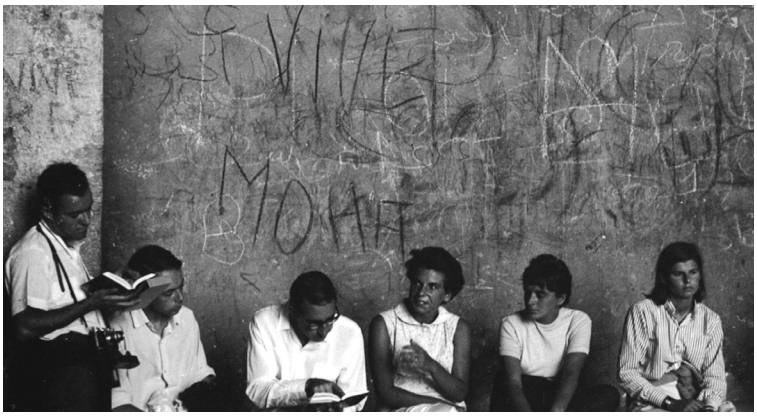
127 *Ibidem.*

128 *Ibidem.*

129 *Ibidem.*

130 Os textos "À mão direita lá deixei Sevilha"(Alexandre Alves Costa, 2006) e "Marrocos" (Álvaro Siza, 2006) foram publicados pela editora *Circo de Ideias* em 2018, no volume *Marrocos, 1967*. O livro faz parte da coleção *Viagens*, cujo objetivo é, segundo a editora, "construir um mapa afectivo de viagens singulares realizadas por personagens reconhecidas da cultura arquitectónica". Informação consultada em https://www.circodeideias.pt/produto/marrocos-1967/.

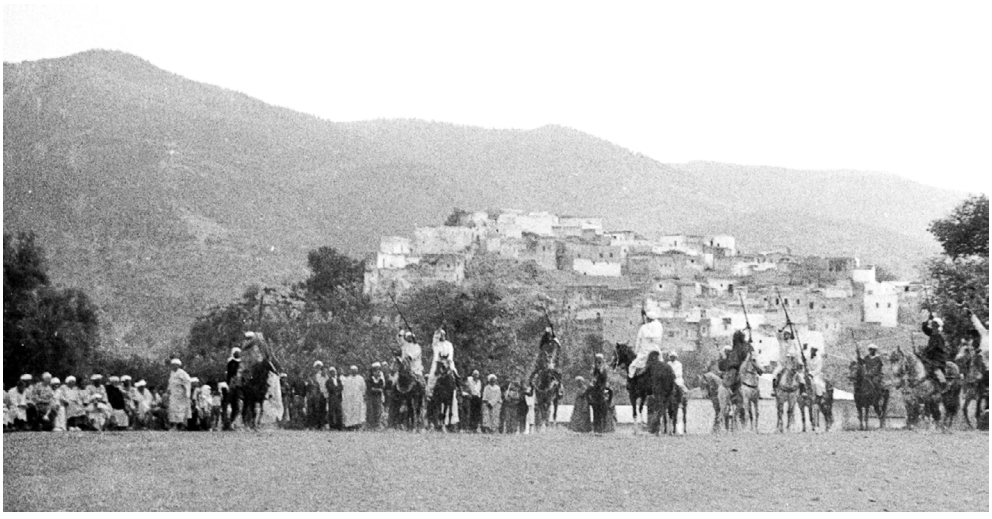
131 **COSTA, Alexandre Alves; SIZA, Álvaro** – *1967: Marrocos.* Porto: Circo de Ideias, 2011, p.10.



Documenta-se essencialmente aquilo que se viveu, como se de uma passagem para uma dimensão diferente se tratasse. As "*sobreposições culturais*"[132], que remetem para a interação entre as culturas do grupo de arquitetos que chega do Porto e a dos habitantes locais estão presentes em cada paragem. Imerge-se na natureza circunscrita, e repara-se que quem está de visita não é o único observador — sentem-se também eles observados, também eles são o "estranho" no meio de outra normalidade. Sensível a esta constatação Alves Costa refere: "(...) *sinto nas personagens fotografadas «dos dois lados» um certo distanciamento e uma curiosidade recíproca, mais nossa, talvez porque mais ingénuos. Parece-me uma tentativa de avaliação que se afasta de qualquer formalismo exótico numa quase obsessiva procura de explicações sobre o verdadeiro sentido dos homens, das mulheres, dos meninos, das arquitecturas.*"[133]. Nesta viagem, a empatia com a envolvente parece ser mais evidente do que qualquer análise detalhada de um edifício ou obra específica. São relatados os episódios nos quais são convidados para entrar em tendas onde conheceram "*mulheres e filhos*"[134], acompanhando o chá com as partilhas interculturais inerentes ao momento, por sua vez caracterizados pelos sabores, os cheiros e os sons. Nos registos, maioritariamente fotográficos, reconhecem-se as ruas e paisagens descritas, frequentemente habitadas — quer pelos viajantes portugueses, quer pelo povo nativo — numa simbiose cultural.

A interação com a comunidade local e o contacto próximo com a arquitetura vernacular constituem os principais desígnios desta viagem, como resultado da perceção sensorial: trata-se da entrada num outro estado de consciência, onde a perceção do tempo, do espaço e do 'eu' se altera, abrangendo simultaneamente os campos físico, emocional e intelectual. A vivência sensorial transporta os viajantes para novos espaços de questionamento de reflexão, fundamentais para a compreensão da arquitetura e do mundo — apesar de tudo, é a memória das sensações que permanece com maior intensidade.

> *"Recordo isso e muito mais e não acredito que seja apenas nostalgia. Recordo a ausência de ansiedade."*[135]



[Fig. 41]
Marrocos, 1967.

[Fig. 42]
Kasbash Oudaya, 1967.

[Fig. 43]
Marrocos, 1967.

[Fig. 44]
Marrocos, 1967.

132 **COSTA, Alexandre Alves; SIZA, Álvaro** – *1967: Marrocos.* Porto: Circo de Ideias, 2011, p.10.

133 *Ibidem.*

134 *Ibidem.*

135 *Ibidem.*

[3.1.2]
Grécia, 1976

Participantes:
Fernando Távora
Alcino Soutinho
José Grade
Álvaro Siza
Alexandre Alves Costa
Luísa Brandão
Sérgio Fernandez
Maria Luísa Meneres Távora
Laura Soutinho
(e outros 4 participantes)*

Data/Duração:
Aproximadamente 1 mês

Meios de transporte:
Avião
Carrinha "pão de forma"
Barco

Alojamento:
Albergues de juventude
Campismo

Cidades/lugares visitados:

Atenas
- Acrópole

Eleusas
- Santuário de Eleusas
- Telesterion
- Propileus

Delfos
- Templo de Apolo (Santuário de Delfos)

Olímpia
- Templo de Zeus
- Templo de Hera
- Ruinas da cidade Olímpica

Bassae
- Templo do Apolo Epicurio

Epidauro

Micenas

Creta

Miconos

Delos

* Constata-se que os quatro participantes são amigos do grupo, no entanto, os seus nomes não são mencionados nos registos publicados.

[Fig. 45]
Percurso representativo da viagem à Grécia (1976).

Grécia, 1976

> *"A Grécia, de cuja cultura seremos eternamente devedores — e esta dívida tem hoje especiais conotações — tem, para quem a visita, e em especial para qualquer arquitecto, a paradoxal qualidade de ter os seus numerosos e fantásticos monumentos, sempre em maior ou menor grau de destruição."* [136]

Representativa da herança dos povos que habitavam na bacia do Mediterrâneo, a Grécia figura um dos lugares de maior riqueza histórica e cultural para a disciplina da arquitetura. As inúmeras paisagens de cidades que coexistem com as intervenções arquitetónicas da antiguidade, as proporções matematicamente calculadas e o rigor da construção, constituem valores de referência para o estudo da arquitetura, e especialmente, para a compreensão da sua evolução.

Esta viagem — realizada pelo grupo de treze amigos composto por Fernando Távora, Alcino Soutinho, José Grade, Álvaro Siza, Alexandre Alves Costa, Luísa Brandão, Sérgio Fernandez, entre outros[137] — acontece num momento em que os participantes se encontram maioritariamente com idades entre os 30 e 40 anos. Fernando Távora é o mais velho do grupo, nessa altura com 53 anos. O ano de 1976 seria um momento em que vários destes jovens arquitetos, após a finalização dos processos SAAL, procuravam realizar obras de forma independente em gabinetes de arquitetura ou integrar-se na docência. Na Escola, todo o contexto de revolução e "(...) *inerente transformação política, social e cultural vivida pelo país nesses anos* [*teve*] *as respectivas repercussões* (...)"[138], e por isso, os restantes anos da segunda metade da década de 70 marcaram períodos atribulados, "*de constante revisão e questionamento, marcados ora por tomadas de posição por parte do coletivo de alunos, ora por tomadas de posição por parte de grupos de professores, em constantes conflitos com a direção geral da ESBAP ou com o Ministério.*"[139]. Perante esta crise pedagógica geradora de debate e novas ideias sobre a Escola, os arquitetos que partem para a Grécia incorporam também parte do grupo de onde surgem algumas das tomadas de posição pertinentes para o momento na academia — não será por

[Fig. 46]
Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez, José Grade, Alcino Soutinho, Fernando Távora, Álvaro Siza, Partenon, Atenas, 1976.

[Fig. 47]
Grécia, 1976.

[Fig. 48]
Fernando Távora expõe leitura ao grupo, Grécia, 1976.

136 **FERNANDEZ, Sérgio** - "Viagens com Fernando Távora" *in* **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** - *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 21.

137 "*Contou também com as mulheres de Távora e de Soutinho, com outros dois arquitectos, a mulher de um deles, e ainda outro amigo.*" *in* **FERNANDEZ, Sérgio** - "Viagens com Fernando Távora" in **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** - *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 21.

138 **CAVACO, Ana** – *Vozes Vivas da Escola do Porto. Entre pedagogias e vivências, a construção da ideia de Grupo na consolidação da Identidade*. Porto: Universidade do Porto, FAUP, 2022. Dissertação de mestrado. P. 67.

139 *Ibidem.*

acaso que viajam juntos. Seria também em parte este conjunto de arquitetos que, com Manuel Correia Fernandes (na altura coordenador geral do curso de Arquitetura da ESBAP), Manuel Fernandes de Sá, Pedro Ramalho e Domingos Tavares editariam as bases gerais do curso[140]. É ainda importante referir que foi durante esta viagem que Álvaro Siza aceitou a integrar o corpo docente da *Faculdade de Arquitectura do Porto*[141], num momento em que a Escola estava prestes a sofrer a separação entre os cursos de Belas Artes e Arquitetura, assim como a mudança para as novas instalações da faculdade - até então ainda não construídas.

É evidente que viajar nos anos 70 significava deparar-se com um conjunto de fatores e desafios distintos dos que se encontram nos dias atuais. Viajar de avião era menos acessível e a reserva de um lugar para dormir noutra parte do mundo não se realizava com a mesma facilidade dos dias atuais. Partindo do Porto, a viagem foi feita de avião até ao aeroporto de Atenas e posteriomente, para a movimentação dentro das diferentes regiões, deslocaram-se "(...) *os treze numa carrinha pão de forma* (...)"[142], que conduziam. Para algumas das deslocações entre as ilhas teriam, no entanto, de recorrer a serviços de barco. Sérgio Fernandez recorda a peripécia que aconteceu assim que aterraram, num "(...) *primeiro incidente* [que] *acentuou a boa disposição geral. No aeroporto, a escada rolante que deveria dar acesso ao piso superior, em vez de subir, apenas descia. Podem imaginar o espectáculo!*" [143].

No que toca ao alojamento, relata as pobres condições que o hotel lhes oferecia e que por isso, realizaram o resto da viagem "(...) *com recurso a albergues de juventude e a tendas de campismo.*"[144], dormindo algumas noites na praia, num registo de improviso: "*De manhã era tirar o saco-cama, e mar.*"[145].

Existe também a recordação de que, apesar de terem comprado uma viagem de ida e volta para duas semanas, decidiram permanecer "(...) *mais uma data de tempo,* [*tiveram*] *que aldrabar, inventar uma coisa qualquer para* [*lhes*] *darem outros bilhetes para ficar.*"[146]. A duração da estadia na Grécia aproximou-se, então, a um mês.

Os dias da viagem desenrolavan-se num ambiente de leveza e descontração, com um itinerário que se ia construíndo ao longo das várias semanas. Cruzando a Grécia, entre Atenas, Eleusas, Epidauro, Micenas, Bassae, Olímpia, "*o inolvidável santuário de Delfos*"[147], e atravessando o Mediterrâneo até às ilhas de Creta, Mikonos e Delos, conheceram "(...) *os museus, os santuários,*

140 **FERNANDES, Eduardo** – *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola.* Guimarães: Universidade do Minho, EAAD, 2010. Dissertação de mestrado. P. 605.

141 **FERNANDEZ, Sérgio** - "Viagens com Fernando Távora" *in* **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** - *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 22.

142 *Ibidem*, p. 21.

143 *Ibidem.*

144 *Ibidem.*

145 **SIZA, Álvaro** in "*Mais que Arquitetura. Em viagem*", Reportagem elaborada pela *Fundação Marques da Silva,* 2020.

146 **FERNANDEZ, Sérgio** – Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Sérgio Fernandez, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 21.06.2021.

147 **FERNANDEZ, Sérgio** - "Viagens com Fernando Távora" *in* **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** - *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 21.

as gentes e o ambiente humano."[148]. A interação direta ia permitindo ver, ouvir, tocar, sentir o gosto e o cheiro, e por isso, aprendia-se através das sensações que, através dos sentidos, se comportariam como os principais ativadores da memória.

O grupo movimentava-se autonomamente, sem recorrer a um habitante local na orientação das diferentes visitas. Aliás, segundo Álvaro Siza, "(...) *o guia era o Távora* (...)"[149], que para além de se fazer acompanhar sempre do Guia *Michelin* para eventuais dúvidas, "(...) *preparava tudo muito bem, além do que já sabia.*"[150]. Sérgio Fernandez afirma que viajar na companhia de Távora "(...) *era absolutamente espetacular, porque era pedra a pedra* (...)"[151] — ou, por outras palavras, era a uma companhia paciente, que manifestava interesse pela arquitetura e pela história, que buscava incessantemente o conhecimento e o partilhava com alegria, tornando cada obra visitada numa aula infindável e extremamente rica. Sem pressa, o grupo de amigos ia "(...) *sentindo, vendo, estudando e formulando virtuais anastiloses para completar o que cada ruína* [*nos*] *sugeria,* (...) *por puro prazer e interesse em aprender, sempre com a boa disposição que o gozo de férias implica."*[152].

Para além do relevante enquadramento espacial e histórico que esta viagem abarca, a sua dimensão coletiva destaca-se, não só pela partilha e cruzamento de conhecimento, mas também pelas relações pessoais que se constroem e consolidam. Viajar em grupo é uma condição adicional à experiência, por vezes facilitando-a, e por outras, limitando-a. Não será por acaso que Siza escreve: "*Viajantes íntimos ou desconhecidos dividem-se em dois grupos: admiráveis ou insuportáveis.*"[153], certamente já ele testemunhante de relações que se acidificaram no decorrer de uma viagem, e de outras que se adensaram, consolidaram e permaneceram no tempo. Uma viagem em grupo é manifestamente distinta de uma viagem realizada individualmente. Sozinho, o viajante tem a possibilidade de programar o seu roteiro, alterá-lo livremente se

148 **SIZA, Álvaro** in "*Mais que Arquitetura. Em viagem*", Reportagem elaborada pela *Fundação Marques da Silva,* 2020.

149 *Ibidem.*

150 *Ibidem.*

151 **FERNANDEZ, Sérgio** – Conversa realizada no âmbito do Projeto *Vozes Vivas* com Sérgio Fernandez.

152 **FERNANDEZ, Sérgio** - "Viagens com Fernando Távora" *in* **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** - *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 21.

153 **VIEIRA, Álvaro Siza** – *01 Textos.* Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2019, p. 49.

necessário e permanecer o tempo que desejar numa paragem. Já na viagem de grupo, o poder de escolha multiplica-se pelo número de viajantes, implicando capacidade de cedência e tolerância caso os objetivos não sejam concomitantes entre todos. Durante a viagem, é natural que a barreira da zona de conforto seja quebrada, colocando ainda os participantes sujeitos aos imprevistos que possam surgir, e à sua resolução. No entanto, se o modo de viver a viagem for análogo, propicia-se o sucesso.

Neste caso, o método lento com que são analisados os elementos com que se cruzam é um traço predominante entre o grupo de arquitetos em questão. A propósito, Sérgio Fernandez recorda o espanto que lhes causou a rapidez de uma visita de grupo organizado por turistas ao museu de Olímpia."*Nós, maravilhados com a riqueza das esculturas expostas, incluindo as tanagras, esculturas de pequeníssimas dimensões; subitamente, entram esses turistas, conduzidos por um guia que, alto e bom som, exclama: «una ojeada a las tanagras y todos al autobus». Não demoraram mais do que cinco minutos! A lentidão com que procurávamos ver tudo e a infinita quantidade e qualidade dos monumentos, levou-nos, por graça, à declaração de que ruínas com menos de 20 cm acima do chão, seriam postas de parte."*[154]. A forma meticulosa como é descrita a observação dos monumentos, por menores que fossem, alude a um olhar diferente de uma ocasional passagem turística, e o estudo que está sempre implícito na descoberta surge com o propósito de alimentar a base de conhecimentos de cada um. Já a discussão coletiva, uma das principais vantagens da viagem em grupo, surge habitualmente após a interpretação individual, com o propósito de partilha e debate: *"Depois da visita, frente ao Parténon, no monte Pnyx onde Péricles fazia as suas prelecções perante a assembleia do povo, passámos a noite, até ao alvorecer, em vivíssima reflexão colectiva."*[155].

O "*conjunto monumental da Acrópole*"[156], já conhecido por todos mas nunca antes visto, tocado e compreendido na sua ilimitada beleza, motivava a discussão, agora neste grupo de amigos que ambicionavam assimilar esta e tantas outras experiências.

[Fig. 49]
Fotografia de grupo, Grécia, 1976.

[Fig. 50]
Banho no mar Mediterrâneo, 1976.

154 **FERNANDEZ, Sérgio** - "Viagens com Fernando Távora" *in* **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** - *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 22.

155 *Ibidem*, p. 21.

156 *Ibidem.*

[3.1.3]
Egipto, 1984

Participantes:
Sérgio Fernandez
Fernando Távora
Álvaro Siza
Alcino Soutinho
Laura Soutinho
Maria Luísa Meneres Távora

Data/Duração:
Setembro 1984

Meios de transporte:
Avião
Barco

Alojamento:
Hotéis

Cidades/ lugares visitados:

Cairo

Gizé
- Pirâmides de Gizé

Saqqara
- Pirâmide de Djoser

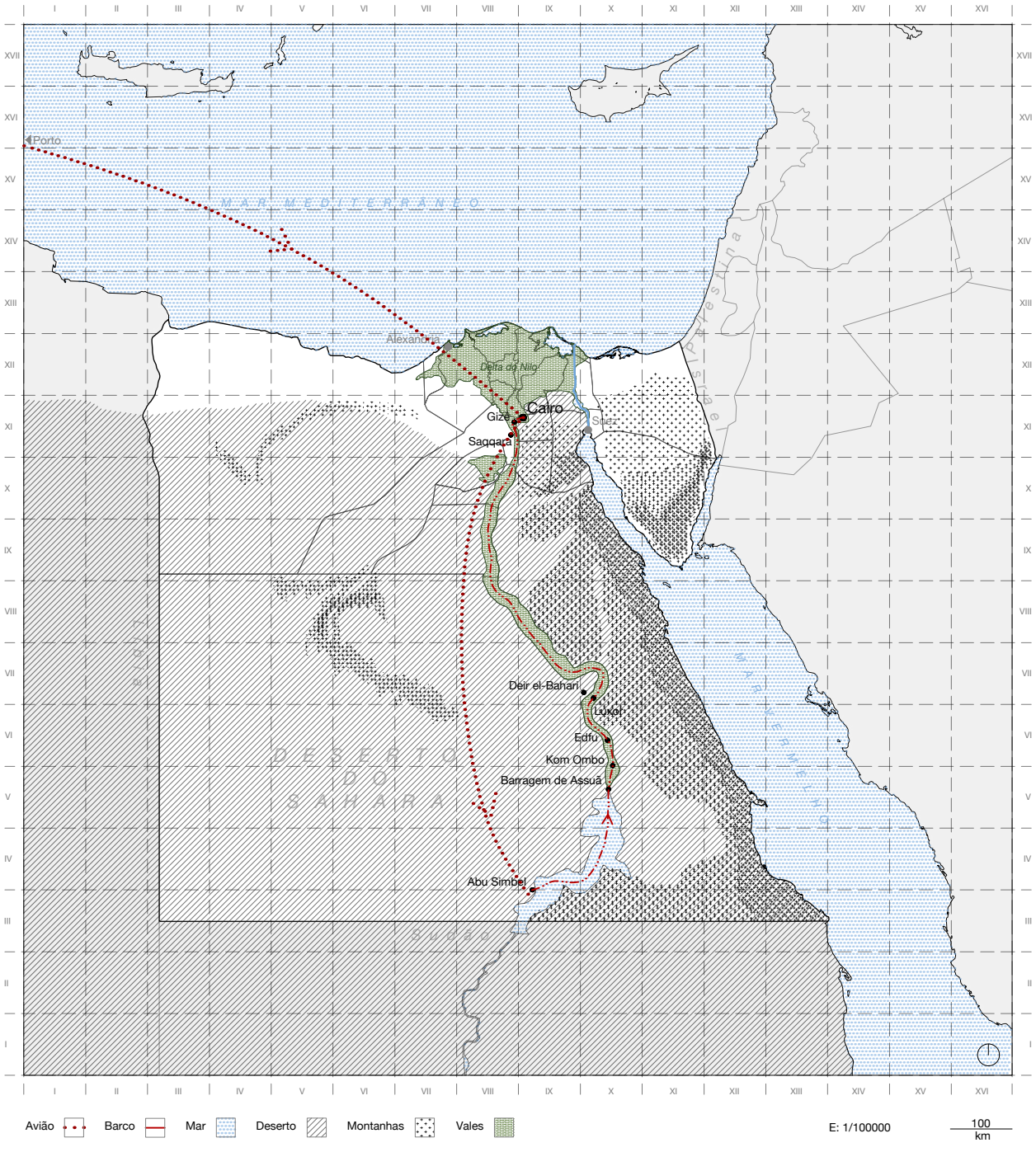
Abu Simbel

Assuã

Kom Ombo

Edfu

Luxor
- Der el-Bahari
- Templo de Karnak



[Fig. 51]
Percurso representativo da viagem a Egipto (1984).

Egipto, 1984

> "*Depois senti na Grécia necessidade de ir ao Egipto perceber uma coisa que não está claramente estudada, a relação Egipto-Grécia.*"[157]

A viagem de 1984 ao Egipto reúne de novo o grupo de arquitetos e amigos composto por Fernando Távora, Maria Luísa Távora, Álvaro Siza, Alcino Soutinho, Laura Soutinho e Sérgio Fernandez. Importa referir que, para além das trajetórias individuais de cada arquiteto, todos mantinham, à época, uma ligação direta com o ensino, desempenhando a função de docentes na ESBAP. Atravessando-se um período de reestruturação do curso de arquitetura, 1984 foi inclusivamente o ano em que foi fixado oficialmente o Plano de Estudos para a nova licenciatura da recentemente aprovada *Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto*[158], que se tornava por fim independente da *Escola de Belas Artes* após cinco anos de estudo e discussão daquilo que viria a ser a nova Faculdade[159]. Perante este panorama de mudança, Fernando Távora presidia a Comissão Instaladora[160] da nova instituição, continuando paralelamente a exercer funções como docente. Álvaro Siza, por sua vez, lecionava a disciplina de construção[161], antecendendo-se catorze anos para vencer o Prémio *Pritzker*, em 1998; Sérgio Fernandez desempenhava a função de assistente na disciplina de iniciação ao Projeto em colaboração com Manuel Botelho[162], e Alcino Soutinho tinha acabado de realizar, em 1984, as provas académicas para Professor Auxiliar na Escola[163].

Para além de serem parte de um núcleo disciplinar estruturante do curso de Arquitetura, o conjunto de viajantes era já recorrente de outras aventuras - nomeadamente na viagem à Grécia em 1976 - experiência que serviu como um estímulo ao aprofundamento da compreensão das afinidades históricas e culturais destes dois territórios mediterrânicos. Desejavam, agora, perceber a influência da "(...) *contribuição do Egipto para a formação da Grécia e, portanto, para este nosso eixo que nos gerou a todos, à Europa actual.*"[164]. Para além do fascínio pelo exótico e desconhecido, esta viagem configura-se como uma busca crítica e fundamentada de relações, resultantes da acumulação de experiências.

157 **TÁVORA, Fernando** - Entrevista, JMSM, Porto 2002 *in* TÁVORA, Fernando - *As raízes e os frutos. Volume 1 Tomo 1.1 O meu caso Arquitectura, Imperativo Ético do Ser.* Porto: Fundação Instituto José Marques da Silva, 2020.

158 **CAVACO, Ana** – *Vozes Vivas da Escola do Porto. Entre pedagogias e vivências, a construção da ideia de Grupo na consolidação da Identidade.* Porto: Universidade do Porto, FAUP, 2022, p. 103-104.

159 A separação do curso de Arquitetura relativamente aos cursos de Pintura e Escultura é anunciada em Junho de 1979, sendo oficializada a construção da FAUP em Dezembro do mesmo ano. A obra inicia-se em 1985 e a transição definitiva para as novas instalações decorre no ano de 1996.

160 A Comissão instaladora da FAUP, constituída pelos arquitetos Fernando Távora, Alexandre Alves Costa e Domingos Tavares foi a equipa responsável pela estruturação inicial da faculdade e definição do seu projeto pedagógico.

161 **CAVACO, Ana** – *Vozes Vivas da Escola do Porto. Entre pedagogias e vivências, a construção da ideia de Grupo na consolidação da Identidade.* Porto: Universidade do Porto, FAUP, 2022, p. 115.

162 *Ibidem*, p. 139.

163 **CREMASCOLI, Roberto** – *Alcino Soutinho.* Vila do Conde: Verso da História, 2013, p. 4.

164 **TÁVORA, Fernando** - Entrevista, JMSM, Porto 2002 *in* TÁVORA, Fernando - *As raízes e os frutos. Volume 1 Tomo 1.1 O meu caso Arquitectura, Imperativo Ético do Ser.* Porto: Fundação Instituto José Marques da Silva, 2020.

Dada a dificuldade em organizar autonomamente uma viagem para um lugar tão distante e desconhecido quer a nível territorial como cultural, e numa tentativa de agilizar as deslocações dentro das várias zonas a visitar no Egito, o grupo de arquitetos integrou-se numa iniciativa organizada por uma agência turística. Previsivelmente, para eles, a viagem foi desde o início direcionada para a experiência arquitetónica, conduzindo a que "(...) *quase sempre, andássemos desfasados dos restantes excursionistas, que não conhecíamos.*"[165]. Apesar das diferenças de abordagem e de ritmo, foi possível estabelecer relações de convivência cordiais com o restante grupo, ainda que, com alguma ironia, tenham sido apelidados de "grupo de atrasados". A abordagem dos arquitetos distinguia-se pela sua lentidão e minúcia, incompatível com os ritmos mais apressados do turismo convencional. Enquanto os restantes viajantes procuravam essencialmente visitar os lugares de um modo descomprometido, o grupo optava por permanecer mais tempo nos espaços, para os sentir e compreender com um olhar tendencialmente analítico.

[Fig. 52]
Saqqara, 1984. Fotografia de Sérgio Fernandez

[Fig. 53]
Desenho de viagem, Gizé, Álvaro Siza, 1984.

Entre "(...) *mundos estranhos, mas especialmente belos* (...)"[166], visitaram as cidades de Luxor, Kom Ombo, Edfu, Karnak, testemunhos do poder e do refinamento da civilização do antigo Egipto[167]; na viagem pelo rio Nilo, até à barragem de Assuão percorreram "(...) *diferentes pontos de interesse arqueológico e arquitectónico* (...)"[168], não perdendo nenhum pormenor independentemente do "(...) *sol impiedoso que determinava temperaturas acima dos quarenta graus* (...)"[169]; e de avião, deslocaram-se até Abu Simbel para ver o túmulo de Ramsés II, transferido para um novo local liberto das águas da barragem, mas onde ainda assim a sua integridade foi preservada, "(...) *continuando a garantir-se que o primeiro raio de sol do dia do nascimento do faraó, atinge a sua efígie no mais profundo espaço do complexo tumular.*"[170]. Em Saqqara, naquela que tivera sido uma das várias capitais do Antigo Egipto, reconhecem a pirâmide de Djoser e "(...) *as portas falsas das falsas capelas.*"[171], e em Deir el-Bahari, "(...) *o prodigioso túmulo da rainha Hatshepsut onde, caso raro na nossa profissão, está esculpida a efígie do seu arquitecto.*"[172].

No complexo de Gizé, perante a pirâmide de Quéops, Fernando Távora foi um dos únicos participantes que teve a coragem de percorrer o "(...) *percurso interno, muito estreito, baixo e com ar rarefeito* (...)"[173] que não quis perder aquela oportunidade e fez todo o trajeto até à câmara interna, relatando-o no final para os restantes companheiros de viagem. Entre todas essas

165 **FERNANDEZ, Sérgio** - "Viagens com Fernando Távora" *in* **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** - *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 23.

166 *Ibidem.*

167 *Ibidem.*

168 *Ibidem.*

169 *Ibidem.*

170 *Ibidem.*

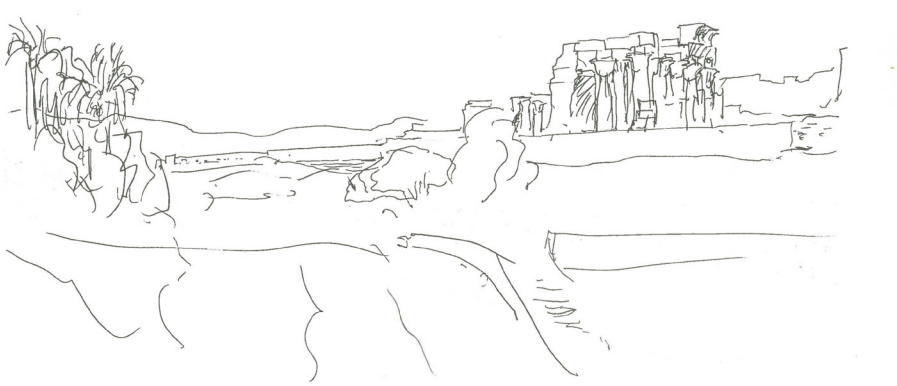
171 *Ibidem.*

172 *Ibidem.*

173 *Ibidem.*

experiências, houve ainda lugar para "(...) *passeios em pequenos barcos à vela locais e, até, para uma espécie de baile de carnaval a bordo do barco-hotel, com disfarces improvisados, todos com algum desrespeito e falta de imaginação, parodiando as antigas figuras que, no Egipto, tinham construído este insubstituível legado.*"[174].

Entre os templos, os pátios e os muros espessos das casas, os momentos lúdicos emergem naturalmente e permitem que se proporcionem oportunidades para a integração com o contexto local e de vivência da cultura que dele emana. Para Fernando Távora, neste caso o elemento mais velho do grupo, não seria a primeira vez que visitava o Egipto. Tinha já sido anteriormente impressionado pela escala das ilustres pirâmides de Gizé no regresso da viagem realizada aos Estados Unidos e Japão em 1960: "*E tudo é realmente muito grande. Aliás as pirâmides só podem destacar-se pela sua massa em contraste com o céu porque a pedra que as reveste era praticamente da cor da areia.*"[175]. O mesmo confronto repete-se agora em 1984, descrito na primeira pessoa por Sérgio Fernandez: "*O primeiro choque aconteceu com a presença das pirâmides de Gizé, tão inesperadamente próximas da zona urbana do Cairo e tão espectacularmente surpreendentes na sua escala desmesurada e na pureza da sua forma.*"[176]. A expectativa prometida pelas narrativas de outros viajantes e pelas imagens anteriormente estudadas enfrenta finalmente o objeto real e a perceção transforma-se, agora metamorfoseada pela realidade. "*Nunca poderia ter imaginado antes que aquela arquitectura fosse, para mim, tão impressionante.*"[177]. Aquilo que é apreendido pela visão integra-se, depois, no espaço mental do conhecimento, dando origem à intrínseca relação entre a perceção e a cognição, responsável pela construção do mapa mental de cada um. É nesta ótica que Fernando Távora e os restantes arquitetos encontram uma das principais motivações para as suas viagens, e esta não foi exceção. Partem para o Egito para "(...) *perceber o* [seu] *mundo e perceber-*[se] *a* [si], *perceber Portugal e perceber tudo isto.*"[178], encontrar as diferenças e semelhanças entre os lugares — quando há semelhanças, entender a sua razão. Terão certamente entendido no Egito a força do seu simbolismo, e a partir dali, recordado os templos gregos, igualmente carregados do valor simbólico que transportaram para a cultura da civilização europeia. As viagens conectam-se diretamente aos conhecimentos preexistentes, ampliando-os e enriquecendo-os. "*Nunca nos limitamos a olhar para uma coisa: estamos sempre a olhar para a relação entre as coisas e nós mesmos.*"[179] São as viagens que constroem o mundo do viajante, deslocando-se de forma incessante e inscrevendo as aprendizagens adquiridas num campo circular que se organiza ao seu redor.



[Fig. 54]
Desenho de viagem, Kom-Ombo, Álvaro Siza, 1984.

[Fig. 55]
Egipto, 1984.

[Fig. 56]
Templo de Hatshepsut, 1984.

[Fig. 57]
Abu Simbel, 1984.

174 *Ibidem.*

175 **TÁVORA, Fernando** - *Diário de "bordo"*, coord. Álvaro Siza. Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2012, p. 394.

176 **FERNANDEZ, Sérgio** - "Viagens com Fernando Távora" in **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** - *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018, p. 23.

177 *Ibidem.*

178 **TÁVORA, Fernando** - Entrevista, JMSM, Porto 2002 *in* TÁVORA, Fernando - *As raízes e os frutos. Volume 1 Tomo 1.1 O meu caso Arquitectura, Imperativo Ético do Ser.* Porto: Fundação Instituto José Marques da Silva, 2020.

179 **BERGER, John** – *Modos de ver*. Lisboa: Antígona, 2024, p. 18.

[3.2]
A *Voz* da viagem na experiência académica contemporânea

[Fig. 58]
Cartaz de divulgação da viagem aos EUA, AEFAUP, 2014.

[Fig. 59]
Cartaz de divulgação da viagem a Paris, AEFAUP, 2023.

Considerando as memórias das viagens realizadas durante a formação na *Escola de Belas Artes* e nos primeiros anos da *Faculdade de Arquitetura*, torna-se essencial compreender de que modo a herança deixada pelas figuras que moldaram a prática na Escola se integra no contexto atual de ensino. Neste sentido, visando a construção de um enquadramento contemporâneo do lugar da viagem nos contextos institucional e estudantil da FAUP, procedeu-se à recolha e análise das viagens académicas realizadas com o apoio da *Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto* (AEFAUP)[180] ao longo da última década. A existência de um departamento especificamente dedicado ao apoio e organização das viagens evidencia a relevância atribuída a esta prática no percurso formativo dos estudantes, destacando-se, no conjunto de deslocações realizadas entre 2015 e 2025, destinos internacionais como o Japão, Finlândia, Espanha, Alemanha, Áustria e França, bem como as viagens no âmbito nacional, com visitas às cidades de Coimbra, Évora e Lisboa.

De um modo abrangente, as viagens de estudo que decorrem no seio da FAUP poderão ser categorizadas de duas formas: aquelas que, organizadas no âmbito das Unidades Curriculares do Mestrado Integrado, são direcionadas a um ano curricular específico e comunicam diretamente com as temáticas abordadas na sala de aula; e as viagens que, impulsionadas pelo interesse por um tema ou lugar, emergem espontaneamente através de iniciativas dos estudantes e/ou dos docentes, expandindo-se a possibilidade de participação a toda a comunidade académica. A AEFAUP acrescenta ainda uma outra forma de classificação das viagens, de acordo com a sua extensão temporal: viagens de curto curso para as que têm a duração de um dia, médio curso para viagens que decorrem entre dois a três dias, e longo curso para aquelas cuja duração ultrapassa os quatro dias. O termo 'viagem de microcurso' surge, ocasionalmente, para designar breves percursos pela cidade do Porto ou deslocações curtas para visitar uma única obra — como as idas a Marco de Canaveses para visitar a Igreja de Santa Maria, de Álvaro Siza[181] — que geralmente não ocupam um dia completo.

Como parte do processo de aproximação ao estudo da arquitetura, no primeiro ano do curso é comum que se realizem viagens incentivadas pela U. C. de Projeto I, centrando as deslocações predominantemente dentro do panorama nacional. A viagem de curto curso ao Minho é um dos destinos que se tem vindo a repetir com mais frequência nos últimos dez anos. São visitadas a Casa das Marinhas (Viana de Lima), a Casa Alves Costa e Casa Alcino Cardoso (Álvaro Siza), e a Vill'Alcina, de Sérgio Fernandez que, frequentemente, acompanha os estudantes, abrindo as portas da sua casa para guiar a visita com uma explicação da obra enquanto autor e utilizador do espaço. Em moldes semelhantes, com a partida de manhã e regresso ao final do dia, enquadra-se a viagem de autocarro pelas estradas paralelas ao Douro, traçando-se o roteiro por obras de Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura, Álvaro Andrade, Camilo Rebelo e Tiago Pimentel[182]. No contexto das viagens de primeiro ano, dá-se também conta da viagem à cidade de Évora, que, apesar de ser relatada pelas gerações anteriores como um momento indispensável para os estudantes do primeiro ano pela sua "(...) *presença nas cadeiras de Desenho e de História* (...)"[183], não se tem vindo a cumprir com igual frequência nos últimos tempos.

180 A *Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto* (AEFAUP) é uma instituição de reunião de interesses dos Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. É um órgão democrático que visa a defesa dos direitos e interesses dos estudantes, promovendo atividades culturais, desportivas e recreativas, contribuindo ainda para a discussão e decisão sobre questões académicas. A AEFAUP é normalmente organizada através de departamentos: Cultural, Políticas Educativas, Desportivo, Editorial, Comunicação, Livraria, Viagens, Recreativo e Relações Externas e Internacionais. - in *Estatutos da Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*.

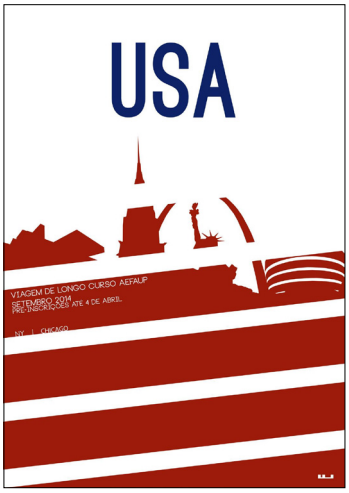
181 Relatório de atividades e de contas 2019/2020, AEFAUP.

182 O itinerário da viagem ao Douro passa normalmente pelas seguintes obras: Igreja de Santa Maria, Marco de Canaveses (Álvaro Siza); Espaço Miguel Torga, São Martinho de Anta (Eduardo Souto de Moura); Centro de Alto Rendimento de Remo do Pocinho, Vila Nova de Foz Côa (Álvaro Andrade) e Museu do Côa, Vale do Côa (Camilo Rebelo e Tiago Pimentel).

183 **FERNANDEZ, Sérgio** – Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Sérgio Fernandez, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 21.06.2021.

A lacuna justifica-se pela interrupção destabilizadora causada pela pandemia Covid-19, que, desde então, se tem vindo a aliar à falta de iniciativa para a sua organização, gerando um hiato nesta prática. Na viagem a Évora, ainda realizada em 2017 e 2018, era habitual aproveitar a oportunidade para explorar algumas das regiões atravessadas: com paragens em Tomar para visitar o Convento de Cristo, seguia-se até ao Bairro da Malagueira (Álvaro Siza) em Évora, passando-se posteriormente em Estremoz e, no caminho de regresso, interrompia-se o percurso em Setúbal para ver a Escola Superior de Habitação (Álvaro Siza). Geralmente, a estadia decorria em parques de campismo, onde estudantes e professores ficavam alojados, e o acampamento tornava-se parte integrante da experiência.

Com a sua primeira edição realizada em 1993 numa visita a Barcelona[184], a célebre 'viagem do segundo ano' consolidou-se como uma prática recorrente no curso e uma tradição na Escola[185], caracterizando-se pela sua longa duração e estrutura profundamente influenciada pelas narrativas de viagem partilhadas por Fernando Távora[186].
O seu planeamento inicia-se habitualmente no princípio de cada ano letivo, num trabalho coordenado entre estudantes e professores, com o intuito de cumprir o seu principal objetivo: proporcionar, pelo menor custo possível[187], a oportunidade de sair do país para ver arquitetura, e estimular a ampliação da cultura arquitetónica através da experiência, num momento relativamente inicial da formação; e, tal como acontece na maior parte das viagens de estudo, é acompanhada pelos docentes do respetivo ano curricular que orientam na interpretação das obras, promovendo a reflexão crítica e pessoal de cada estudante.
Uma das práticas estabelecidas para as viagens do segundo ano é que se realizem de autocarro, que parte do Porto e acompanha o grupo durante os sete dias de viagem[188] , sendo até frequente que algumas das noites decorram em deslocação — juntando-se a necessidade da movimentação à oportunidade de reduzir o custo de alojamento. O autocarro transforma-se num espaço de vivência móvel onde é possível conversar, comer ou descansar e, para além disso, possibilita uma maior liberdade de modelação do percurso, facilitando desvios para visitar obras de arquitetura entre cidades ou alterar a rota caso seja necessário.
A concretização da viagem seguindo um itinerário estruturado torna-se, precisamente, numa das características principais da viagem de segundo ano: não se ignora o percurso até ao destino final, mas identifica-se o potencial de cada paragem, construindo-se a viagem ao longo do caminho. Em 2018, ainda que a intenção fosse chegar a Berlim para explorar a cidade durante quatro dias, não se privaram as visitas a San Sebastian para ver a obra de Eduardo Chilida; La Tourette e Ronchamp para reinterpretar o *Modulor* de Le Corbusier; ou Bordéus, onde inclusivamente passaram uma noite.[189] Já em 2019, com o objetivo de realizar uma viagem baseada na visita às obras de Le Corbusier, cada paragem assume o protagonismo de destino, como se se tratasse da construção de uma história através de uma sucessão de capítulos. Na área de Paris, exploram-se as *promenade architecturale* e modos de habitar das *Villas Savoye*, *Stein de Monzie*, *Besnus*, *Miestchaninoff*, *Ternisien*, *Cook*, passando no *Immeuble Molitor* e *Villa La Roche*. Prossegue-se pela capela de Ronchamp e Convento de La Tourette, Unité d'Habitation de Marselha e, como não poderia deixar de ser, termina-se o extenso percurso no *Le Cabanon*, em Roquebrune Cap-Martin.



184 **PINTO DA SILVA, Madalena** *in* Conferência "As viagens do 2º ano", FAUP 40 anos, 29.05.2021, Zoom.

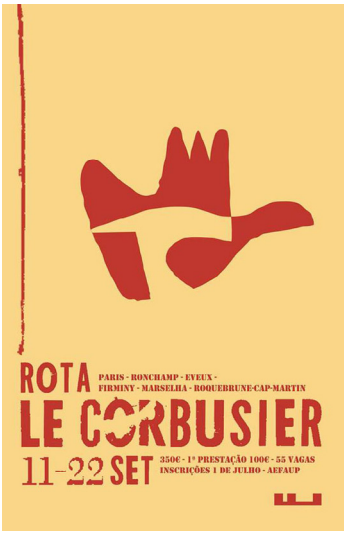
185 Em 2021, no âmbito da celebração dos 40 anos da FAUP, decorreu a conferência "As viagens do 2º ano", na qual participaram os docentes Alberto Lage e Madalena Pinto da Silva e foram abordadas a relevância e os frutos dessas viagens.

186 **LAGE, Alberto** in Conferência "As viagens do 2º ano", FAUP 40 anos, 29.05.2021, Zoom.

187 É frequente que se realizem iniciativas para a angariação de fundos que contribuem para a viagem, das quais se destacam os leilões (através da doação de materiais gráficos por professores, arquitetos, fotógrafos e artistas), a venda de rifas, postais ou bolos.

188 A viagem de segundo ano decorre geralmente durante a semana académica da Universidade do Porto.

189 Roteiro de viagem consultado no Arquivo AEFAUP.



[Fig. 60]
Viagem do 2º ano, Rota do Le Corbusier, 2019.

[Fig. 61]
Cartaz de divulgação da Viagem da Rota do Le Corbusier, AEFAUP, 2013.

Independentemente da repetição ou variabilidade dos itinerários, as viagens do primeiro e segundo ano são aquelas que, incentivadas pelas Unidades Curriculares, se têm vindo a constituir como um referencial na continuidade da formação na Escola durante as últimas décadas. Para além delas, registam-se as demais viagens que partem através de iniciativas da Associação de Estudantes e que não estabelecem uma relação estreita com nenhuma U. C. em particular. Entre elas, a viagem de dezasseis dias ao Japão em 2015, que, com início em Tóquio, passando por Kyoto, Osaka, Nara e Kobe, permitiu a um grupo de 28 estudantes visitar a arquitetura tradicional e contemporânea japonesa[190]; a viagem à Finlândia em 2017, singular experiência de imersão na obra de Alvar Aalto[191]; a viagem de três dias ao norte de Espanha em 2018, cujo roteiro passou por Zamora, Léon, Oviedo e Santiago de Compostela[192]; as várias viagens de curto curso a Coimbra e Lisboa[193]; o grupo de 66 estudantes que, de autocarro entre o norte de Espanha e o sul de França, inauguram a primeira viagem pós-pandemia na Escola[194], e, no mesmo ano, a viagem de médio curso às cidades do País Basco[195], cujo roteiro se repete em 2023[196]; os três dias em Paris, em abril de 2023; e a ida a Berlim em 2025 que, dada a falta da 'viagem de segundo ano', preencheu grande parte das vagas com estudantes desse ano académico[197].

O que se enfatiza, essencialmente, das preferências dos estudantes e objetivos subjacentes às viagens realizadas no contexto académico "(...) *é que o destino seja um local que não seja fácil de aceder ao viajar sozinho, tanto a nível de segurança, como monetário.*"[198], procurando-se sempre tirar partido das vantagens de viajar em grupo, no que concerne também à entrada em locais que exigem marcações prévias e/ou visitas guiadas.
Importa, no entanto, referir que, para além de todas as viagens que tiveram um desenvolvimento positivo, existiram outras que não ultrapassaram o estado de planeamento, e nunca se concretizaram. Tal ocorre, por exemplo, em 2018 quando uma viagem de longo curso com destino à Suíça "(...) *acabou por não se realizar dado o reduzido número de inscritos* (...)"[199], justificando-se o decorrido pelo "(...) *custo elevado da viagem* (...)"[200], que rondava os 850€. De modo semelhante, em 2019, foi considerada uma viagem cujos núcleos principais seriam Nova Iorque e Chicago[201], inspirada na viagem aos Estados Unidos realizada em 2014[202].

190 Roteiro de viagem consultado no Arquivo AEFAUP.

191 *Ibidem.*

192 *Ibidem.*

193 *Ibidem.*

194 *Ibidem.*

195 *Ibidem.*

196 *Ibidem.*

197 *Ibidem.*

198 Relatório de atividades e de contas 2017/2018, AEFAUP.

199 *Ibidem.*

200 *Ibidem.*

201 Relatório de atividades e de contas 2018/2019, AEFAUP.

202 **CASAL RIBEIRO, Helder** – Conversa realizada no âmbito da dissertação em 13.06.2025.

No entanto, quando se iniciaram os preparativos da viagem, os orçamentos já se mostravam excessivamente elevados, "(...) *de tal forma que não seria possível realizar a viagem por menos de 2000€* (...)"[203]. Numa tentativa de contornar a situação, propôs-se novamente uma viagem à Suíça, mas, apesar de tudo, o seu custo continuou a ser um impedimento e "(...) *não* [*existiram*] *inscrições suficientes para prosseguir* (...)"[204].

Em março de 2020 surge ainda, distante de qualquer previsão, um novo obstáculo que põe em causa a realização de viagens: a emergência da pandemia Covid-19 obrigou à aplicação de uma série de medidas baseadas no distanciamento social, numa tentativa de mitigar a sua propagação. As deslocações reduziram-se ao mínimo necessário, resultando na inviabilidade da prática da viagem — incluíndo aquelas realizadas dentro do país. No contexto da FAUP, as aulas presenciais foram interrompidas, comprimindo-se, através das plataformas digitais, o espaço que se partilhava diariamente, e, perante esta anormal situação, viram-se obrigadas ao cancelamento várias viagens que, independentemente do seu estado avançado de planeamento, não tiveram a possibilidade de prosseguir por falta de condições de segurança[205].

Seguiu-se cerca de um ano e meio de instabilidade, marcado por quarentenas, períodos de aumento e alívio de restições de contacto, atingindo-se, por fim, o tão aguardado 'desconfinamento'. Gradualmente, os serviços começaram a retomar a normalidade, e as aulas transitaram definitivamente para o regime presencial. Paralelamente, as viagens vinculadas ao primeiro ano foram retomadas, expandindo-se inclusivamente os destinos a Bilbao (2023) e Santiago de Compostela (2024). Em contrapartida, as intituladas 'viagens do segundo ano' sofreram uma interrupção significativa, rompendo a cadência habitual de realização e permanecendo a prática inativa até ao presente ano de 2025. Essa interrupção deve-se principalmente à falta de adesão da parte dos estudantes — não só devido ao aumento substancial dos custos de deslocação e alojamento após a pandemia, mas também, certamente, fruto de uma "desconsciencialização" desta tradição que, agora quebrada há cinco anos, resulta no escasseio dos testemunhos partilhados pelos estudantes das gerações anteriores.

Abordam-se de seguida, em maior profundidade, três das viagens realizadas no contexto das viagens de estudo realizadas com o apoio da Associação de Estudantes entre 2015 e 2025, analisando-se as intenções, temáticas e resultados de cada itinerário.

Em primeiro lugar, a viagem de 2017 à Finlândia, que se destaca pelo seu caráter monográfico sobre a obra de Alvar Aalto e que transcende o momento em que foi realizada, mantendo um papel ativo no percurso dos estudantes através de um trabalho académico e uma exposição baseada nos seus registos; a viagem ao Norte de Espanha e Sul de França em 2022, que, aproximando-se aos moldes das viagens realizadas no segundo ano, englobou a visita a uma diversidade de obras dispersas por períodos distintos, caracterizando-se pelo seu percurso contínuo e — além do seu interesse académico — foi a primeira viagem de longo curso a ser realizada após a pandemia na Escola; e por último, a viagem a Berlim em maio de 2025, que, contrariamente às duas viagens anteriores, não se configurou através da demarcação de um itinerário, mas incidiu o seu foco sobre uma única cidade — priveligiando-se uma abordagem especialmente imersiva no contacto com o espaço urbano.

203 Relatório de atividades e de contas 2018/2019, AEFAUP.

204 *Ibidem.*

205 Em março de 2020, foram canceladas a viagem a Madrid e a viagem do segundo ano, ambas com a realização agendada para maio do mesmo ano. *in* Relatório de atividades e de contas 2019/2020, AEFAUP.

[3.2.1]
Finlândia, 2017

Participantes:
13 estudantes do 4º ano
1 docente

Data/Duração:
1 a 12 de Setembro 2017

Meios de transporte:
Avião
Carrinha

Alojamento:
Hostéis

Custo*:
980€/ estudante

Cidades/ obras visitadas:

Helsínquia
- Rautatalo Office Building
- Finlandia Hall
- Studio Aalto
- Aalto House
- Enso – Gutzeit Headquarters buildings
- National Pensions Institute Housing
- House of Culture
- Book House
- Otaniemi Campus

Paimio
- Paimio Sanatorium

Turku
- Turku Sanomat

Seinajöki
- Seinajöki Civic Center
- Seinajöki Library
- Lakeuden Risti Church

Alajärvi
- Alajärvi Municipal Centre

Rovaniemi
- Rovaniemi civic centre
- Rovaniemi library
- Lapia Hall

Jyväskylä
- Alvar Aalto Museum
- University of Jyväskylä
- Museum of central Finland
- Jyväskylä Defence corps building
- Jyväskylä workers club
- Aalto Alvari Swimming Hall

Säynätsalo
- Säynätsalo Town Hall

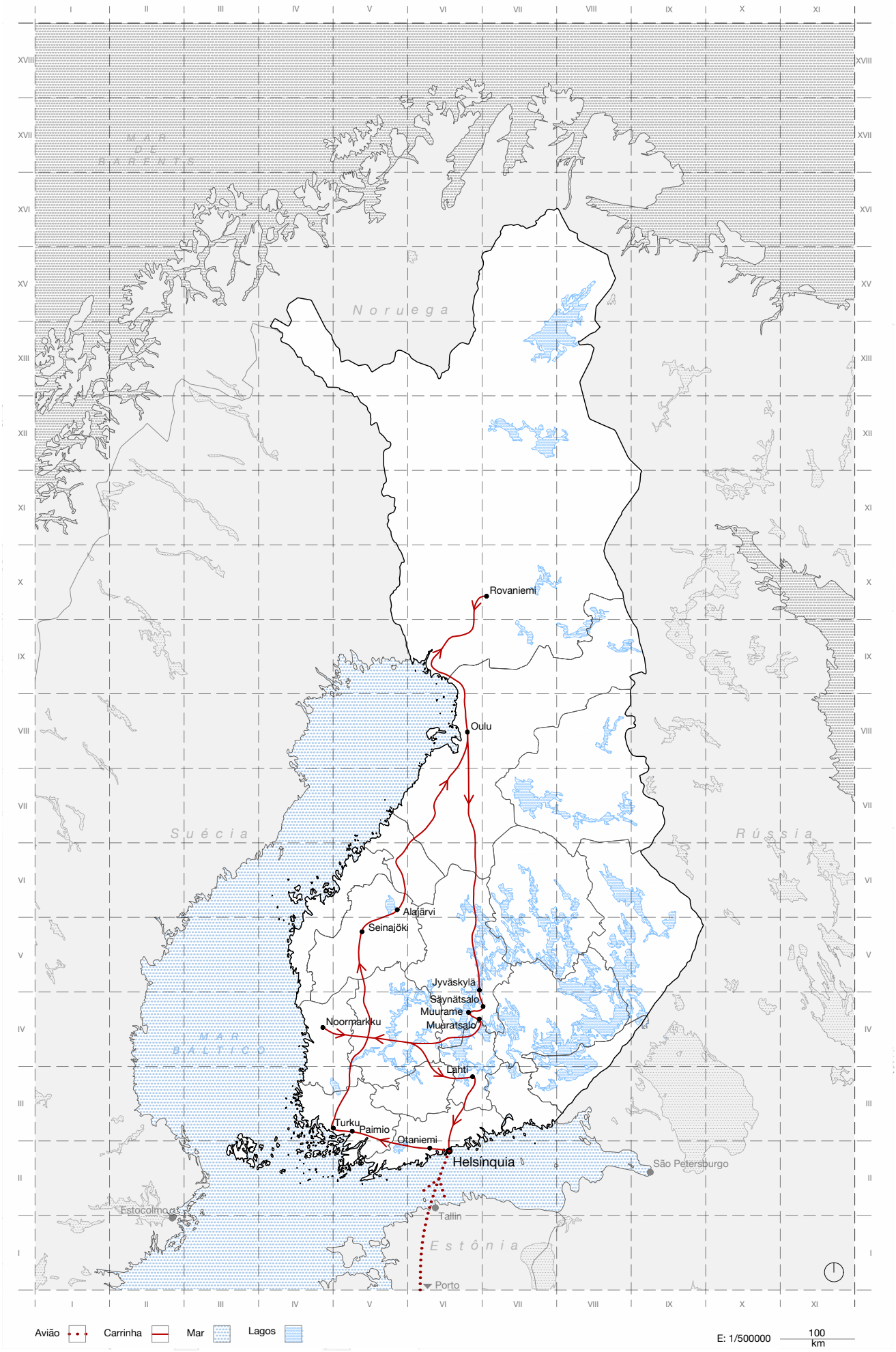
Muurame
- Muurame Church

Muuratsalo
- Experimental House

Noormarkku
- Villa Mairea

Lahti
- Church of the cross

* O custo por estudante engloba o preço do transporte e do alojamento.



[Fig. 62]
Percurso representativo da viagem à Finlândia (2017).

Finlândia, 2017

"30 de Agosto de 2017,
treze alunos,
um professor.
Seguiram-se doze dias de quinze cidades e uma obra." [206]

A viagem de estudo à Finlândia, realizada em 2017, surge de uma vontade partilhada entre o professor Helder Casal Ribeiro — à altura, docente da Unidade Curricular de Projeto III — e um pequeno grupo de alunos. Motivada inicialmente pelo desejo de partir em viagem e pela boa relação estabelecida entre o professor e os estudantes, a proposta consolidou-se com o apoio da Associação de Estudantes da Faculdade, criando as condições para que esta ideia, inicialmente abstrata, evoluísse rumo a um objetivo mais concreto.

A escolha do roteiro inteiramente dedicado às obras do arquiteto Alvar Aalto sucedeu no momento em que o grupo responsável pela organização da viagem constatou que, apesar de Aalto ser frequentemente referenciado no contexto da FAUP, são poucas as memórias de viagens académicas para visitar a sua obra. Verificando-se efetivamente uma lacuna na última década, não se pode deixar de reconhecer nesta conjuntura a viagem que Álvaro Siza realizou à Finlândia, ainda enquanto estudante na Faculdade de Belas Artes, na qual teve a oportunidade de visitar as obras do autor, e ainda a sorte de o conhecer pessoalmente[207]; a de José Carlos Loureiro com alunos e colegas ao mesmo país, descrita "(...) *como um momento marcante do seu percurso* (...)", que lhe permitiu a "(...) «*confirmação da vontade de fazer uma Arquitectura humanista*» (...)"[208]; ou a viagens aos Países Nórdicos[209] na geração de Pedro Ramalho.

O planeamento da viagem de 2017 iniciou em maio do mesmo ano, uma vez que o objetivo era realizá-la antes do início das aulas do ano letivo seguinte, em setembro: no fundo, "(...) *era como se fossemos recarregar baterias para voltar e estar na disposição de dar aulas e ter as aulas.*"[210]. Para divulgar a iniciativa, foi organizada uma sessão de apresentação aberta a todos os estudantes do Mestrado Integrado e, apesar da viagem ter sido inicialmente pensada para um grande grupo, foram preenchidas apenas treze das quarenta vagas disponíveis. A reduzida adesão não constituiu, no entanto, um entrave para os estudantes que desejavam visitar as obras de Alvar Aalto e, uma vez definido o grupo, iniciou-se imediatamente o processo de preparação da viagem. A deslocação até Helsíquia seria feita de avião, e duas carrinhas de sete lugares, alugadas, garantiriam a mobilidade entre as paragens programadas. O exigente planeamento do itinerário revelou-se crucial para o desenrolar positivo da viagem, intencionando-se, sempre que possível, que as visitas decorressem em conformidade com a ordem de construção das obras, numa tentativa de remontar cronologicamente o processo de evolução do autor. Este método de estruturação do percurso permitiria aos estudantes compreender intuitivamente através do corpo de obra "(...) *quais são os picos, quais são os momentos em que percebemos que as coisas vêm em continuidade e se complementam, quando é que há ruturas, quando é que há um stress se adoeceu ou, no seu caso, quando no seu fim de vida começou a ter menos projetos e a obra começa a tremer um pouco…*"[211]. Este modo de viajar ensaia um estudo singular que "(...) *não se baseia em «picar» só as obras que são mais faladas ou conhecidas* (...)"[212], mas permite construir um

206 Excerto de texto da folha de sala da exposição realizada no museu da FAUP. Arquivo AEFAUP.

207 **SIZA, Álvaro** in "Viagem de Siza à Finlândia", excerto de entrevista disponibilizada pela Fundação Gulbenkian, 12.08.2024.

208 **COSTA, Nuno Brandão; LOUREIRO, Luís Pinheiro** - J. Carlos Loureiro. Verso da História: Vila do Conde, 2013, p. 13.

209 **RAMALHO, Pedro** – Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 21/06/2021.

210 **CASAL RIBEIRO, Helder** – Conversa realizada no âmbito da dissertação em 13.06.2025.

211 *Ibidem.*

212 *Ibidem.*

[Fig. 63]
Paisagem da envolvente, Finlândia, 2017. Fotografia de João Taveira.

[Fig. 64]
Casa Alvar Aalto, Helsínquia, 2017. Fotografia de João Taveira.

[Fig. 65]
Sanatório de Paimio, Paimio, 2017. Fotografia de João Taveira.

conhecimento sobre o panorama completo da obra. A compreensão é facilitada pela sequência das etapas e reforçada pela experiência do lugar. Nas palavras de Mafalda, "*A relação dos volumes e a paisagem são coisas que não sentes ao ver os desenhos e as fotografias, de todo. É só mesmo estando lá. Parece que quando [estávamos] lá, os desenhos diziam muito pouco da obra, porque descobrimos tantas coisas.*"[213]. A vivência viabiliza a exploração dos detalhes, na maior parte das vezes apenas possíveis de identificar no contacto direto com o espaço e com os materiais, conduzindo à "(...) *ativação dos sentidos, através dos cheiros, os sons…*"[214] Para além disso, a possibilidade de estar imerso na realidade cultural em que Alvar Aalto projetou, em contacto com a floresta, os lagos e o clima "(...) *é uma camada que se acrescenta* (...) *para além da arquitetura.*"[215].

O percurso inicia-se pela concentração das obras do autor em Helsínquia: a Casa *Aino Aalto* (1936), *Rautatalo Office Building* (1955), *National Pensions Institute* (1956), *House of Culture* (1958) e *Finlandia Hall* (1971). Continua-se a viagem até ao Sanatório de Paimio (1933) — uma das primeiras obras de Alvar Aalto, reveladora de "*um exemplo de um edifício funcionalista, mas muito centrado na escala humana*"[216] e cuja implantação, no coração da floresta, é justificada pela qualidade do ar naquele local. Em Turku, visitaram o edifício de escritórios *Turun Sanomat* (1933) e, ainda que o itinerário os fizesse aproximar de Noormarkku, adiam a visita à *Villa Mairea* (1939) para os últimos dias da viagem, forçados por questões de disponibilidade de visita. Prosseguem para a Seinajöki, Alajärvi, passando por Oulu e chegando ao ponto mais setentrional da viagem: Rovaniemi, onde visitam a Biblioteca Municipal, construída nos finais da década de 60, e o *Lapia Hall*, em 1972. Descendo até Jyväskyla, fizeram a paragem no Campus da Universidade, finalizado em 1970; em Säynatsälo visitaram a *Town Hall* e, por uma questão de proximidade, pararam na igreja de Muurame, retrocedendo a uma obra de 1929. Posteriormente, visitaram a *Experimental House* em Muuratsalo, seguindo-se o desvio até à *Villa Mairea* e, por fim, a igreja de Lahti (1978).

Entre as viagens de carrinha — que por vezes se configuravam longas — e as paragens recompensadoras nas várias obras, decorria uma permanente convivência com a surpresa: como quando se depararam com a primeira casa de Aino e Alvar Aalto, "(...) *que era uma coisa perdida na paisagem* (...)"[217], em ruínas, mas ainda assim deslumbrante; ou o momento inesquecível para aqueles que inesperadamente avistaram uma aurora boreal. Do estado

213 **TAVEIRA, João** – Conversa realizada no âmbito da dissertação em 05.06.2025.

214 **MARQUES, Mafalda** – Conversa realizada no âmbito da dissertação em 05.06.2025.

215 *Ibidem.*

216 *Ibidem.*

217 **CASAL RIBEIRO, Helder** – Conversa realizada no âmbito da dissertação em 13.06.2025.

de permanente descoberta, caracterizado como "(...) *uma aura geral que tem que ver com a motivação, com o entusiasmo, com a surpresa…*"[218], deriva uma "(...) *experiência completamente diferente de viajar sozinho* (...)"[219]. Nas palavras de João Taveira, evidencia-se a discussão e partilha de ideias, semelhante ao ambiente vivido na faculdade, como "(...) *em Projeto, quando fazíamos noitadas,* (...) *e ficávamos até tarde a falar uns com os outros, para comunicarmos, para perceber as ideias uns dos outros. A ver arquitetura era a mesma coisa.*"[220]. O diálogo adquire um papel central, não só entre estudantes, que, por se encontrarem num momento equiparável da formação, partilhavam inquietações semelhantes, mas também com o professor, que "(...) *tinha uma predisposição muito grande para comunicar connosco e para nos chamar a atenção de determinados aspetos* (...)"[221], contribuíndo para um ambiente descontraído e de descoberta coletiva, no qual a discussão poderia surgir "(...) *a partir de um simples comentário feito por alguém.* (...) *Isso é suficiente para ter um outro olhar.*"[222] Para além da existência deste espaço seguro para o cruzamento de interpretações dos estudantes, e "(...) *apesar de ter sido uma experiência em grupo,* (...) *foi também uma viagem para enriquecimento pessoal* (...)"[223], existindo lugar para as inevitáveis reflexões individuais. A visita às obras foi realizada, na maior parte das vezes, em paragens longas — deixando a cada um o espaço necessário para explorar, deambular e registar, priveligiando-se o tempo para ver, e sobretudo, sentir as obras. "*No fundo é como comer slow food, a ideia de uma refeição lenta, de uma pessoa se sentar e saborear a comida. Outra coisa é comer rápido e sair."*[224] - o desaceleramento em cada paragem foi essencial para criar uma consciência sobre o que se estava a ver, e usufruir.

Entre o desenho, a fotografia e o registo em vídeo, os dois primeiros revelaram-se as metodologias de registo predominantes entre os treze estudantes. João Taveira refere, inclusivamente, que esta viagem constituiu o momento que lhe permitiu compreender definitivamente "(...) *que o desenho de viagem é uma ferramenta de aprendizagem.*"[225], surgindo como um registo de pensamento que está relacionado com o que cada um procura ver ao construir um raciocínio sobre a obra — que se pode traduzir "(...) [*n*]*um desenho abstrato ou mesmo só* [*n*]*o desenho de uma parte em particular que chamou a atenção e que para outra pessoa pode não ter grande importância.*"[226]. O filtro imposto pela ação de desenhar resulta numa observação assumidamente mais atenta, cognitiva e predominantemente pessoal.

[Fig. 66]
Experimental House, Muuratsalo, 2017. Fotografia de João Taveira.

[Fig. 67]
Alvar Aalto Center, Alajärvi, 2017. Fotografia de João Taveira.

218 **TAVEIRA, João** – Conversa realizada no âmbito da dissertação em 05.06.2025.

219 *Ibidem.*

220 *Ibidem.*

221 *Ibidem.*

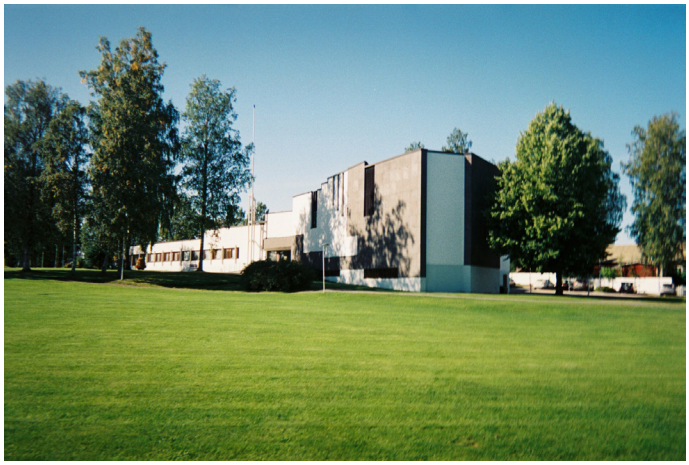
222 **CASAL RIBEIRO, Helder** – Conversa realizada no âmbito da dissertação em 13.06.2025.

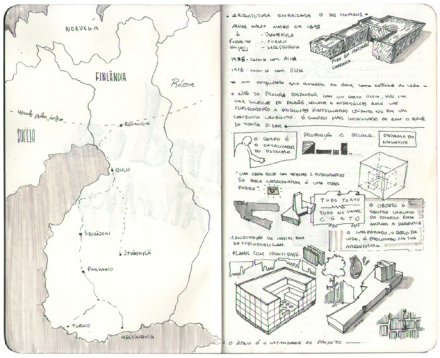
223 **TAVEIRA, João** — Conversa realizada no âmbito da dissertação em 05.06.2025.

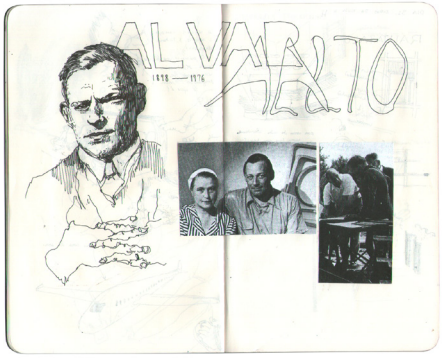
224 **CASAL RIBEIRO, Helder** — Conversa realizada no âmbito da dissertação em 13.06.2025.

225 **TAVEIRA, João** — Conversa realizada no âmbito da dissertação em 05.06.2025.

226 *Ibidem.*







A viagem de estudo à Finlândia em setembro de 2017 não se configurou como um evento isolado no percurso académico destes estudantes, mas antes como um catalisador de experiências. Para além dos cadernos repletos de referências e da evidente motivação transportada para a faculdade no início daquele ano letivo, "(...) *a questão não se prendeu ao facto de usá-lo como uma referência direta, mas às ferramentas que o contacto com a sua obra* [*nos*] *deu para depois* [*abordarem*] *e* [*refletirem*] *sobre o* [*nosso*] *projeto.*"[227] desenvolvido no quarto ano. A consciência da obra construída serviu, assim, para que o desenvolvimento do exercício do projeto se tornasse menos abstrato — avivado pela memória dos espaços, dos materiais, das escalas e das sensações. Paralelamente, no mesmo ano letivo e no âmbito da Unidade Curricular Teoria III, os alunos que participaram na viagem desenvolveram um trabalho académico centrado na análise das obras de Alvar Aalto visitadas *in loco*, intensificando assim a reflexão crítica sobre as "(...) *obras que* [*n*]*os impactaram de forma emotiva.*"[228]. Nesta ocasião, tiveram "(...) *o tempo e a oportunidade para estudar e criar um discurso crítico* (...)" relativamente àquilo que tinham experienciado, complementando-o "(...) *de uma forma mais académica - que* [*n*]*os obrigou a investigar e ler mais, a ver e estudar desenhos*"[229], resultando num maior aprofundamento sobre a obra do autor através da sobreposição cumulativa de informações.

Como forma de prolongar e partilhar com a restante comunidade académica os efeitos desta viagem, foi ainda organizada pelos estudantes a exposição *Alvar Aalto: percurso e obra*[230], na qual se reuniram os desenhos, memórias materiais e fotografias recolhidas; e desenvolveram, paralelamente, um ciclo de conversas sobre o autor na relação com as suas obras, a escrita, o desenho e a viagem.

[Fig. 68]
Caderno de viagem, Nuno Sarmento, 2017.

[Fig. 69]
Caderno de viagem, Nuno Sarmento, 2017.

[Fig. 70]
Caderno de viagem, Nuno Sarmento, 2017.

[Fig. 71]
Town Hall, Säynätsalo, 2017. Fotografia de João Taveira.

[Fig. 72]
Fotografia do grupo na Villa Mairea, 2017.

227 *Ibidem.*

228 **MARQUES, Mafalda** — Conversa realizada no âmbito da dissertação em 05.06.2025.

229 *Ibidem.*

230 'Alvar Aalto: percurso e obra', reuniu registos de viagem, desenhos, fotografias e textos da viagem realizada em Setembro de 2017. A exposição teve lugar na Galeria de Exposições, entre 1 e 28 de março de 2018.

[3.2.2]
Norte de Espanha e Sul de França, 2022

Participantes:
66 estudantes do 3º e 4º ano
2 docentes

Data/Duração:
30 de abril a 8 de maio 2022

Meios de transporte:
Autocarro

Alojamento:
Hostéis

Custo*:
180€/ estudante

Cidades/ obras visitadas:

León
- MUSAC
- Aditorium de Léon
- Catedral de León

San Sebastián
- Kursaal Kongresu Juareguia
- San Telmo Museoa
- Peine del Viento

Bilbao
- Guggenheim Museoa
- Deusto Deustuko Unibersitatea
- Paraninfo de la Universidad del País Vasco

Tolouse
- Escola de Economia de Tolouse
- Edifício do Capitólio
- Couvent de Jacobins
- Église Saint Etienne
- Église Saint Sernin
- Église Saint Aubin

Nîmes
- Maison Carrée
- Nîmes Carrée d'art
- Nemausus
- Coliseu de Nimes

Marseille
- Unité d'Habitation
- Notre-dame de la garde
- Vieux Port Pavilion
- Frac Marseille
- La Marseillaise
- Tour CMA - CGM
- Immeubles Pouillon

Lyon
- Le Monolith
- Ancient Theatre de Fourvière
- Amphitheatre of the three gauls
- Église Saint-Bruno de Char treux
- Cité Internationale
- Église Saint-Nizier
- Opera House Lyon
- Musée Gallo Romain de Fourvière

La Tourette

Firminy
- Maison de la Culture
- Unité d'Habitation Firminy
- Église Saint Pierre de Firminy
- Stade le Corbusier

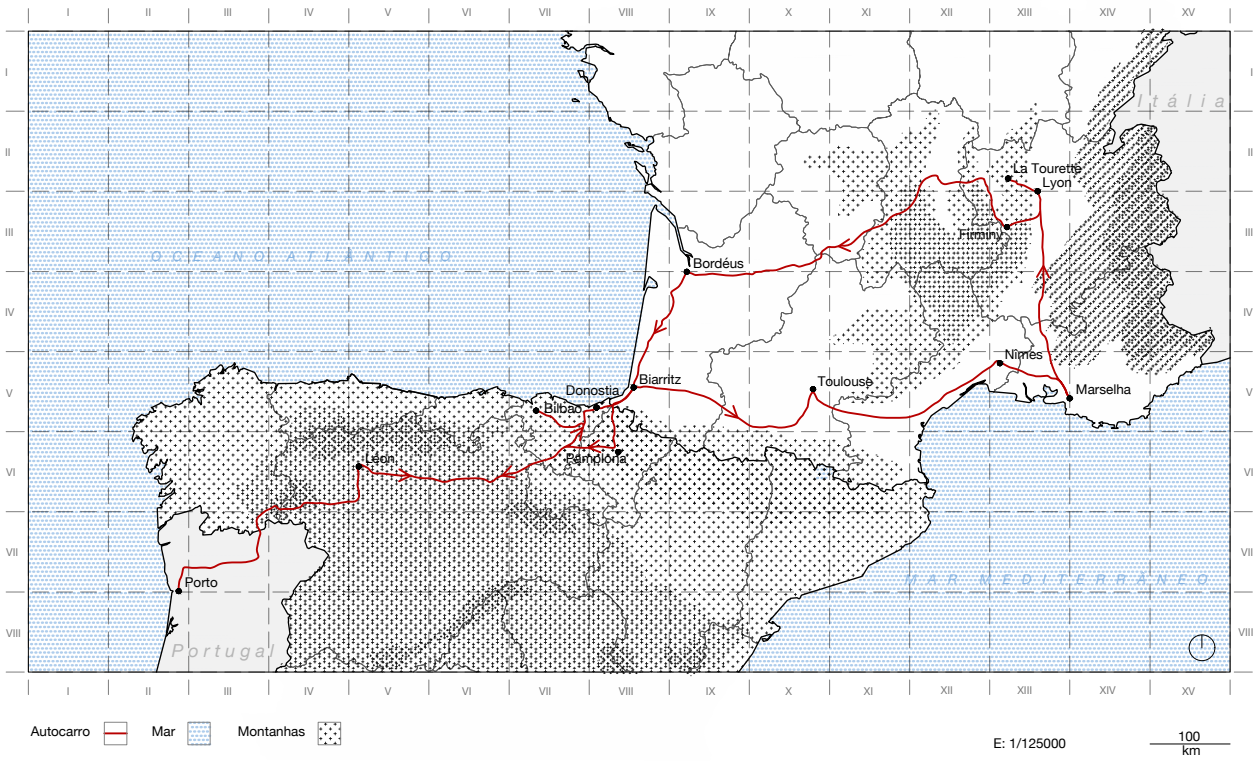
* O custo por estudante engloba o preço do transporte e do alojamento.

Bordeaux

- Le Quartier Fruges
- 530 unidades habitacionais
- ING Fonciere Housing
- Matmut atlantique
- La Meca
- Maison Bordeaux
- Tribunal Juidiciare de Bordeaux
- Arc-en-Rêve
- Pôle Universitaire de Sciencies de Gestion

Pamplona

- Museu Jorge Oteiza



[Fig. 73]
Percurso representativo da viagem ao norte de Espanha e sul de França (2022).

Norte de Espanha e Sul de França, 2022

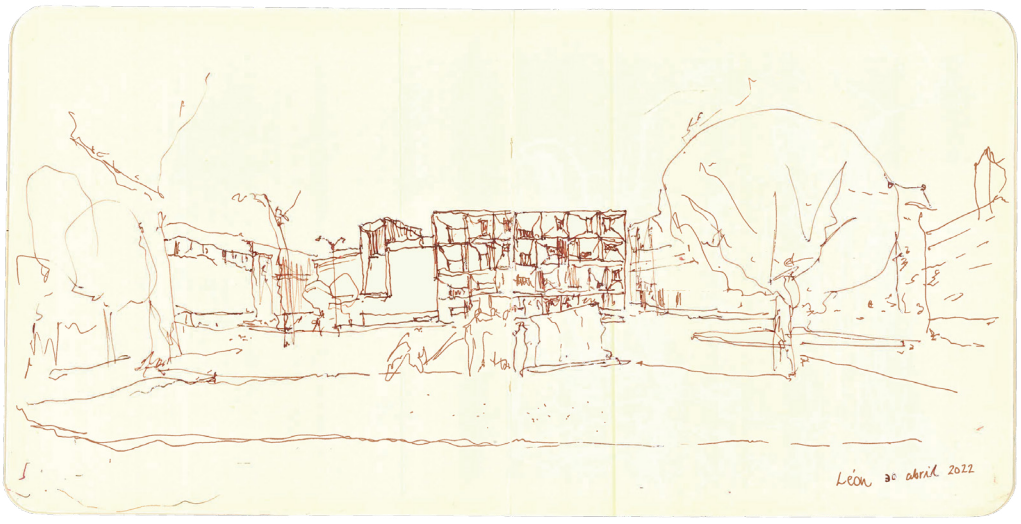
> "*Na verdade, a rota que vamos fazer não é uma Rota do Le Corbusier e estamos felizes por isso. Este itinerário é muito mais complexo: vamos até ao sul de França, passando por várias cidades complexas, ordenadas à sua medida.* (...) *Vamos embarcar no desconhecido.* (...) *Le Corbusier poderá ter sido o leitmotif, mas o percurso, esse é, sem dúvida, muito mais precioso.*"[231]

A viagem de longo curso realizada em maio de 2022 foi, para além de uma etapa marcante no percurso letivo dos estudantes que a realizaram, um reencontro com a possibilidade de viajar: depois de um longo período de suspensão de viagens imposto pela pandemia Covid-19, em que a ideia de deslocação se viu reduzida a um exercício de memória ou projeção, a perspetiva da viagem reencontrava novamente o seu lugar entre as atividades viáveis.
Inaugurando-se como a primeira viagem internacional realizada na Escola após esse intervalo forçado, a sua intenção inicial surge do desejo latente em reparar a ausência daquela que até então se afirmava como a tradicional viagem do segundo ano, e que se tinha interrompido durante dois anos consecutivos, até à data. A esta motivação principal somava-se ainda uma energia e entusiamo pela vontade de viajar, acumulados durante os anos precedentes e que finalmente avistava uma possibilidade de concretização.

Destaca-se como ponto fundamental desta viagem a sua organização colaborativa, conduzida por um grupo de vinte estudantes do 3.º e 4.º anos do ano letivo 2021/2022, que se estruturaram em equipas de trabalho autónomas, e repartiram entre si as diferentes responsabilidades: desde a definição do roteiro, aos contactos com alojamentos e transportes, até à gestão logística e financeira.

O ponto de partida para a organização do itinerário foi a intenção clara de criar um percurso de oito dias que, acima de tudo, proporcionasse o contacto direto com obras de arquitetura de diferentes cidades. Posteriormente, tomando como inspiração as memórias de viagens já realizadas na FAUP — nomeadamente as várias idas a Bilbao ou a célebre rota pelas obras de

231 *Viagem ao Sul de França*, Booklet realizado pela equipa de organização da viagem, 2022.



Le Corbusier — reinterpretaram-se os itinerários, construindo-se uma nova abordagem que, embora referencial, colocava em diálogo obras de diversos autores e tempos de construção. Apesar da inevitável e significativa presença de obras de Le Corbusier no itinerário, a viagem não se construiu em torno da obra de um único arquiteto, optando-se por priveligiar a densidade arquitetónica das cidades por onde seria possível passar até chegar ao Sul de França, e onde a concentração de projetos justificasse a paragem. O roteiro foi cuidadosamente estruturado de forma a garantir um equilíbrio entre o tempo de permanência em cada cidade, a distância percorrida e a viabilidade económica da viagem. Para além disso, as deslocações foram estrategicamente agendadas para os finais de dia, minimizando o tempo de viagem durante as horas de luz solar e evitando assim a necessidade de pernoitar no autocarro.

Com o objetivo claro de tornar a viagem acessível aos alunos interessados, procurou-se reduzir ao máximo o custo individual. Nesse sentido, foi organizado o leilão de obras de arte intitulado 'Quem dá mais?', realizado em março de 2022 na própria Faculdade, e no qual foi possível reunir noventa obras doadas por arquitetos, fotográfos e artistas como Álvaro Siza, Eduardo Souto de Moura, Alexandre Alves Costa, Luís Ferreira Alves, Paulo Ossião, Ana Aragão, entre outros. O evento revelou-se um êxito, resultando numa considerável diminuição dos custos da viagem, que foram fixados em 180€ por participante[232].

Partiram, assim, movidos pelo desejo de "*Desenhar, fotografar, medir, sobretudo quiçá, aprender a ver*"[233], o grupo de 66 estudantes, no qual se integravam inclusivamente dois estudantes em mobilidade Erasmus na FAUP, acompanhado por duas docentes: as professoras Clara Pimenta do Vale, responsável pela U.C. de Construção III, e Maria José Casanova, docente de Projeto III.

A primeira cidade assinalada no roteiro foi Léon, onde se visitaram as obras dos arquitetos Mansilla + Tuñón e, recuando no tempo e métodos de construção, a catedral gótica da cidade. Seguiu-se San Sebastián, com paragens para ver o *Kursaal*, o *Museu San Telmo* e

[Fig. 74]
Caderno de viagem, desenho da autora, 2022.

[Fig. 75]
Peine del Viento, San Sebastián, 2022.

[Fig. 76]
Convento de La Tourette, Éveux, 2022.

[Fig. 77]
Convento de La Tourette, Éveux, 2022.

232 O valor pago por cada estudante incluiu o transporte de autocarro e alojamento nas diferentes cidades.

233 Viagem ao Sul de França, Booklet realizado pela equipa de organização da viagem, 2022.

na escultura de Eduardo Chillida - *Peine del Viento*; e em Bilbao, a visita ao *Guggenheim*, onde foi possível percorrer os interstícios das esculturas de ferro de Richard Serra[234]. Após as frequentes paragens em áreas de serviço, necessárias por questões logísticas e aproveitadas para fazer pequenas refeições, chegou-se à primeira cidade em França: Toulouse. Aí, as visitas decorreram maioritariamente de forma livre, permitindo aos estudantes uma exploração da cidade de acordo com os seus interesses e ritmos, tirando partido da sugestão do roteiro realizado pelo grupo responsável pela organização da viagem[235]. Em Nîmes, comprovou-se que "(...) *a deambulação por uma cidade não é isenta de confrontos entre o antigo e o novo* (...)", passando-se em muito pouco tempo "(...) *da Maison Carrée à Carrée d'Art do Norman Foster* (...)"[236], cujas fachadas estabelecem inclusivamente uma relação de frontalidade. Marselha adivinhava grandes emoções, desde o episódio insólito da entrada na cidade, em que o autocarro foi escoltado pela polícia até ao hostel, e que gerou um momento de grande agitação entre os estudantes, até à visita da *Unitè d'Habitation* de Le Corbusier, obra que marcou um dos pontos altos da viagem — resultante de um sentimento de concretização de algo que há muito se esperava e estudava através dos desenhos e das fotografias. Com uma intensidade semelhante, realizou-se uma visita guiada ao Convento de *La Tourette;* em Lyon, novamente num registo de visita livre, oscilou-se entre a visita a ruínas de anfiteatros antigos e obras construídas já no século atual; e no sexto dia de viagem, seguiu-se para *Firminy-Vert* para visitar aquele que é o maior conjunto arquitetónico projetado por Le Corbusier na Europa, constituído pela *Maison de la Culture*, o estádio, a *Unitè d'Habitation* e a *Église Saint-Pierre*. Na passagem por Bordéus visita-se o *Quartier des Fruges* e, na cidade, os projetos construídos de Lacaton & Vassal, Herzog & de Meuron, Jean Nouvel e Bjarke Ingels.
Por último, e assistindo-se já ao abrandamento natural do ritmo do grupo, resultante da intensidade dos dias vividos, o itinerário de visitas concluiu-se no Museu Jorge Oteiza, em Pamplona.

234 A exposição "The Matter of Time", do artista Richard Serra, faz parte da coleção permanente do museu Guggenheim Bilbao.

235 Foi elaborado e posteriormente distribuído a todos os participantes um booklet com o roteiro da viagem, acompanhado por um mapa que assinalava as obras possíveis de visitar em cada uma das cidades.

236 *Viagem ao Sul de França*, Booklet realizado pela equipa de organização da viagem, 2022.

O roteiro revelou-se extremamente variado, abrangendo uma diversidade de programas, "(...) *desde equipamentos culturais, como salas de espetáculo e museus, até edifícios de habitação, passando mesmo por estabelecimentos de ensino.*"[237]. Os dias, intensamente preenchidos de visitas e deslocações, configuraram uma semana e meia de constante absorção de estímulos e informações, exigindo dos estudantes uma gestão contínua — tanto da atenção, como do tempo ocupado em cada lugar — que se dividia entre o desejo de desenhar, tirar fotografias, ou simplesmente permanecer mais tempo numa obra, numa atitude contemplativa.

[Fig. 78]
Grupo de estudantes na Maison Carrée, Nimes, 2022.

[Fig. 79]
Unité d'Habitation, Marselha, 2022.

[Fig. 80]
Marselha, 2022.

Importa sublinhar que o envolvimento ativo de parte dos estudantes na preparação da viagem se traduziu num impacto visível ao longo do seu desenvolvimento, transformando-se o estudo prévio exigido pelo planeamento, numa leitura mais informada e sensível dos espaços visitados. Numa alternância entre o previsto e o inesperado, entre o percurso estudado e a descoberta espontânea das cidades, esta viagem aproximou-se, em certa medida, da lógica do *Grand Tour*, no qual o itinerário era cuidadosamente delineado, proporcionando-se a formação intelectual através do contacto direto com obras e cidades de referência. Reinterpretando esta tradição, também neste caso se procurou compreender as cidades visitadas no seu estado presente, através de uma leitura de obras que atravessam diferentes períodos, revelando as camadas temporais e evidenciando os contrastes entre os seus centros históricos e zonas periféricas.

Esta 'prática contemporânea' do *Grand Tour* adapta-se aos moldes em que é realizada: no lugar da conquista de uma bolsa para realizar a viagem, o foco recai na angariação de recursos através dos meios disponíveis; a duração e distância percorrida são manifestamente mais curtas; e, em alternativa à experiência solitária, a viagem decorre em grupo, num espírito de vivência e discussão partilhada.

237 Viagem ao Sul de França, Booklet realizado pela equipa de organização da viagem, 2022.

[3.2.3]
Berlim, 2025

Participantes:

50 estudantes

1 docente

Data/Duração:

30 de abril a 7 de maio 2025

Meios de transporte:

Avião

Alojamento:

Hostel

Custo*:

570€/ estudante

Zonas /obras visitadas:

[Dia 1] Mitte

1. Avenida Karl Marx
2. BCC Berlin
3. Alexanderplatz
4. Berliner Fernsehturm
5. Catedral de Berlim
6. Altes Museum
7. Alte Nationalgalerie
8. James Simon Galerie
9. Neues Musuem
10. Haus Bastian
11. Jacob-und-Wilhelm-Grimm--Zentrum
12. Bode Museum
13. KW Kunst-werke Berlin
14. Tchoban Foundation
15. Aedes Architecture Forum
16. Cinema Babylon

[Dia 2] Mitte - Tiergarten

17. Embaixada Países Baixos
18. Humboldt Forum
19. Bertelsmann Stiftung
20. Friedrichswerdersche Kirche
21. Pavilhão Schinkel
22. Unter den Linden
23. Zeughaus
24. Deutsches Historisches Museum
25. Neue Wache
26. Staatoper
27. Catedral Santa Hedwigs
28. Konzerthaus Berlin
29. Friedrichstadt Palast
30. Galeries Lafayette
31. Stadtbibliothek Berlin-Mitte
32. Akadermie der Künste
33. DZ BANK AG
34. Brandenburg Tor
35. Memorial dos judeus
36. Reichstagshebaüude
37. Federal Chancellery
38. Embaixada Suiça
39. Pavilhão Kongresshalle
40. Feuerwache Tiergarten
41. AEG Turbinenfabrik
42. Fashion Hall Berlin
43. Charlottenburg Schloss
44. Großsiedlung Siemensstadt
45. Gustav-Adolf Kirche

[Dia 3] Tiergarten - Kreuzberg

46. Shell-Haus
47. Neue National Galerie
48. The Feuerle Collection
49. St.Matthäus-Kirche
50. Staatsbibliothek zu Berlin
51. Debis Haus
52. Grand Hyatt Berlin
53. Theater am Potsdamer Platz
54. Berliner Philharmoniker
55. Centro Sony
56. Apartamentos Parkside
57. Potsdamer Platz
58. Apartamentos IBA
59. Wohnhaus Gropius
60. Topografia do Terror
61. Wohnhaus Wilhelmstraße 36
62. Checkpoint Charlie
63. GSW Headquarter
64. Blockrandbebauung
65. Mosse Haus
66. Torre Kreuzberg
67. LiMa Apartamentos
68. Jûdisches Museum
69. Galilei-Grundschule
70. IG Metall
71. Konig Galerie / St. Agnes-Kirche
72. Berlinische Galerie

[Dia 3] Hansaviertel

73. Hansabibliothek
74. Walter-Gropius-Haus
75. Alvar-Aalto-Haus
76. Interbau
77. Casas-pátio
78. Torre Eternithaus
79. Siegessäule
80. Akademie der Künste
81. Boros Collection Bunker
82. Georg Kolbe Museum
83. Corbusierhaus
84. Olympiastadion Berlin
85. Erich Mendelsohn Haus

[Dia 4] Kreuzberg

86. St. Michael's Kirche
87. Bonjour Tristesse

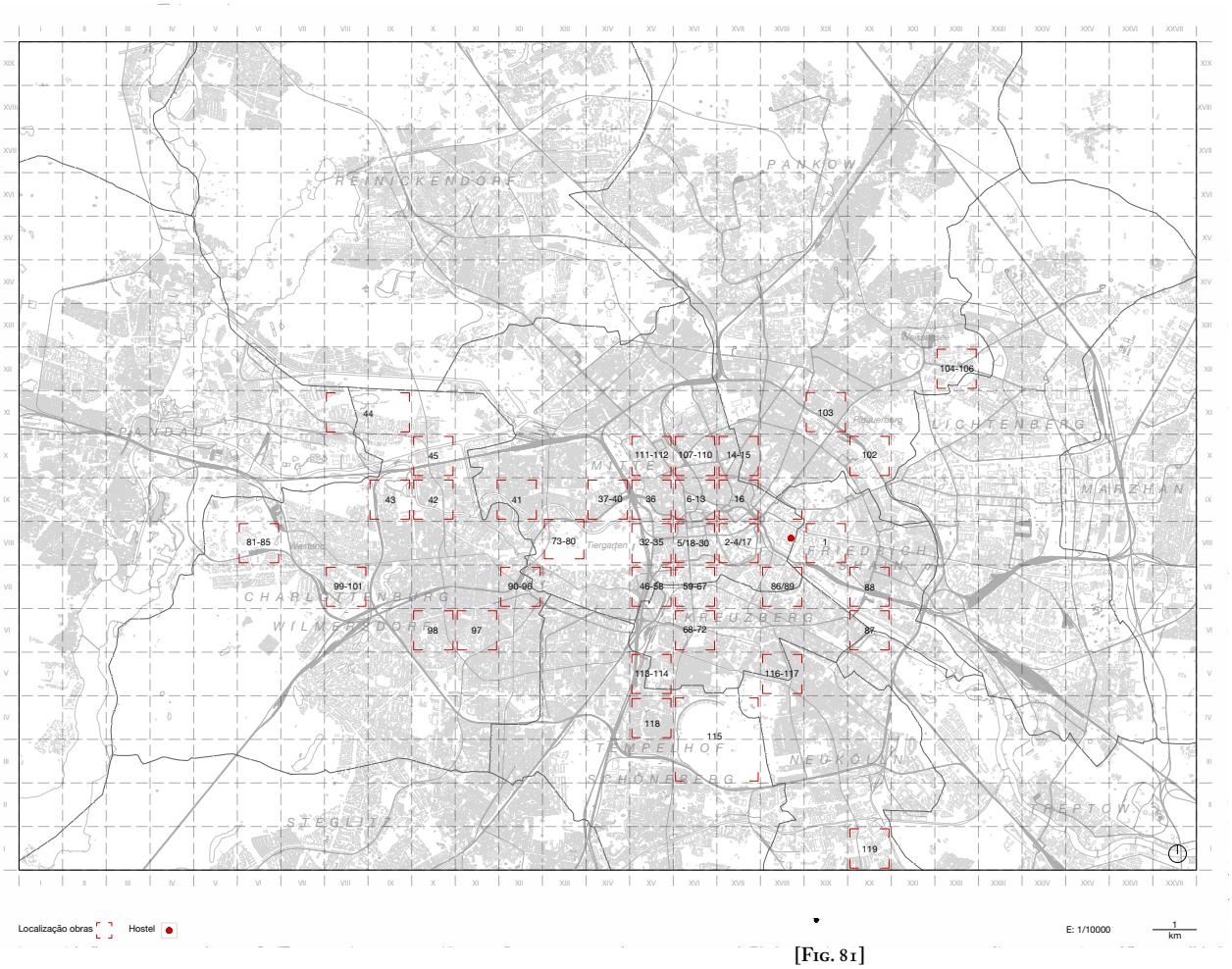
* O custo por estudante engloba o preço do transporte e do alojamento.

88.East Side Gallery
89.DAZ

[Dia 5] Charlottenburg - Westend
90.Bikini Berlin
91.Kaiser Wilhelm Kirche
92. Zoo Palast
93.Museum für Fotografie
94.The temporary Bauhaus-archiv
95.C/O Berlin
96.Kurfürstendamm
97.Walter Benjamin-Platz
98.Schaubühne
99.ICC - Internationales Congress Centrum
100. Funkturm Berlin Haus des Rundfunks & Großer Sendesaal
101. Kaiserdamm 25

[Dia 6]
Mitte – Prenlauerberg
102. Velodromo
103. Wohnhaus Carl-Legien 104.
105. Lemke Haus
106. Weiße Stadt Siedlung
107. Silent Green Kulturquartier
108. Kapelle de Versöhnug
109. Memorial do Muro de Berlim
110. Berlin Wall Memorial Vistor Center
111. Museum für Naturkunde
112. Galeria Hamburger Bahnhof

[Dia 7]
Schöneberg – Tempelhof - Neukölln
113. Riehmers Hoftgarten
114. Schwerbelastungskörper
115. Aeroporto Berlim-Tempelhof
116. Stadtbad Neukölln
117. KINDL
118. Neu-Tempelhof
119. Hufeisensiedlung



[Fig. 81]
Percurso representativo da viagem a Berlim (2025).

Berlim, 2025

> "*Outra coisa que achei importantíssima, foi sentir as distâncias: quando visitávamos obras na periferia, foi importante sentir que já estávamos quase fora de Berlim, e começava a sentir-se que era cada vez menos cidade… esta noção das distâncias ajudou-me a compreender melhor como é que a cidade funciona.* "[238]

A viagem de longo curso à cidade de Berlim teve início no dia 30 de abril de 2025 e envolveu a participação de um docente e cinquenta estudantes, maioritariamente do segundo ano do curso. Com a duração de sete dias, a iniciativa surgiu da proposta de um grupo de alunos que, interessados na ideia da viagem enquanto processo de aprendizagem, convidaram o professor Luís Urbano a colaborar na construção de um roteiro de obras pela cidade, e acompanhar o grupo na viagem. A deslocação entre o Porto e Berlim foi realizada de avião, abandonando-se neste caso a ideia de uma viagem com o sentido de 'percurso', cujo objetivo não se centrava nas paragens ao longo de um itinerário, mas no estudo numa única cidade, notável pela sua complexidade e concentração de obras de arquitetura. A escolha do método de transporte justificou-se, por isso, pela natureza da viagem proposta, que se adequava a um tipo de deslocação direta — vantajosa tanto pelo custo semelhante ao da deslocação com autocarro, como pela economia de tempo, permitindo percorrer a distância em apenas 3 horas de voo.

A seleção prévia de um conjunto de obras de arquitetura distribuídas em Berlim permitiu a estruturação de percursos orientadores dedicados a cada um dos dias, categorizados pela proximidade das obras e que concediam aos participantes a liberdade de exploração da cidade de uma forma dinâmica e adaptada às preferências individuais. Embora existissem momentos que convocassem a presença de todos, nomeadamente nas visitas guiadas previamente agendadas, os estudantes foram encorajados a explorar a cidade autonomamente: selecionando, planeando e percorrendo, dentro da lista das obras sugeridas, os itinerários que melhor correspondiam aos interesses e ritmos individuais. Acompanhando as visitas, "*O professor era como se fosse um aluno* (...)"[239], participante nas conversas e troca de ideias, num registo de acompanhamento livre e disponível.

De um modo geral, visitar uma obra com um grande grupo tornava-se muitas vezes complexo, revelando-se essa uma das razões pela qual os cinquenta estudantes se dividissem frequentemente em pequenos grupos determinados pelas afinidades. A própósito, a estudante Anna Volnaia dá conta que "(...) *o número de pessoas com quem se visita as obras acaba por influenciar muito.*"[240], recordando o momento em que visitou o quarteirão do Memorial dos Judeus pela primeira vez e o impacto não foi o esperado — levando-a esta insatisfação a visitar o lugar mais tarde, sozinha. Na segunda visita, e ao romper com o percurso na ortogonal, "(...) *ia intersetando pessoas que apareciam e desapareciam muito rapidamente,* (...) *e chega um momento em que os cubos são tão altos que não se vê absolutamente nada, mas se continuasse a andar, começava novamente a ver, começava a avistar ruas, e depois quando olhei para trás, vi um mar preto, via-se apenas a matéria de que eram feitos os cubos. E foi outra experiência completamente diferente de quando visitei com o grupo.*"[241].
A permanência durante uma semana na cidade de Berlim permitiu, não só, repetir a passagem

[Fig. 82]
Neue Nationalgalerie, Berlim, 2025. Fotografia de Manuel Teniz.

[Fig. 83]
Neue Nationalgalerie, Berlim, 2025. Fotografia de Madalena Hörnig.

[Fig. 84]
Unité d'Habitation de Berlim, Berlim, 2025. Fotografia de Madalena Hörnig.

238 **VOLNAIA, Anna** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 03.06.2025.

239 **TENIZ, Manuel** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 28.05.2025.

240 **VOLNAIA, Anna** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 03.06.2025.

241 *Ibidem.*

em lugares já visitados, deixando espaço para novas interpretações, mas também a liberdade para explorar lugares menos previsíveis, "(...) *mais alternativos e menos óbvios* (...)"[242]. Apesar do fácil acesso aos mapas digitais, que permitem localizar o utilizador e indicar percursos em poucos segundos, a experiência de deambular pela cidade e, possivelmente, perder-se nela pode também fazer parte da viagem. Neste sentido, a filosofia da deambulação urbana, formalizada por Guy Debord em 1955 na *Théorie de la dérive*, defende que "(...) *existe uma importância psicogeográfica da cidade, com correntes constantes, pontos fixos e voragens* (...)"[243], reconhecendo ainda a "(...) *afirmação de um comportamento lúdico-construtivo, o que, de todos os pontos de vista, o opõe às normas clássicas de viagem e passeio* (...)"[244]. Esta ideia — previamente desenvolvida por Charles Baudelaire e Walter Benjamin através do conceito do '*flaneur*' como um observador do quotidiano urbano num tom contemplativo — identifica, por isso, a cidade como o paraíso desta figura, por ser "(...) *a realização do antigo sonho humano do labirinto* (...)"[245]. A ação de caminhar sem um rumo implacavelmente definido configura-se numa infinidade de novas descobertas, marcadas pela imprevisibilidade de cada lugar.

Deambular sem um destino definido na cidade de Berlim resultou em experiências inesperadas, tais como o avistamento do *Bonjour Tristesse* pela primeira vez "(...) *por acidente* (...)"[246], momento que permitiu descobrir que o edifício se localiza atualmente numa zona boémia: "*Já estava muita festa e confusão, e de repente alguém diz, "É o Bonjour Tristesse!" E ficámos todos surpreendidos. Eu não esperava que fosse numa zona como aquela* (...)"[247]. A experiência da imprevisibilidade é semelhante quando um pequeno grupo de estudantes decide explorar os quarteirões de Berlim em busca dos *Afrikanische Strasse Apartments* (Mies van der Rohe), desconhecendo previamente a sua aparência — na tentativa de contrariar a ideia de que "(...) *era sempre tudo lindo só por ser de um determinado arquiteto.*"[248]. A descoberta através do confronto direto com a arquitetura sem preconceitos faz, neste caso, parte de uma "*perceção que continuamos a ter, de um modo mais ingénuo, sem saber o que está por trás daquilo*"[249]. O oposto também acontece quando o mesmo grupo de estudantes visita uma estrutura que julgavam ser projetada pelo arquiteto Renzo Piano e, só no final do dia, num momento de partilha com outros colegas, descobrem que a obra que tinham explorado e fotografado detalhadamente não pertencia ao arquiteto que julgavam — apesar de, ainda assim, ter despertado um grande interesse. A leitura da cidade é feita de um modo disponível, descomprometido e livre,

242 **URBANO, Luís** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 13.06.2025.

243 **DEBORD, G.E.** – "Théorie de la derive", Les Lèvres Nues, nn. 8/9, novembro de 1956. in **CARERI, Francesco** - Walkscapes. O Caminhar como prática estética, p. 88.

244 *Ibidem.*

245 **BENJAMIN, Walter** – Das Passagen – Werk. Frankfurt, Suhrkamp Verlag, 1983 *in* **CARERI, Francesco** - Walkscapes. O Caminhar como prática estética, p. 70.

246 **TENIZ, Manuel** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 28.05.2025.

247 *Ibidem.*

248 **HÖRNIG, Madalena** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 28.05.2025.

249 *Ibidem.*

respondendo naturalmente às intuições despertadas no lugar. Considerando ainda que muitos dos participantes da viagem não tinham realizado, antes de partir, um estudo aprofundado sobre as obras a visitar, o confronto com a cidade gerou a uma experiência de descoberta que se distingue pela surpresa e pela interpretação direta da cidade.

A fotografia constituiu o principal meio de registo gráfico, recorrendo-se tanto às câmaras digitais dos telemóveis, como às máquinas fotográficas que, sendo na maior parte das vezes analógicas, condicionava uma seleção mais criteriosa do olhar pelo número limitado de possíveis fotografias. O desenho, por sua vez, está presente em menor destaque e numa dimensão maioritariamente subjetiva, traduzindo quase sempre perceções individuais: "(...) *nos meus desenhos,* (...) *só eu é que percebo o que desenhei, e no fundo é isso que interessa.*"[250] Para alguns estudantes, esta prática assumiu ainda um caráter semelhante a um diário, sendo realizada no final de cada dia como um exercício de memória e síntese, frequentemente acompanhada por textos que relatavam os locais visitados e os episódios marcantes.

No contexto das aulas, a experiência arquitetónica é, na maior parte das vezes, transmitida através de elementos de representação que aliam o desenho com a fotografia ou o vídeo. A escala da obra, o diálogo com a envolvente, a materialidade, a luz, o som são aspetos que só se sentem através da presença no lugar. O confronto físico com a arquitetura é fundamental, "(...) *até porque muitas vezes mudamos o nosso discurso em relação a um determinado edifício ou cidade, a partir do momento em que se vai lá.*"[251] e, às vezes, perante "(...) *edifícios que achamos que não damos muita importância, a experiência pode ser verdadeiramente impressionante, ou ao contrário.*"[252]. Ao ocupar o espaço, o corpo estabelece relações com a arquitetura. Dá conta disso Anna Volnaia, quando reflete a sua experiência ao visitar um museu em Berlim: "(...) *sentei-me num banco, a descansar na zona do foyer e pensei «Que estranho, o chão está inclinado, mas estou sentada num banco horizontal!» E depois reparei que o banco tinha pernas de tamanhos diferentes.*"[253]. O mesmo acontece ao descer uma escada, atendendo aos detalhes do corrimão: "(...) *como ele termina, se termina em cima da escada, se se prolonga, como se vira, que relação tem com o próprio corpo.*"[254]. Este tipo de observações, intimamente relacionadas com a escala humana, seriam praticamente ininteligíveis sem a visita ao espaço, originando uma experiência sensorial das dimensões dos espaços, dos percursos possíveis dentro de um edifício e da perceção da vivência dos espaços públicos: uma revisita à *Neue Nationalgalerie* (Mies van der Rohe) em horários diferentes permitiu obter várias perceções da praça: "*Tudo muda. Às*

[Fig. 85]
Caderno de viagem, Madalena Hörnig, 2025.

[Fig. 86]
Caderno de viagem, Madalena Hörnig, 2025.

[Fig. 87]
Caderno de viagem, Madalena Hörnig, 2025.

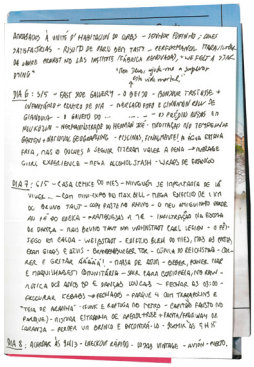
250 **VOLNAIA, Anna** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 03.06.2025.

251 **URBANO, Luís** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 13.06.2025.

252 *Ibidem.*

253 **VOLNAIA, Anna** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 03.06.2025.

254 *Ibidem.*



18h fecha e o espaço é ocupado por skaters... o barulho das rodas no chão faz parte da memória que tenho daquele lugar."[255].

Os aspetos que despertavam o interesse pessoal de cada um motivavam aos diálogos, nos quais se debatiam concordâncias, desacordos e descobertas coletivas: "*Por exemplo, na Filarmónica, nós estávamos sempre a reparar em coisas diferentes. Havia um vidro que parecia imenso, ou fundos de garrafa ou os faróis dos carros… aquele vidro espesso e meio translúcido. E estava toda a gente lá a tocar a tentar perceber o que é que se passava ali.*"[256]. A visita a obras de arquitetura pode, por vezes, assumir um caráter intrusivo — movido pela necessidade de explorar plenamente o espaço — no entanto, é comum que alguns dos edifícios sejam privados ou tenham acesso restrito. Nestes casos, os estudantes que não se contentaram com a vista do exterior do *Jacob and Wilhelm Grimm Centre*, que não permitia a entrada de grupos, aprenderam que "(...) *não temos que pedir permissão, só temos que fazer o que os utilizadores habituais da biblioteca fazem: colocar as mochilas nos cacifos e trazer a garrafa de água e o telemóvel, já está. Entra-se sem dizer nada, como se fôssemos um espião.*"[257]. E quando se trata de edifícios de habitação coletiva e se avista uma possibilidade de entrada no interior do condomínio, sustem-se a porta para que o resto do grupo consiga entrar: "*eu fiquei à espera, e quando saiu um senhor, eu disse «Guten morgen!», ele respondeu «Morgen», segurei a porta e entrámos!* "[258]. Embora se possa questionar os limites da intervenção, não se tratam de transgressões no sentido estrito ou abusivo do ato, mas sim de uma intenção fundamentada no desejo de conhecer e experienciar.

As deslocações dentro da cidade eram cumpridas a pé ou utilizando os transportes públicos, e a perceção das distâncias entre os pontos a visitar em diferentes zonas facilitou a assimilação dos seus limites e a compreensão das "(...) *camadas e como a cidade foi reconstruída* (...)"[259], sentindo-se "(...) *uma grande diferença entre a zona este e oeste da cidade.*"[260], anunciando-se pela própria arquitetura "(...) *que, em algum momento, a cidade foi construída a partir do muro, tem dois lados distintos*."[261]. Para além disso, a completa imersão no espaço urbano de Berlim levou ainda muitos estudantes a assistir a espetáculos, visitar museus para ver obras de arte e viver a cidade durante a noite, explorando bares e discotecas.

No final da viagem, era a todos comum o desejo de regressar a casa para refletir e assimilar a quantidade de informação recolhida durante a semana. Algumas das obras visitadas vieram a tornar-se referências para os exercícios de projetos dos estudantes, no entanto, o maior impacto experienciado traduziu-se numa transformação da postura projetual: "(...) *o que mudou mais foi a atitude de projetar. Não foi tanto o desenho do projeto, foi mais a forma como eu passei a ver a resolução dos problemas. Sinto que havia coisas que já não me preocupavam tanto.*"[262]. - o contacto direto com as obras desenvolveu um certo sentido de relativização e hierarquização sobre o que realmente se sente no espaço, e aquilo que faz apenas parte do desenho. A motivação que se trouxe da viagem foi tal que, para alguns, quase se tornava desejável reiniciar o projeto com uma nova abordagem, influenciada pela experiência vivida. A nostalgia dos dias em Berlim é trazida para o espaço da faculdade, adotando-se até algumas das rotinas adquiridas naquela semana, na tentativa de prolongar a sensação da viagem. "*A viagem fica cada vez melhor. A memória… cada vez que eu penso, parece melhor. Aquilo foi mesmo bom.*"[263]

255 *Ibidem.*

256 **HÖRNIG, Madalena** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 28.05.2025.

257 **VOLNAIA, Anna** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 03.06.2025.

258 *Ibidem.*

259 **PEREIRA, Mariana** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 28.05.2025.

260 **VOLNAIA, Anna** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 03.06.2025.

261 *Ibidem.*

262 **TENIZ, Manuel** - Conversa realizada no âmbito da dissertação em 28.05.2025.

263 *Ibidem.*

[3.3]
Experiência pessoal enquanto estudante e viajante no curso de arquitetura

Como quem, vindo de países distantes fora de
si, chega finalmente aonde sempre esteve
e encontra tudo no seu lugar,
o passado no passado, o presente no presente,
assim chega o viajante à tardia idade
em que se confundem ele e o caminho.

Então entra pela primeira vez na sua casa
e deita-se pela primeira vez na sua cama.
Para trás ficaram portos, ilhas, lembranças,
cidades, estações do ano.
E come agora por fim um pão primeiro
sem o sabor de palavras estrangeiras na boca.

Manuel António Pina, "O Regresso"[264]

[Fig. 88]
Capela da Senhora da Livração de Fandinhães, Marco de Canaveses, 2021. Fotografia da autora.

264 PINA, António Manuel - *Como se desenha uma casa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011, p.13.

Culmina aqui, numa atitude retrospetiva, uma reunião das viagens que tive a oportunidade de experienciar ao longo da minha formação na *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*.

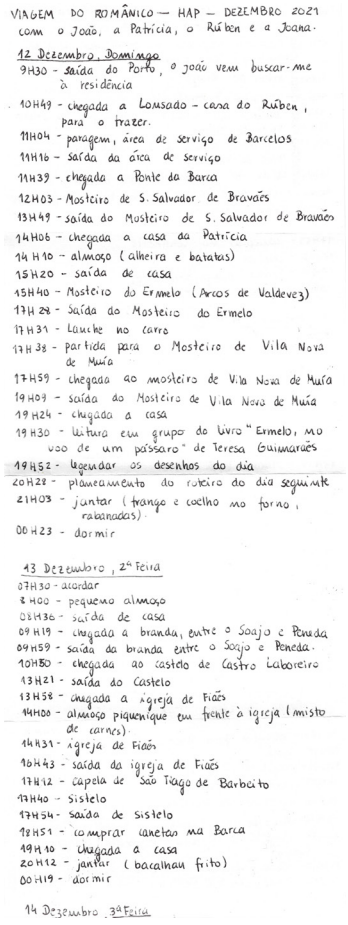
Consciente de que todas as viagens são, de algum modo, relevantes — quer pela experiência da partilha em grupo, quer pela pertinência no momento do percurso académico, as saídas da sala de aula para contactar diretamente com a arquitetura foram sempre vivenciadas como momentos únicos e de grande entusiasmo. A viagem foi-se tornando num desejo constante no decorrer do curso e essa motivação estendeu-se espontaneamente ao plano pessoal, desencadeando a realização de outras viagens movidas pelo interesse arquitetónico. O conhecimento trazido da Escola nutre, por isso, as viagens realizadas fora do contexto académico e, por sua vez, essas experiências complementam os temas abordados nas Unidades Curriculares do curso, configurando assim um processo circular.

Uma das primeiras viagens realizadas no contexto da FAUP aconteceu em maio de 2018, em conjunto com os estudantes que frequentavam o primeiro ano do curso. Organizada pelos docentes de Projeto I, a viagem a Moledo do Minho decorreu habitualmente, de acordo com a tradição mantida na Escola — surgindo no contexto do terceiro e último exercício a ser desenvolvido naquela Unidade Curricular: a casa. Integrando-se no sentido do programa dedicado à habitação unifamiliar, visitámos a Casa das Marinhas, a Casa Alves Costa, a Casa Alcino Cardoso, a Vill'Alcina e a Casa em Moledo. Na visita às obras, recordo-me principalmente de escutar atentamente os esclarecimentos transmitidos pelos professores que nos acompanhavam, direcionando a atenção para elementos como mobílias desenhadas como configurantes do espaço, variações de cota e pé direitos, ou a escolha de diferentes materiais; e no decorrer da visita às cinco casas, iam surgindo naturalmente paralelos com o projeto que estava a ser desenvolvido naquele momento, contaminado pelo que os olhos fixavam. Encontravam-se ali soluções para questões que tinham emergido previamente no estirador, e afloravam novos pensamentos, inquietações que esperavam ser vertidas nas linhas do projeto. Acompanhados pelo professor e arquiteto Sérgio Fernandez, a visita à Vill'Alcina foi um dos momentos mais marcantes do dia. Ao explicar na primeira pessoa as suas intenções projetuais, tornou-se para mim evidente a importância de estudar uma obra em profundidade para compreender melhor as motivações atrás do desenho, e reconhecer de que forma são concretizadas. Compreendi com maior clareza que deveria pensar o espaço como um lugar habitado, conectado com a escala humana — e não apenas num desenho equilibrado em planta. Desta viagem, ainda que curta, permanece a memória do corpo na relação com a dimensão dos espaços, das abordagens observadoras entre colegas, dos pés descalços na entrada das casas e das reflexões carregadas de curiosidade, que continuavam a manifestar-se oportunamente na sala de aula.

O ano letivo seguinte iniciou com o entusiasmo da preparação da tão esperada 'viagem do segundo ano'. Os relatos dos estudantes mais velhos, que regressavam nos anos anteriores repletos de novas referências e fascínios, tornaram aquele um momento ansiado pela maioria

dos alunos que frequentavam esse ano curricular. A proposta da viagem surgiu no âmbito das aulas de Projeto II e, no início do ano letivo, delineou-se de forma preliminar um roteiro de obras a visitar, com destino final na cidade de Viena, na Áustria. No entanto, o surgimento e rápida disseminação da pandemia de Covid-19, em março de 2020, inviabilizou a concretização da viagem — inicialmente prevista para maio do mesmo ano — levando inevitavelmente ao seu cancelamento. A impossibilidade de viajar prolongou-se até ao final do ano letivo seguinte, ou seja, até ao terceiro ano do curso, e durante esse período, a visualização sequencial das imagens disponibilizadas pelo '*street view*' tornou-se no meio mais próximo à descoberta de cidades distantes.

Nesse mesmo ano, ainda no primeiro semestre, realizei em conjunto com três colegas do curso, uma viagem com paragens em várias cidades do país. Um passe gratuito, de utilização ilimitada disponibilizado pelos *Comboios de Portugal* [265] motivou-nos ao planeamento de uma viagem de sete dias com paragens em Guimarães, Aveiro, Coimbra, Lisboa e Évora. O objetivo, posteriormente cumprido, foi traçar um roteiro por cidades que, apesar de já conhecidas, permitisse direcionar o olhar sobre a sua arquitetura, cruzando-a com as aprendizagens até então acumuladas. As obras visitadas inserem-se num panorama que abrange diferentes épocas e períodos: entre elas, o Castelo de Guimarães e a reabilitação do centro histórico da mesma cidade, pela mão de Fernando Távora; o Museu da Arte Nova; e o Campus Universitário em Aveiro. Lisboa foi a cidade que concentrou um maior número de obras visitadas, destacando-se o Pavilhão de Portugal de Álvaro Siza, a *Fundação Calouste Gulbenkian* de Ruy d'Athouguia, e o Museu Nacional dos Coches, do arquiteto Paulo Mendes da Rocha. O percurso terminou em Évora, no bairro da Malagueira de Álvaro Siza. Esta viagem foi o início da sedimentação de uma base de referências de arquitetura portuguesa, contribuindo sobretudo para uma leitura do contexto arquitetónico do país.


VIAGEM DO ROMÂNICO — HAP — DEZEMBRO 2021
com o João, a Patrícia, o Rúben e a Joana.

12 Dezembro, Domingo
9H30 - saída do Porto, o João vem buscar-me à residência
10H49 - chegada a Lousado - casa do Rúben, para o trazer.
11H04 - paragem, área de serviço de Barcelos
11H16 - saída da área de serviço
11H39 - chegada a Ponte da Barca
12H03 - Mosteiro de S. Salvador de Bravães
13H49 - saída do Mosteiro de S. Salvador de Bravães
14H06 - chegaaa a casa da Patrícia
14H10 - almoço (alheira e batatas)
15H20 - saída de casa
15H40 - Mosteiro do Ermelo (Arcos de Valdevez)
17H28 - Saída do Mosteiro do Ermelo
17H31 - Lanche no carro
17H38 - partida para o Mosteiro de Vila Nova de Muía
17H59 - chegaaa ao mosteiro de Vila Nova de Muía
19H09 - saída do Mosteiro de Vila Nova de Muía
19H24 - chegada a casa
19H30 - leitura em grupo do livro "Ermelo, no voo de um pássaro" de Teresa Guimarães
19H52 - legendar os desenhos do dia
20H28 - planeamento do roteiro do dia seguinte
21H03 - jantar (frango e cachio no forno, rabanadas).
00H23 - dormir

13 Dezembro, 2ª Feira
07H30 - acordar
8H00 - pequeno almoço
08H36 - saída de casa
09H19 - chegada a branda, entre o Soajo e Peneda
09H59 - saída da branda entre o Soajo e Peneda.
10H50 - chegada ao castelo de Castro Laboreiro
13H21 - saída do Castelo
13H58 - chegada a igreja de Fiães
14H00 - almoço piquenique em frente à igreja (misto de carnes).
14H31 - igreja de Fiães
16H43 - saída da igreja de Fiães
17H12 - capela de São Tiago de Barbeito
17H40 - Sistelo
17H54 - Saída de Sistelo
18H51 - comprar canetas na Barca
19H10 - Chegada a casa
20H12 - jantar (bacalhau frito)
00H19 - dormir

14 Dezembro, 3ª Feira

[Fig. 89]
Registo escrito da viagem realizada no contexto da U. C. de História da Arquitetura Portuguesa, 2021.

Já no final do ano de 2021, com o atenuamento da pandemia e das suas restrições, a circulação recomeçou a fluir mais livremente. A possibilidade de poder viajar novamente, e um remanescente ressentimento causado pelo cancelamento da viagem de segundo ano, conduziu a que, juntamente com um grupo de colegas e com o apoio da *Associação de Estudantes da Faculdade de Arquitetura do Porto*, tomássemos a iniciativa de organizar uma viagem de longo curso. A viagem ao Norte de Espanha e Sul de França, já elucidada no capítulo anterior, representou, a título individual, um dos episódios mais relevantes do percurso académico, contribuindo sobretudo para a compreensão do sentido de uma viagem longa e planeada. O envolvimento na estruturação do roteiro permitiu-me, não só vivenciar cada etapa da viagem de uma forma mais presente e familiarizada com as obras, como foi ainda recolher ferramentas de planeamento úteis para viagens posteriores, realizadas no âmbito pessoal.

Também no decorrer do quarto ano, no contexto da U.C. de História da Arquitetura Portuguesa e na companhia de um grupo de colegas próximo, realizámos uma viagem a povoações no norte de Portugal. Os dias eram preenchidos com um roteiro exigente que se debruçou principalmente sobre as obras de arquitetura românica e construções da cultura

265 O passe "INTRA_RAIL", é um cartão oferecido pela CP a jovens entre os 12 e 30 anos, permitindo viagens ilimitadas em dias consecutivos nos comboios Intercidades (2ª classe), Regionais, InterRegionais e urbanos e alojamento nas Pousadas de Juventude.

castreja e moçárabe. O desenho, mais do que a fotografia, foi o principal forma de registo das obras visitadas e teve um papel central em toda a experiência. Na verdade, era esse o intuito da viagem incentivada pela disciplina: observar através do desenho, construindo assim um caderno de campo, onde o tempo era um elemento tanto inimigo como desafiador, condicionante da rapidez dos traços no papel e do nível de detalhe pretendido. Nestas situações, eram recordadas as aulas de desenho do primeiro e segundo ano, também elas exigentes no tempo limitado para cada desenho, mas agora úteis na representação das perspetivas e transposição dos elementos observados para o caderno.

No quinto ano do curso desloquei-me temporariamente do Porto para Milão ao abrigo do programa Erasmus[266], partindo para estudar durante seis meses no *Politecnico di Milano* e posteriormente, realizar um estágio num escritório de arquitetura na mesma cidade — cumprindo assim um ano de mobilidade. A escolha do destino de Erasmus foi, em parte, influenciada pelo interesse desenvolvido durante as aulas de História da Arquitetura Moderna, nas quais se evidenciava continuamente o papel central das cidades italianas no desenvolvimento da arquitetura clássica e neoclássica.

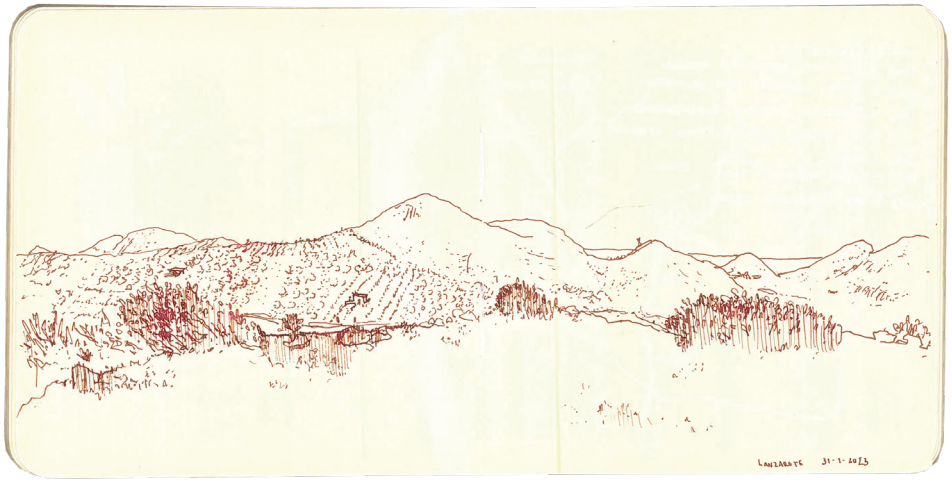
A prática da viagem no contexto do estúdio de Projeto que frequentei no *Politecnico di Milano* ocupou um lugar central no desenvolvimento do projeto, uma vez que a escolha do terreno para intervenção se realizou durante uma viagem à região da Calábria - lugar selecionadao para o desenvolvimento do exercício. Apesar de facultativa, e da organização do transporte até ao local ter sido a cargo pessoal, grande parte dos estudantes da turma se envolveram, proporcionando-se assim três dias de descoberta fora da sala de aula, junto aos docentes responsáveis pela disciplina.

Para além do valor histórico e arquitetónico do contexto italiano, Milão destacou-se ainda pela sua posição enquanto cidade europeia com uma grande possibilidade de conexões, potenciando as viagens dentro e fora do país. Numa permanente revisita às palavras de Goethe, que me acompanhava em todas a viagens de comboio, autocarro ou avião, construí ao longo do ano a minha *Viagem a Itália*. Fixando-me em Milão, utilizava frequentemente os fins de semana para me deslocar dentro do país, visitando as cidades de Pádua, Mântua, Verona, Veneza, Parma, Modena, Bolonha, Florença, Génova, Roma, Nápoles e ainda algumas

[Fig. 90]
Chiesa dell'Autostrada del Sole, Florença, 2023. Fotografia da autora.

[Fig. 91]
Capela Vaticana, Veneza, 2023. Fotografia da autora.

266 O programa Erasmus integra-se na FAUP há mais de trinta anos, facilitando desde então o contacto dos estudantes com diferentes culturas e a expansão do campo de aprendizagem.



[Fig. 92]
Caderno de viagem, Lanzarote, 2023. Desenho da autora.

[Fig. 93]
Edificio per appartamenti in Via Paravia, Milão, 2023. Fotografia da autora.

[Fig. 94]
Edificio per appartamenti in Via Paravia, Milão, 2023. Fotografia da autora.

[Fig. 95]
Edificio per appartamenti in Via Paravia, Milão, 2023. Fotografia da autora.

cidades na Suíça, em estadias mais ou menos prolongadas em cada uma delas. Para além disso, a partilha do prazer da viagem de arquitetura com outros colegas da faculdade, naquele momento também eles fixados em diferentes cidades, foi fundamental para o adensamento da experiência da descoberta conjunta. Vivencia-se assim um estado de viagem permanente, na qual os pontos de partida e destino se tornam frequentemente ambíguos, fundem-se entre si e criam novos começos.

A ideia de viagem ganha forma, altera-se e molda-se ao longo do percurso de aprendizagem. Desde a inquietude das primeiras saídas, em autocarros preenchidos, rumando até cidades não muito distantes, até aos percursos mais longos, dissimuladamente reduzidos pelo entusiasmo da viagem. A Escola impulsionou à descoberta, sustentando o enraizamento da prática da viagem como um método fundamental para a aprendizagem. O posicionamento em relação à experiência, porém, é cultivado ao longo do tempo — guiando-se o caminho pelos interesses pessoais.

Compreendi que o que se extrai de uma viagem é filtrado pela forma de olhar, e que a viagem do arquiteto não é feita apenas de visitas a edifícios de autor. Entre as últimas realizadas fora do contexto da FAUP, destaco as viagens às ilhas de Lanzarote (2023) e Terceira (2024). Apesar de breves no tempo de duração — permanecendo apenas três dias em cada uma delas — ambas giraram em torno do reconhecimento territorial e da arquitetura popular local. Ao realizar as deslocações de carro, e dada a pequena dimensão de cada uma das ilhas, foi possível percorrer toda a sua costa e grande parte do interior, sentindo as diferenças de clima, vegetação e presença humana nas várias zonas. Encontram-se sobretudo relações na arquitetura que, apesar de anónima, oferece um abecedário de soluções e técnicas locais.
Concluí que as questões não se confinam apenas à arquitetura, e viagem reside, por isso, no equilíbrio entre obras de arquitetos e construções anónimas, paragens planeadas e surpresas inesperadas, observações técnicas e hipóteses etnográficas. Vão-se tecendo desta forma as várias experiências num harmonioso tecido, rico pela sua diversidade.

37

[4]
Entre memórias e permanências, uma reflexão

A constante aceleração do mundo em que vivemos leva-nos a questionar, cada vez mais, o significado do tempo e do espaço, que se transformam a cada nova invenção. A noção de velocidade evoluiu: das máquinas a vapor aos aviões, dos computadores à internet, e mais recentemente, à avassaladora inteligência artificial. O que antes poderia levar meses a realizar, acontece agora em minutos, e o que era distante torna-se progressivamente mais imediato, refletindo-se não só na forma como se interpreta o mundo, mas também no modo como se viaja hoje. Entre os meios de transporte que permitem alcançar grandes distâncias, o avião tornou-se um dos mais acessíveis através de estratégias *low-cost*, resultando, em alguns casos, em deslocações mais impulsivas e menos planeadas; no que diz respeito às viagens longas, adiciona-se agora a dificuldade em permanecer por períodos prolongados sem interferências externas, fruto da constante possibilidade de conexão; e a extensa difusão de informação permitiu que a viagem se tornasse num fenómeno mais generalizado, através da divulgação de roteiros, paragens de interesse e outros dados que anulam a noção de descoberta de um lugar completamente novo.

Existem, contudo, variáveis que se repetem.

A imersão cultural experienciada pelo grupo de amigos na viagem a Marrocos em 1967 repetiu-se cinquenta anos depois, de forma semelhante, pelos estudantes na viagem à Finlândia. Neste último caso, a vivência não é marcada pelo encontro e interação com as comunidades locais, mas por meio da envolvente: o clima, a atmosfera e o silêncio nórdico que moldava o universo criativo de Alvar Aalto permitiu um enquadramento da sua arquitetura através dos sentidos. O contacto com um ambiente diferente viabiliza, deste modo, tanto a compreensão do lugar como abre a possibilidade a novas formas de aprendizagem.

O estado de atenção particular do arquiteto, transgressor de uma passageira abordagem turística é evidente nas viagens à Grécia e ao Egito, e iguala-se na atitude dos participantes da viagem a Berlim, que procuram estabelecer relações teóricas e reflexivas sobre a arquitetura da cidade. Torna-se nítido que o confronto com novas realidades constitui um método de questionamento e confirmação das ideias pré-definidas.

A experiência da viagem em grupo, consolidada por meio do diálogo e partilha de conhecimento coletivo configura-se ainda mais estimulante quando ativada por uma relação próxima de amizade, como são os casos da viagem à Grécia e à Finlândia. Em contrapartida, as viagens a Espanha e França, e Berlim permitiram que se desenvolvesse um maior sentido de comunidade, análogo à convivência no ambiente académico, neste caso, enquadrado numa deslocação contínua entre os diversos cenários da viagem. A dimensão interpessoal continua a representar um dos valores fundamentais das viagens realizadas no contexto do processo de formação do arquiteto, reconhecendo-se numa ideia de coletividade que se contrapõe a uma visão individualista.

O questionamento, a reflexão e a interpretação constituem a base do registo de viagem, variando conforme a disponibilidade de tempo, a disposição e o contexto social. O desenho constitui desde sempre o método priveligiado de comunicação do arquiteto, com uma

forte presença no processo de aprendizagem. Por este motivo, torna-se uma prática comum no decorrer das viagens, atuando como uma ferramenta pessoal de registo, expressão e, sobretudo, de pensamento - eventualmente complementados por textos escritos. Por sua vez, a fotografia representa um instrumento que tem vindo a acompanhar o desenvolvimento tecnológico, tornando-se mais acessível e possibilitando a captura de um elevado número de imagens.

A escolha dos meios de transporte utilizados em cada uma das viagens influencia profundamente o seu ritmo. Neste aspeto, a viagem de carro a Marrocos estabelece uma relação de proximidade com a viagem à Finlândia, ou até a viagem ao norte de Espanha e sul de França, que, apesar de ser realizada de autocarro, permitiu delinear um percurso caracterizado pelas suas paragens - distinguindo-se da viagem a Berlim, por sua vez, realizada de avião e na qual se convida à exploração aprofundada de uma única cidade.

O planeamento, fio condutor essencial em qualquer viagem — independentemente da sua duração ou dos meios utilizados, define, em maior ou menor grau, o espaço deixado ao imprevisto. No caso da viagem a Espanha e França, a programação detalhada orienta o percurso com maior precisão, contrastando com a viagem a Marrocos que, apesar de contar com um itinerário carregado de propósitos, foi naturalmente marcada pela escassez de informações disponíveis à época, conferindo-lhe, assim, um carácter de descoberta predominantemente espontâneo.

Verifica-se, enfim, que a viagem continua a desempenhar um papel ativo na construção do conhecimento. Os contextos - no entanto - alteraram-se, e agora moldados pela passagem do tempo, distinguem-se entre uma época em que era essencial partir para aceder ao conhecimento, e a atualidade, marcada pelo fácil acesso à informação. Apesar do avanço da tecnologia e das representações virtuais do espaço, a experiência arquitetónica continua a ser essencial para compreender a arquitetura e hoje, paradoxalmente, poderá ser a própria abundância de estímulos e a aceleração do mundo que tornam a experiência real um momento ainda mais marcante. Nesse caso, quando algo é visto ou vivido diretamente, tem a capacidade de permanecer com mais intensidade na memória e sobrepôr-se à vastidão de imagens, referências e dados com que diariamente somos confrontados.

Esta dissertação constitui, acima de tudo, uma reflexão sobre a prática da viagem com base nos episódios estudados e vividos. Ultrapassando o conceito de deslocação, a viagem é entendida como uma experiência transformadora onde o olhar é educado, o pensamento se expande e o espaço se reinterpreta. Reflete-se sobre a viagem como um método de aprendizagem, conduzindo a uma prática mais consciente e atenta às dimensões que comporta. Entre o lugar de partida e o de chegada, construiu-se sobretudo um território de descobertas, inquietações e assimilação que, certamente, serão aplicadas na prática e na consciência arquitetónica.
Tal como as demais, também esta viagem aporta um final. No entanto, não deixa de poder ser revisitada, de se voltar a aprender com ela. Assim como se repete a visita um lugar já conhecido, esta investigação representa um mote que poderá ser retomado, para novas interpretações, para o início de outros projetos e novas viagens. Há sempre algo que fica por visitar, há sempre uma nova abordagem possível.

"*É preciso voltar aos passos que foram dados, para os repetir, e para traçar caminhos novos ao lado deles. É preciso recomeçar a viagem. Sempre.*

O viajante volta já."[267]

267 **SARAMAGO, José** – *Viagem a Portugal*. Porto: Porto Editora, 2021, p. 739.

[Fig. 96]
Em viagem, 2023. Fotografia da autora.

Bibliografia

AFONSO, João; MILHEIRO, Ana Vaz – *Candidatura ao Prémio Jean Tschumi*. Lisboa: Caleidoscópio, 2006. ISBN 9789728897079.

BLACK, Jeremy – *Italy and the Grand Tour*. New Haven: Yale University Press, 2003. ISBN 9780300173857.

BERGER, John – *Modos de ver*. Lisboa: Antígona, 2024. ISBN 9789726083290.

CABAU, Philip; ALMEIDA, Sónia Vespeira de; MAPRIL, José (coord.) – *Desenho etnográfico. Um curso breve duas vezes*. Lisboa: editora Palavrão, 2018. ISBN 9789892080123.

CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo – *De volta à Viagem*. Coimbra: Coimbra University Press, 2018. ISBN 9789892615806.

CARERI, Francesco – *Walkscapes: o caminhar como prática estética*. Barcelona: Gustavo Gili, 2013. ISBN 9788565985161.

COHEN, Jean-Louis - *Vida y Obra de Le Corbusier*. Barcelona: Gustavo Gili, 2018. ISBN 9788425230981

COSTA, Alexandre Alves – *Introdução ao Estudo da História da Arquitectura Portuguesa*. Porto: FAUP Publicações, 2007. ISBN 9789729483813.

COSTA; Nuno Brandão; LOUREIRO, Luís Pinheiro – *J. Carlos Loureiro.* Verso da História: Vila do Conde, 2013. ISBN 9789898657459.

COSTA, Alexandre Alves – *Textos Datados*. Coimbra: Edarq, 2007. ISBN 9789729982149.

COSTA, Alexandre Alves; SIZA, Álvaro – *1967: Marrocos*. Porto: Circo de Ideias, 2011. ISBN 9789899599529.

CREMASCOLI, Roberto – *Alcino Soutinho*. Vila do Conde: Verso da História, 2013. ISBN 9789898657367.

ESPOSITO, Antonio; LEONI, Giovanni – *Eduardo Souto de Moura*. Milão: Electa, 2003. ISBN 9788837091736.

GHIRRI, Luigi – *The Complete Essays 1973-1991*. Londres: MACK, 2021. ISBN 9781910164143.

GIGANTE, José – *Zé Gigas, Poeta Popular. Antologia poética 1962-2017*. Porto: Circo de Ideias, 2017. ISBN 9789899918467.

GOETHE, Johann Wolfgang von – *Viagem a Itália 1786-1788*. Maia: Bertrand Editora, 2018. ISBN 9789722536073.

GONÇALVES, José Fernando – *Desenhar em Viagem. Sete Percursos*. Coimbra: Editorial do Dep. De Arq. Da FCTUC, 2020. ISBN 9789895468614.

GUBLER, Jacques – *Motion, émotions*. Milão: Christian Marinotti Edizioni, 2014. ISBN 9788882731489.

GALEANO, Eduardo – *O Livro dos Abraços*. Lisboa: Orfeu Negro, 2021. ISBN 9789726083177.

KIERKEGAARD, Søren – *A Repetição*. Lisboa: Relógio d'Água, 2009. ISBN 9789896411589.

MANSILLA, Luis M. – *Apuntes de Viaje al interior del Tiempo*. Barcelona: Fundación Arquia, 2002. ISBN 9788493138882.

MIRALLES, Enric – *Fantasía muscular*. Madrid: Ediciones Asimétricas, 2021. ISBN 9788419050014.

MORLIER, Hélène – *Les Guides-Joanne: genèse des Guides-bleus: itinéraire bibliographique, historique et descriptif de la collection de guides de voyage, 1840-1920*. Paris: Les Sentiers débattus, 2007. ISBN 9782952947602.

PASQUALE, Giorgia de – *Viaggio nel Mediterraneo*. Siracusa: LetteraVentidue, 2022. ISBN 9788862421898.

PINA, António Manuel – *Como se desenha uma casa*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2011. ISBN 9789723716160.

PORTOGHESI, Paolo, SCARANO, Rolando – *L'architettura del Mediterraneo*, Roma: Gangemi Editore, 2003. ISBN 9788849204384.

RAMALHO, Pedro – *Itinerário*. Porto: FAUP Publicações, 1989. ISBN 9789729483011.

SANTOS, Paula – *1991: Chandigarh*. Porto: Circo de Ideias, 2011. ISBN 9789899599543.

SARAMAGO, José – *Viagem a Portugal*. Porto: Porto Editora, 2021. ISBN 9789720034731.

SIZA, Álvaro – *01 Textos*. Porto: Civilização, 2009. ISBN 9789722629232.

SIZA, Álvaro – *02 Textos*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira, 2018. ISBN 9789728645922.

SOUTO DE MOURA, Eduardo – *Architetti, architettura*. Milão: Electa, 2023. ISBN 9788892822160.

TÁVORA, Fernando; COSTA, Alexandre Alves (coord. ed.) – *Fernando Távora: Pensamento Livre*. Porto: Fundação Marques da Silva, 2023 ISBN 9789895327218.

TÁVORA, Fernando; SIZA, Álvaro (coord.) – *Diário de "bordo"*. Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2012. ISBN 9789892033945.

TÁVORA, Fernando; TRIGUEIROS, Luíz (ed.) – *Fernando Távora*. Lisboa: Editorial Blau,1993. ISBN 9789728311292.

TÁVORA, Fernando – *As raízes e os frutos. "O meu caso" Arquitectura, Imperativo Ético do Ser 1937-1947. Vol 1, Tomo 1.1*. Porto: Fundação Instituto José Marques da Silva, 2020. ISBN 9789899985254.

THEROUX, Paul – *A Arte da Viagem*. Lisboa: Quetzal Editores, 2012. ISBN 9789725649626.

WESTON, Richard – *Alvar Aalto*. Londres, Nova Yorque: Phaidon, 1995. ISBN 9780714831596.

ZAKNIC, Ivan – *Klip and Corb on the Road*. Zurique: Verlag Scheidegger & Spiess AG, 2019. ISBN 9783858818171.

ZEVI, Bruno – *Saber ver a Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2019. ISBN 9788578270841.

Artigos e revistas

COSTA, Alexandre Alves – "7 Arquitectos à volta do mundo." Disponível em https://www. publico. pt/2011/12/17/jornal/7-arquitectos- a-volta-do-mundo-23635908.

FERNANDEZ, Sérgio – Texto lido na sessão "Um Objeto e seus Discursos", na Casa Atelier Marques da Silva, 9 de Abril 2016. Disponível em: https://issuu.com/ fundacaomarquesdasilva/ docs/texto_ um_objecto_e

MARTINS, Luís Paulo Saldanha; FERNANDES, Mário Gonçalves – "Cartografia, progresso e turismo: apontamentos sobre o Mappa excursionista de Portugal" de 1907, 2021. [consultado em 24 Abr 2025] Disponível em https://sigarra.up.pt/fpceup/pt//pub_geral.pub_view?pi_pub_ base_id=487510.

TÁVORA, Fernando – Exposição "Percurso". Disponível em https://revisitavora.wordpress. com/2016/01/14/viagem-a-grecia-2/.

VIEIRA, Clara – "José Marques da Silva. Formação em Paris." Disponível em https://fims. up.pt/ index.php?cat=45&subcat=2&subsu bcat=8&proj=15.

Joelho 03, "Viagem-Memória: Aprendizagens de Arquitectura". Coimbra: Edarq, 2012. ISBN 9770874616034.

Lotus 68. L'occhio dell'Architetto / The Eye of the Architect. Milão: Electa, 1991. ISSN 11249064.

NU: Viagens #15. Coimbra: Núcleo de Estudantes de Arquitetura/AAC, 2003. ISSN 16453891.

Resdomus Nº 1. Porto: FAUP Publicações, 2014. ISSN 21833257.

STOÀ 6. Strumenti per l'insegnamento della progettazione architettonica – Viaggi. Milão: Thymos Books, 2023. ISSN 27850293.

Trabalhos académicos

BOAS, Rúben Ramos Vilas – *A viagem como génese e modo de aprendizagem em arquitetura. A experiência de uma viagem "no Oriente"*. Guimarães: Universidade do Minho, EAAD, 2016. Dissertação de Mestrado.

CAPELA, Ana Filipa Sousa – *Vozes Vivas da Escola do Porto: Entre estórias e partilhas, o contributo da Memória no reconhecimento da Identidade*. Porto: Universidade do Porto, FAUP, 2022. Dissertação de Mestrado.

CAVACO, Ana Margarida Seixas – *Vozes Vivas da Escola do Porto. Entre pedagogias e vivências, a construção da ideia de Grupo na consolidação da Identidade*. Porto: Universidade do Porto, FAUP, 2022. Dissertação de Mestrado.

FERNANDES, Eduardo – *A Escolha do Porto: contributos para a actualização de uma ideia de Escola*. Guimarães: Universidade do Minho, EAAD, 2010. Tese de Mestrado.

FERREIRA, Liliano – *Prémio Fernando Távora. A viagem de investigação enquanto instrumento na formação do arquiteto*. Porto: Universidade do Porto, FAUP, 2024. Dissertação de Mestrado.

FONSECA, Elisabete – *Diários de viagem: os desenhos de arquitetura nos diários de viagem*. Porto: Universidade do Porto, FAUP, 2010. Dissertação de Mestrado.

MOTA, Eduardo Castro Salvador Pinto – *É indispensável viver.: a viagem na formação do arquitecto*. Coimbra: Universidade de Coimbra, DArq, 2012. Dissertação de Mestrado.

Entrevistas, conversas e conferências

"Mais que Arquitetura. Em viagem", Reportagem elaborada pela Fundação Marques da Silva, 2020. Disponível em https://vimeo.com/469078311?fl=pl&fe=vl

Conferência "Viagem à Índia", FAUP 40 anos, 28.06.2021, Zoom. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QaDGpi3dpjQ

Conferência "A Descoberta do Sul", FAUP 40 anos, 22.05.2021, Zoom. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zDDEBl2r5G4

Conferência "As viagens do 2o ano", FAUP 40 anos, 29.05.2021, Zoom. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7WOr5ksY4sA

"Viagem de Siza à Finlândia" entrevista disponibilizada pela Fundação Gulbenkian. Disponível em https://gulbenkian.pt/read-watch-listen/viagem-de-siza-a-finlandia/

Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 18/11/2020.

Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Alexandre Alves Costa, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 28/07/2021.

Conversa realizada no âmbito do Projeto Vozes Vivas com Sérgio Fernandez, por Ana Capela e Ana Margarida Cavaco em 21.06.2021.

Conversa realizada no âmbito da dissertação com João Taveira e Mafalda Marques em 05.06.2025.

Conversa realizada no âmbito da dissertação Com Helder Casal Ribeiro em 13.06.2025.

Conversa realizada no âmbito da dissertação com Madalena Hörnig, Manuel Teniz e Mariana Pereira em 28.05.2025.

Conversa realizada no âmbito da dissertação com Anna Volnaia em 03.06.2025.

Conversa realizada no âmbito da dissertação com Luís Urbano em 13.06.2025.

Arquivo AEFAUP

Relatório de atividades e de contas 2017/2018.

Relatório de atividades e de contas 2018/2019.

Relatório de atividades e de contas 2019/2020.

Roteiros de viagem: ao Japão (2015); Finlândia (2017); Évora (2017); Berlim (2018); Lisboa (2018); Évora (2018); Minho (2018); Norte de Espanha (2018); Rota le Corbusier (2019); Douro (2022); Norte de Espanha e Sul de França (2022); País Basco (2022); Paris (2023); País Basco (2023); Berlim (2025).

Folha de sala da exposição "Alvar Aalto: percurso e obra" , 2018.

Booklet Viagem norte de Espanha e sul de França, 2022.

Iconografia

[Fig. 1] Salisburgo, Luigi Ghirri, 1977.
Fonte: **GHIRRI, Luigi** – *The Complete Essays 1973-1991*. Londres: Mack Books, 2021 (p.34). ISBN 9781910164143.

[Fig.2] "Aircraft", Le Corbusier, 1935.
Fonte: **CORBUSIER, Le** – *Aircraft*. Marselha: Editions Parenthèses, 2017 (p.30). ISBN 9780862940942.

[Fig. 3] "Objectivos de viagem", Fernando Távora, sem data.
Fonte: **MESQUITA, Ana Raquel da Costa** – *O melhor dos dois mundos. A viagem do Arquitecto Távora aos EUA e Japão*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2007 (p. 48). Dissertação de mestrado.

[Fig. 4] Mapa desenhado por Fernando Távora, com a indicação do percurso nos EUA e México, Fernando Távora, 1960.
Fonte: **MESQUITA, Ana Raquel da Costa** – *O melhor dos dois mundos. A viagem do Arquitecto Távora aos EUA e Japão*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2007 (p. 44). Dissertação de mestrado.

[Fig. 5] Mapa com anotações do percurso nos EUA, Fernando Távora, 1960.
Fonte: **MESQUITA, Ana Raquel da Costa** – *O melhor dos dois mundos. A viagem do Arquitecto Távora aos EUA e Japão*. Coimbra: Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2007 (p. 57). Dissertação de mestrado.

[Fig. 6] Cabo da Boa Esperança, desenho em diário de bordo, 1794.
Fonte: https://blogs.bodleian.ox.ac.uk/maps/category/exploration/

[Fig. 7] "Desenhos de viagem, Álvaro Siza, Boston, 1998.
Fonte: **SIZA, Álvaro** – *Esquissos de Viagem / Travel Sketches*. Porto: Documentos de Arquitectura, 1988 (p.14)

[Fig. 8] Álvaro Siza, desenho de viagem, Roma, 1980.
Fonte: **SIZA, Álvaro** – *Esquissos de Viagem / Travel Sketches*. Porto: Documentos de Arquitectura, 1988 (p.43)

[Fig. 9] Álvaro Siza, desenho de viagem, Rio de Janeiro, 1982.
Fonte: **SIZA, Álvaro** – *Esquissos de Viagem / Travel Sketches*. Porto: Documentos de Arquitectura, 1988 (p.96)

[Fig. 10] Álvaro Siza, desenho de viagem, Macau, 1983.
Fonte: **SIZA, Álvaro** – *Esquissos de Viagem / Travel Sketches*. Porto: Documentos de Arquitectura, 1988 (p.99)

[Fig. 11] Fernando Távora, Desenho de figuras do período Haniwa com anotações, Washington, 1960.
Fonte: **TÁVORA, Fernando; SIZA, Álvaro (coord.)** – *Diário de "bordo"*. Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2012. ISBN 9789892033945. (p.43)

[Fig. 12] Eduardo Souto de Moura, desenho de viagem, sem data.
Fonte: **SOUTO DE MOURA, Eduardo** – *Atlas de Parede Imagens de Método*. Porto: Dafne Editora, 2011. ISBN 9789898217189. (p.116)

[Fig. 13] Coleção de slides de Atenas 1, Hermes, impressão Kodak, sem data.
Fonte: **SOUTO DE MOURA, Eduardo** – *Atlas de Parede Imagens de Método*. Porto: Dafne Editora, 2011. ISBN 9789898217189. (pp.30-31)

[Fig. 14] Viagem à Galiza, José Gigante, 1995.
Fonte: **GIGANTE, José** – *Zé Gigas, Poeta Popular. Antologia poética 1962-2017*. Porto: Circo de Ideias, 2017, poema n.º 30. ISBN: 9789899918467

[Fig. 15] Primeira página do diário de Bordo, Fernando Távora, 1960.
Fonte: **TÁVORA, Fernando; SIZA, Álvaro (coord.)** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2012. ISBN 9789892033945. (p.23)

[Fig. 16] Diário de Bordo, Fernando Távora, 1960.
Fonte: **TÁVORA, Fernando; SIZA, Álvaro (coord.)** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2012. ISBN 9789892033945. (p.367)

[Fig. 17] Cartão de visita de Hiroshi Matsumoto com anotações manuscritas, Fernando Távora, 1960.
Fonte: **TÁVORA, Fernando; SIZA, Álvaro (coord.)** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2012. ISBN 9789892033945. (p.55)

[Fig. 18] Cartão de visita, verso com anotações manuscritas, Fernando Távora, 1960.
Fonte: **TÁVORA, Fernando; SIZA, Álvaro (coord.)** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2012. ISBN 9789892033945. (p.56)

[Fig. 19] Postal do Ingalls Rink, face com imagem fotográfica, Fernando Távora, 1960.
Fonte: **TÁVORA, Fernando; SIZA, Álvaro (coord.)** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2012. ISBN 9789892033945. (p.156)

[Fig. 20] Verso do postal do Ingalls Rink, face com datação manuscrita "Yale, Março 21, 1960", Fernando Távora, 1960.
Fonte: **TÁVORA, Fernando; SIZA, Álvaro (coord.)** Porto: Associação Casa da Arquitetura, 2012. ISBN 9789892033945. (p.157)

[Fig. 21] Visita de Johann Wolfgang von Goethe ao Coliseu em Roma, Jakob Philippe Hackert, c.1790.
Fonte: https://grandtourmuseum.eu/goethe/

[Fig. 22] Vista do mosteiro de Sant'Onofrio no Gianicolo ao sul de Roma, Karl Friedrich Schinkel, 1824.
Fonte: https://www.smb.museum/en/exhibitions/detail/an-urban-landscape-a-360-panorama-of-rome-by-friedrich-loos/

[Fig. 23] Ca d'oro Veneza, John Ruskin, 1845.
Fonte: https://apollo-magazine.com/john-ruskins-visions-of-venice/

[Fig. 24] Villa Adriana, Le Corbusier, 1907.
Fonte: Lotus 68. L'occhio dell'Architetto / The Eye of the Architect. Milão: Electa, 1991. ISSN 11249064 (p.21)

[Fig. 25] Mapa desenhado por Le Corbusier, dividindo a Europa de 1911 em 3 categorias: Indústria, Cultura e Folclore, 1925.
Fonte: **ZAKNIC, Ivan** – *Klip and Corb on the Road*. Zurique: Verlag Scheidegger & Spiess AG, 2019. ISBN 9783858818171. (p.247)

[Fig. 26] Desenho de viagem em Itália, Joseph Hoffmann, 1898.
Fonte: https://www.kunstmuseummoritzburg.de/fileadmin/user_upload/Kunstmuseum_Moritzburg/00_Startseite/closedbutopen/20201215/abb_1_skizze_hoffmann.jpg, publicado em "Architektonisches von der Insel Capri", Der Architekt, vol. 3, 1897. (pp. 13 – 14)

[Fig. 27] Desenho de viagem na Tunísia, Gunnar Asplund, 1913.
Fonte: Lotus 68. L'ochio dell'Architetto / The Eye of the Architect. Milão: Electa, 1991. ISSN 11249064 (p.32)

[Fig. 28] Desenho de viagem em Agrigento, Alvar Aalto, 1952.
Fonte: Lotus 68. L'ochio dell'Architetto / The Eye of the Architect. Milão: Electa, 1991. ISSN 11249064 (p.21)

[Fig. 29] Guia Baedecker de Nice, 1859.
Fonte: https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uva.x001702608&seq=138

[Fig. 30] Guide Bleu de Paris, 1949.
Fonte: *Les Guides Bleus Paris*. Paris: Hachette, 1949

[Fig. 31] Mapa excursionista de Portugal, 1907.
Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal - https://purl.pt/22201/2/

[Fig. 32] Mapa-mundi, Aula de Teoria Geral da Organização do Espaço, Fernando Távora, 1991.
Fonte: **TÁVORA, Fernando; COSTA, Alexandre Alves (coord. ed.)** – *Fernando Távora: Pensamento Livre*. Porto: Fundação Marques da Silva, 2023
ISBN 9789895327218. (p.151)

[Fig. 33] Viagem de estudo com alunos do 1º ano da FAUP, Tomar, 1993. Fotografia de Sérgio Fernandez.
Fonte: **TÁVORA, Fernando; COSTA, Alexandre Alves (coord. ed.)** – *Fernando Távora: Pensamento Livre*. Porto: Fundação Marques da Silva, 2023
ISBN 9789895327218. (p.161)

[Fig. 34] Joaquim Vieira, Fernando Távora, José Grade, Manuel Correia Fernandes. Viagem com estudantes, Tomar, 1982. Fotografia de Sérgio Fernandez.
Fonte: Conferência "A Descoberta do Sul", FAUP 40 anos, 22.05.2021, Zoom. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=zDDEBl2r5G4&t=6825s.

[Fig. 35] Viagem ao Sul, Convento de Cristo, Tomar, 1982.
Fonte: Conferência "A Descoberta do Sul", FAUP 40 anos, 22.05.2021, Zoom. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=zDDEBl2r5G4&t=6825s.

[Fig. 36] Fernando Távora e assistente Beatriz Madureira, Tomar, s/d.
Fonte: Conferência "A Descoberta do Sul", FAUP 40 anos, 22.05.2021, Zoom. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=zDDEBl2r5G4&t=6825s.

[Fig. 37] Visita de estudo a Évora com alunos da FAUP, 1992. Fotografia de Sérgio Fernandez.
Fonte: **TÁVORA, Fernando, COSTA, Alexandre Alves (coord. ed.)** – *Fernando Távora: Pensamento Livre*. Porto: Fundação Marques da Silva, 2023.
ISBN 9789895327218. (p.160)

[Fig. 38] Percurso representativo da viagem a Marrocos (1967).
Fonte: Mapa elaborado pela autora.

[Fig. 39] Marrocos, 1967.
Fonte: "Mais que Arquitetura. Em viagem", Reportagem elaborada pela Fundação Marques da Silva, 2020.

[Fig. 40] Bab Oudaya, Rabat, 1967.
Fonte: **COSTA, Alexandre Alves; SIZA, Álvaro** – *1967: Marrocos*. Porto: Circo de Ideias, 2011. ISBN 9789899599543. (p.13)

[Fig. 41] Marrocos, 1967.
Fonte: "Mais que Arquitetura. Em viagem", Reportagem elaborada pela Fundação Marques da Silva, 2020.

[Fig. 42] Kasbash Oudaya, 1967.
Fonte: **COSTA, Alexandre Alves; SIZA, Álvaro** – *1967: Marrocos*. Porto: Circo de Ideias, 2011. ISBN 9789899599543. (p.15)

[Fig. 43] Marrocos, 1967.
Fonte: "Mais que Arquitetura. Em viagem", Reportagem elaborada pela Fundação Marques da Silva, 2020.

[Fig. 44] Marrocos, 1967.
Fonte: **COSTA, Alexandre Alves; SIZA, Álvaro** – *1967: Marrocos*. Porto: Circo de Ideias, 2011. ISBN 9789899599543. (p.8)

[Fig. 45] Percurso representativo da viagem à Grécia (1976).
Fonte: Mapa elaborado pela autora.

[Fig. 46] Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez, José Grade, Alcino Soutinho, Fernando Távora, Álvaro Siza, Partenon, Atenas, 1976.
Fonte: **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** – *De volta à Viagem.* Coimbra: Coimbra University Press, 2018. ISBN 9789892615806. (p. 22)

[Fig. 47] Grécia, 1976.
Fonte: **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** – *De volta à Viagem*. Coimbra: Coimbra University Press, 2018. ISBN 9789892615806. (p. 22)

[Fig. 48] Fernando Távora expõe leitura ao grupo, Grécia, 1976.
Fonte: **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** – *De volta à Viagem*. Coimbra: Coimbra University Press, 2018. ISBN 9789892615806. (p. 22)

[Fig. 49] Fotografia de grupo, Grécia, 1976.
CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo – *De volta à Viagem*. Coimbra: Coimbra University Press, 2018. ISBN 9789892615806. (p. 22)

[Fig. 50] Banho no mar Mediterrâneo, 1976.
CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo – *De volta à Viagem*. Coimbra: Coimbra University Press, 2018. ISBN 9789892615806. (p. 22)

[Fig. 51] Percurso representativo da viagem ao Egipto (1984).
Fonte: Mapa elaborado pela autora.

[Fig. 52] Saqqara, 1984. Fotografia de Sérgio Fernandez.
Fonte: **TÁVORA, Fernando, COSTA, Alexandre Alves (coord. ed.)** – *Fernando Távora: Pensamento Livre.* Porto: Fundação Marques da Silva, 2023. ISBN 9789895327218. (p.160)

[Fig. 53] Desenho de viagem, Gizé, Álvaro Siza, 1984.
Fonte: **SIZA, Álvaro** – *Esquissos de Viagem / Travel Sketches*. Porto: Documentos de Arquitectura, 1988 (p.113)

[Fig. 54] Desenho de viagem, Kom-Ombo, Álvaro Siza, 1984.
Fonte: **SIZA, Álvaro** – *Esquissos de Viagem / Travel Sketches*. Porto: Documentos de Arquitectura, 1988 (p.115)

[Fig. 55] Egipto, 1984.
Fonte: **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** – *De volta à Viagem*. Coimbra: Coimbra University Press, 2018ISBN 9789892615806. (p. 22)

[Fig. 56] Templo de Hatshepsut, 1984.
Fonte: **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** – *De volta à Viagem*. Coimbra: Coimbra University Press, 2018. ISBN 9789892615806. (p. 22)

[Fig. 57] Abu Simbel, 1984.
Fonte: **CARDIELOS, João Paulo; MOTA, Eduardo** – *De volta à Viagem*. Coimbra: Coimbra University Press, 2018. ISBN 9789892615806. (p. 22)

[Fig. 58] Cartaz de divulgação da viagem aos EUA, AEFAUP, 2014.
Fonte: Arquivo AEFAUP.

[Fig. 59] Cartaz de divulgação da viagem a Paris, AEFAUP, 2023.
Fonte: Arquivo AEFAUP.

[Fig. 60] Viagem do 2º ano, Rota do Le Corbusier, 2019.
Fonte: Imagem partilhada nas redes sociais da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Disponível em https://www.facebook.com/photo?fbid=10157469024261042&set=a.10155433358556042

[Fig. 61] Cartaz de divulgação da Viagem da Rota do Le Corbusier, AEFAUP, 2013.
Fonte: Arquivo AEFAUP.

[Fig. 62] Percurso representativo da viagem ao Egipto (1984).
Fonte: Mapa elaborado pela autora.

[Fig. 63] Paisagem da envolvente, Finlândia, 2017. Fotografia de João Taveira.
Fonte: Arquivo Pessoal Mafalda Marques.

[Fig. 64] Casa Alvar Aalto, Helsínquia, 2017. Fotografia de João Taveira.
Fonte: Arquivo Pessoal Mafalda Marques.

[Fig. 65] Sanatório de Paimio, Paimio, 2017. Fotografia de João Taveira.
Fonte: Arquivo Pessoal Mafalda Marques.

[Fig. 66] Experimental House, Muuratsalo, 2017. Fotografia de João Taveira.
Fonte: Arquivo Pessoal Mafalda Marques.

[Fig. 67] Alvar Aalto Center, Alajärvi, 2017. Fotografia de João Taveira.
Fonte: Arquivo Pessoal Mafalda Marques.

[Fig. 68] Caderno de viagem, Nuno Sarmento, 2017.
Fonte: Arquivo Pessoal Mafalda Marques.

[Fig. 69] Caderno de viagem, Nuno Sarmento, 2017.
Fonte: Arquivo Pessoal Mafalda Marques.

[Fig. 70] Caderno de viagem, Nuno Sarmento, 2017.
Fonte: Arquivo Pessoal Mafalda Marques.

[Fig. 71] Town Hall, Säynätsalo, 2017. Fotografia de João Taveira.
Fonte: Arquivo Pessoal Mafalda Marques.

[Fig. 72] Fotografia do grupo na Villa Mairea, 2017.
Fonte: Arquivo Pessoal Mafalda Marques.

[Fig. 73] Percurso representativo da viagem ao norte de Espanha e sul de França (2022).
Fonte: Mapa elaborado pela autora.

[Fig. 74] Caderno de viagem, desenho da autora, 2022.
Fonte: Desenho da autora.

[Fig. 75] Peine del Viento, San Sebastián, 2022.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 76] Convento de La Tourette, Éveux, 2022.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 77] Convento de La Tourette, Éveux, 2022.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 78] Grupo de estudantes na Maison Carrée, Nîmes, 2022.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 79] Unité d'Habitation, Marselha, 2022.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 80] Marselha, 2022.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 81] Percurso representativo da viagem a Berlim (2025).
Fonte: Mapa elaborado pela autora.

[Fig. 82] Neue Nationalgalerie, Berlim, 2025.
Fonte: Fotografia cedida por Manuel Teniz.

[Fig. 83] Neue Nationalgalerie, Berlim, 2025.
Fonte: Fotografia cedida por Madalena Hörnig.

[Fig. 84] Unité d'Habitation de Berlim, Berlim, 2025.
Fonte: Fotografia cedida por Madalena Hörnig.

[Fig. 85] Caderno de viagem, Madalena Hörnig, 2025.
Fonte: Desenho cedido pela autora.

[Fig. 86] Caderno de viagem, Madalena Hörnig, 2025.
Fonte: Desenho cedido pela autora.

[Fig. 87] Caderno de viagem, Madalena Hörnig, 2025.
Fonte: Desenho cedido pela autora.

[Fig. 88] Capela da Senhora da Livração de Fandinhães, Marco de Canaveses, 2021.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 89] Registo da viagem realizada no contexto da U. C. de História da Arquitetura Portuguesa, 2021.
Fonte: Registo da autora.

[Fig. 90] Chiesa dell'Autostrada del Sole, Florença, 2023.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 91] Capela Vaticana, Veneza, 2023.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 92] Caderno de viagem, Lanzarote, 2023.
Fonte: Desenho da autora.

[Fig. 93] Edificio per appartamenti in Via Paravia, Milão, 2023.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 94] Edificio per appartamenti in Via Paravia, Milão, 2023.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 95] Edificio per appartamenti in Via Paravia, Milão, 2023.
Fonte: Fotografia da autora.

[Fig. 96] Em viagem, 2023.
Fonte: Fotografia da autora.

Anexos

[Finlândia 2017]

Conversa com João Taveira e Mafalda Marques

Conversa com Helder Casal Ribeiro

[Berlim 2025]

Conversa com Madalena Hörnig, Manuel Teniz e Mariana Pereira

Conversa com Anna Volnaia

Conversa com Luís Urbano

[Finlândia 2017]
Conversa com os estudantes participantes na viagem
João Taveira e Mafalda Marques
05.06.2025

SA - Salomé Amaral
JT - João Taveira
MM - Mafalda Marques

SA — A viagem que realizaram a viagem à Finlândia decorreu no início do vosso 4º ano. Como surgiu a ideia e o posterior planeamento?

JT — Foi no ano em que estávamos na Associação de Estudantes, e normalmente organizava-se uma grande viagem todos os anos. Convidámos logo o professor Helder porque ele tinha sido nosso professor no 3º ano e tínhamos gostado muito dele. A decisão de escolher uma viagem dedicada à obra de Alvar Aalto surgiu depois em conversa com o Helder. Obviamente, conhecíamos a obra do autor porque é uma referência na Escola, inclusivamente muito nomeada para perceber a obra do Siza.
Portanto, naquela altura estávamos numa fase em que queríamos perceber qual era a linguagem da Escola, e obviamente o Alvar Aalto era uma referência essencial. Para nossa surpresa, descobrimos que nunca tinha sido feita uma viagem para ver a sua obra, pelo menos através da Associação de Estudantes, e que na realidade não havia assim tantos professores ou alunos que tivessem feito uma viagem deste género à Finlândia. O Alvar Aalto era uma personagem mítica e não havia muitos relatos de vistas à sua obra – algo que não acontecia com a obra de Le Corbusier ou dos Herzog & de Meuron, que foram visitadas por imensos colegas nossos. E provavelmente esse interesse de ser um arquiteto pouco visitado pode ter surgido como uma motivação para nós. Nós não conhecíamos intensamente a obra do Aalto e ali tínhamos a oportunidade de a conhecer através da experiência.
Para além disso, a Associação de Estudantes apoiou a organização, e, apesar da viagem ter sido aberta à participação de todos os estudantes, dentro do grupo que se inscreveu já praticamente todos estabeleciam uma relação de amizade, porque éramos todos do mesmo ano. Portanto, a organização da viagem iniciou ainda no decorrer do 3º ano e quando tivemos conhecimento do grupo que iria, marcámos logo a viagem, as estadias e o aluguer das duas carrinhas de 7 lugares que usámos lá. Depois, em setembro - após o verão e as férias - fomos, antes das aulas começarem.

SA — Após o planeamento detalhado, de que forma se desenrolou a viagem? Surgiram imprevistos, surpresas ou momentos inesperadamente marcantes ao longo do percurso?

JT — Obviamente, um dos aspetos mais interessantes desta viagem foi o facto de termos ido de carrinha, uma guiada pelo "Cherife" e a outra pelo Helder. Normalmente, as obras eram longe umas da outras, e íamos sempre por estradas nacionais com vistas fantásticas, com muitas florestas e lagos - a Finlândia tem muitos lagos. E, na minha opinião, todo esse processo de viagem pelo país para ir conhecer a obra do Alvar Aalto também nos ajudou a perceber o contexto em que ele vivia e projetava. É muito diferente de entrar num avião, sair numa capital, ver aquilo e ir embora.
Lembro-me do imprevisto que aconteceu quando perdi o meu telemóvel no Sanatório - eu tinha daqueles telemóveis de teclas, caiu-me do bolso, e entrou numa sarjeta. Fiquei a viagem toda sem telemóvel. Simplesmente desisti, olhei para aquilo e pensei que não havia nenhuma forma de o tirar dali. Eu não tinha smartphone, tinha aquele telemóvel de teclas e mesmo assim perdi-o! Estava sozinho a ver as traseiras do edifício, que ninguém quis ir ver… e por acaso depois também cheguei à conclusão que não eram muito interessantes.
Houve ainda outro dia em que tínhamos ido à biblioteca do Alvar Aalto, que era uma obra fantástica e com uma luz incrível. E quando estávamos a voltar para ir jantar, já mesmo quase a chegar ao hostel, o Dani - um amigo meu - percebeu que tinha perdido o estojo. Ele tinha a certeza que o tinha deixado perto de uns edifícios, e eu voltei com ele, a pé. Já era final do dia, e quando chegámos lá já era noite, porque lá anoitecia cedo. E estávamos a procurar, ele com o seu telemóvel a iluminar, e no momento em que ele grita "Encontrei!", levanta o estojo, eu olho para cima e vejo uma aurora boreal. Disse-lhe logo "Dani, olha para ali!" Vimos aquele espetáculo, era uma luz que se move imenso! Eu achava que era uma coisa estática, mas aquilo mexe-se imenso! É uma espécie de camaleão que muda de cores, fantástico. E fomos os únicos que vimos, ninguém acreditava em nós. Tudo isto aconteceu porque o Dani perdeu o estojo!

MM – E quando nós descobrimos que estávamos a dormir num edifício que tinha sido desenhado pelo Alvar Aalto!? Acho que foi em Helsínquia!

SA – Como foi a experiência da viagem em grupo?

JT – Viajar em grupo é, sem dúvida, uma experiência completamente diferente de viajar sozinho, principalmente enquanto somos estudantes, porque é uma altura em que estamos a meio da formação e ainda é muito importante - tanto como em projeto, quando fazíamos noitadas e muitas

vezes ficávamos até tarde a falar uns com os outros para comunicarmos, para perceber as ideias uns dos outros. A ver arquitetura era a mesma coisa. Recordo-me de ter conversas interessantes com todos os meus colegas, e com o Helder, obviamente. Como estamos a meio da formação ainda é tudo muito novo, e falar ajuda imenso. O facto de comentarmos o que tínhamos visto também gerava curiosidade nos outros colegas. Havia muita partilha, e de facto passávamos horas nas obras.

MM – Havia muita liberdade para cada um explorar, não estávamos todos "em carreirinha" a ir ver as coisas, cada um ia ver o que lhe chamava mais a atenção. A isto adiciona-se a dimensão cultural: o cruzamento da viagem com a experiência arquitetónica e a própria cultura finlandesa. Lá é tudo muito diferente, até a questão da meteorologia e a relação com a floresta, que nós não temos cá. O facto de termos estado imersos na cultura em que também o Alvar Aalto estava envolvido é, para além da arquitetura e do contacto com os materiais, uma camada que se acrescenta.

JT – Eu acho que nós, nessa viagem, ainda tínhamos um olhar mais livre e menos formatado para ver as obras, e isso fazia com que experienciássemos o espaço de uma forma muito mais emocional e subjetiva. Por exemplo, hoje em dia já como arquitetos, nós vemos arquitetura de uma forma muito mais objetiva, estamos preocupados em encontrar detalhes interessantes, em estudá-los. Eu sinto que atualmente, quando visito uma obra, mais rapidamente tento perceber como é que funciona construtivamente um determinado tipo de pormenor, é uma aproximação mais analítica onde se vai mesmo à procura da solução. E acho que na altura, como também não tínhamos esse conhecimento tão aprofundado, tinha muito mais que ver com uma dimensão subjetiva. Também acho que víamos a obra com mais tempo - isto é - parávamos, falávamos, sentávamo-nos e simplesmente usufruíamos, não falávamos muito sobre questões técnicas. Claro que também está muito relacionado com a obra de Alvar Aalto, mas de facto eu diria que a parte importante de termos viajado em grupo tem que ver com essa partilha, desse tipo de comunicação. E por acaso tem piada, porque eu já não faço isso há imenso tempo, viajar com amigos. Acho que agora já não seria tão intenso em termos de partilha de grupo, porque depois cada um já está à procura de alguma coisa, e na altura como estamos todos a partilhar uma experiência de Escola, há uma necessidade de comunicação maior.
Neste caso, o professor também tinha uma predisposição muito grande para comunicar connosco, para nos chamar a atenção de determinados aspetos, e eu lembro-me de estar constantemente surpreendido. Ele referia muitas vezes, “Olhem para ali e pensem nisto”. Essa predisposição para discutir é posta um bocadinho de parte quando vamos ver arquitetura agora. Também é importante ter uma perspetiva mais objetiva e analítica ou construtiva da obra, mas de facto esse tipo de experiência mais sensorial também é essencial. E eu acho que com o tempo temos tendência a perdê-la.

SA – De um modo geral, quais foram as metodologias de registo mais utilizadas durante esta viagem?

JT – Eu acho que todos nós tirámos muitas fotografias, mas também desenhámos muito. Claro que havia pessoas que desenhavam mais do que outras, mas desenhámos muito. E apercebi-me nesta viagem que o desenho de viagem é uma ferramenta de aprendizagem, não é simplesmente um desenho ilustrativo ou representativo. É um desenho de pensamento que também está relacionado com aquilo que cada um de nós considera relevante na obra, e pode ser um desenho abstrato ou apenas de uma parte em particular que me chamou à atenção - e que para outra pessoa pode não ter grande importância. No fundo é também uma forma de pensar sobre a obra, não é simplesmente desenhá-la por aquilo que é.

MM – Eu acho que desenhar faz parte do processo de olhar, obriga-nos a olhar para as coisas com mais pormenor. Ou seja, enquanto estamos a desenhar também estamos a observar com mais atenção. Por isso o desenho, para além de ser uma ferramenta muito útil, acaba por fazer parte e para mim foi muito importante. Não para expor, porque nem sequer estava com a expectativa que fossemos fazer uma exposição, mas desenvolveu um olhar mais atento, que foi essencial na experiência da viagem.

JT – Do que me recordo, tínhamos sempre tempo para desenhar, deambular, e depois no final mostrávamos sempre os desenhos uns aos outros.

SA - Tiveram a possibilidade de formular uma resposta às questões que tinham antes de partir?

JT – Eu regressei com a ideia de que a relação entre o Siza e o Aalto se deve muito ao facto da Finlândia ser um país periférico, como nós. O moderno do Siza é um moderno periférico da mesma forma que o moderno do Alvar Aalto também é periférico, e isso tem mesmo que ver com a localização geográfica.

MM – Se calhar também é interessante pensar que dentro do movimento moderno, existiu a emergência do funcionalismo do pós-guerra, e o Alvar Aalto conseguiu trazer a identidade nacional para resolver isso - o que acabou por ser um ponto de ligação com o Távora e com o

contexto português, e essa procura por uma identidade local acabou por ser uma espécie de reforma. O sanatório acaba por ser um exemplo de um edificio funcionalista, mas muito centrado na escala humana, e a sua própria implantação geográfica estava relacionada com a qualidade do ar e a relação com a floresta.

JT – Eu acho que no que diz respeito à implantação formal do sanatório, apesar de parecer um edifício muito funcionalista, é uma implantação muito orgânica que se divide em diferentes corpos … de facto, toda essa aprendizagem também nos fez perceber melhor o nosso próprio contexto, ou pelo menos a forma como influenciaram algumas referências mais próximas como o Távora e o Siza, que na altura eram mesmo muito importantes para nós.

MM – E por acaso o Alvar Aalto era uma personagem que escrevia muito, e o facto de termos acesso à sua forma de pensar também nos ajudou a compreender melhor em que direção é que ele queria caminhar, e acho que foi um complemento também. Para além da visita à obra, cruzar a teoria com a experiência e a análise volumétrica. Depois de ler os seus textos percebi também a sua vontade de refletir sobre os erros, mostrando-me o seu lado mais tangível. Acho que a experiência da viagem também nos ajudou a ganhar mais afinidade com o autor.

SA – Sentiram alguma vantagem na realização da viagem no início do ano letivo? Consideram que se refletiu no decorrer do ano?

JT – Eu, da minha perspetiva não posso dizer que tenha havido diretamente uma influência em termos formais do projeto. Mas, de facto, foi uma aprendizagem que me deu ferramentas para abordar o exercício de projeto de 4º ano de uma forma inicial com muito mais confiança, sem dúvida alguma. Por acaso lembro-me que houve uma fase no início de Projeto 4 em que tivemos de apresentar um caderno com algumas referências e claro que eu tinha lá obras do Alvar Aalto… mas eu acho que a questão não se prendeu ao facto de usá-lo como uma referência direta, mas nas ferramentas que o contacto com a sua obra nos deu para depois abordarmos e refletirmos sobre o nosso projeto. Claro que depois, durante o ano, há dificuldades normais de processo, de trabalho - não passámos a ser alunos excelentes! Mas deu-nos confiança e especialmente motivação, que eu também acho que é essa a grande razão pela qual devemos viajar. O processo de trabalho em arquitetura é difícil, exigente, e demorado…

MM – No meu caso, serviu essencialmente ganhar mais noção do que realmente é a obra construída, porque sentia que no decorrer do curso, mesmo que fizéssemos maquetes, tudo era muito abstrato e havia poucas oportunidades para contactar com a escala real.
Depois da viagem, tivemos de realizar um trabalho no âmbito da U.C. Teoria 3 que, muito resumidamente, consistia num estudo aprofundado sobre um edifício à escolha. Nós aproveitámos a oportunidade para fazer um trabalho de grupo, selecionando algumas das obras que nos tinham impactado de forma emotiva. Isso foi muito importante, porque tivemos o tempo e a oportunidade para estudar e criar um discurso crítico relativamente àquilo que tínhamos experienciado. A viagem criou um impacto muito grande com algumas obras em particular, e depois o trabalho complementou esse impacto que sentimos de uma forma mais académica - que nos obrigou a investigar e ler mais, a ver e estudar desenhos, no fundo aprofundámos ainda mais o estudo da obra do autor. E claro que compreendemos melhor algumas coisas depois de fazer este trabalho, estavam sempre a surgir novas camadas de informações.
E depois ainda fizemos uma exposição no museu da FAUP sobre a viagem, onde expusemos os nossos cadernos, livros, as lembranças que trouxemos, e também havia um projetor que estava a passar um filme com várias gravações que tínhamos feito. No âmbito desta exposição chegámos também a fazer um ciclo de conversas, em conjunto com o Helder. Até convidamos o Siza, mas depois ele acabou por não conseguir vir…

SA – Na vossa perspetiva, qual é a relevância da viagem no processo de formação em arquitetura? Que papel assume a experiência do lugar nesse percurso, e o que é que a viagem oferece que não pode ser aprendido por outros meios?

JT – Acho que há uma aura geral que tem que ver com a motivação, com o entusiasmo, com a surpresa… É um bocado como quando estamos num festival e sabemos que há uma banda que vamos gostar, e há outra a seguir, e depois há outra… e antes do concerto ficamos todos contentes - nesta viagem era a mesma coisa. Havia uma aura muito positiva, muita curiosidade, sempre que íamos ver uma obra diferente havia um grande entusiasmo… e também me parece que o fator 'tempo' era diferente, de facto. Pode ter que ver com o facto de termos viajado de carrinha, ou com o facto de termos estado em sítios fantásticos e a noção de tempo dilui-se um pouco… mas também está relacionado com aquilo que nós estávamos a viver nessa altura, em que havia muito mais disponibilidade e menos preocupações. E apesar de ter sido uma experiência em grupo, obviamente que sentimos que foi também uma viagem para enriquecimento pessoal, completamente.
Esta viagem foi também um culminar de três anos de amizade e de partilha. Eu por acaso tive sorte porque

sempre viajei com os meus pais e o meu irmão, todos os anos fazíamos uma viagem de 2 semanas. Acho que isso pode influenciar a minha ida para arquitetura, não porque tivesse um interesse particular por arquitetura, mas porque acho que tive a sorte de experienciar desde muito cedo cidades diferentes. Depois, já na faculdade, no 1º ano fizemos a viagem que se costumava fazer ao Sul: Évora, Évora Monte, Setúbal; depois na viagem de 2º ano fomos a Itália; no 3º ano fui a Paris; no 4º ano fomos à Finlândia e no 5º ano fui de Erasmus para o México… em todas estas viagens já tinha obviamente um gosto em viajar, como a maioria das pessoas, mas de facto, como estas viagens eram muito mais direcionadas para a arquitetura, criaram um papel muito importante no "saber olhar", que depois influenciou todo o percurso. E sinceramente, sempre que viajo, vou ver arquitetura. É uma coisa que o Helder dizia, que é: "a Arquitetura é um pretexto para conhecer o país", e é verdade, entre a arquitetura e os museus que vamos ver, experienciamos a cidade, bebemos copos e conhecemos pessoas. Portanto, é um pretexto para conhecer os lugares também nas suas outras dimensões.

MM – Eu diria que um dos aspetos mais singulares na viagem é a compreensão do contexto das obras, que no caso da Finlândia se desvendou na relação com a floresta e com os lagos. A relação dos volumes e a paisagem são coisas que não sentes ao ver os desenhos e as fotografias, de todo. É só mesmo estando lá. Parece que quando estávamos lá, os desenhos diziam muito pouco da obra, porque descobrimos tantas coisas. Outro aspeto que me chamava continuamente a atenção eram os detalhes! Senti que o Alvar Aalto tem uma forma de construir muito artesanal. Por exemplo, a Villa Mairea é incrível a nível de pormenor. E um aspeto que também só se sente quando se visita a obra é a ativação dos sentidos, através dos cheiros, dos sons… Os sítios onde ficámos alojados também eram espetaculares, apesar de singelos, estávamos sempre rodeados de natureza… acho que nunca me soube tão bem beber chá. Lembro-me muito bem de um dia em que acordei muito cedo para desenhar, e bebi mesmo muito chá - e foi aí que me converti, aquele momento mudou a minha vida.
Já no contexto da formação, o que acho que a viagem nos ensina é, acima de tudo, a aprender a observar, depois deste tipo de experiências passamos a olhar com mais atenção para a arquitetura.

JT – E para tudo! Nem tudo é arquitetura mas tudo é construção, e pode-se aprender a partir de tudo o que se vê… viajar é muito importante porque tudo aquilo para que nós olhamos é uma possibilidade de aprendizagem.

[Finlândia 2017]
Conversa com o docente participante na viagem
Helder Casal Ribeiro
16.06.2025

SA - Salomé Amaral
HCR - Helder Casal Ribeiro

SA — Em 2017, acompanhou um grupo de 13 estudantes à Finlândia. Qual foi o seu envolvimento na preparação desta viagem?

HCR – A iniciativa da viagem à Finlândia nasceu essencialmente da dinâmica da turma de 3º ano daquele ano letivo, que eram um grupo muito ativo.
Durante aquele ano chegámos a fazer algumas visitas a edifícios de habitação na cidade do Porto, e eles começaram a dizer "Vamos fazer uma viagem! Vamos organizar!", e posteriormente, entre conversas, decidimos qual seria o autor ou o destino que seria mais interessante naquele momento, já que eles iam para o 4º ano. E de facto, o Alvar Aalto é um autor de que falamos muito na Escola, mas pouca gente visitou a obra… só há uma determinada geração que a visitou e depois caiu um bocadinho em desuso, mas continua muito pertinente. E eu, pessoalmente, também gostaria imenso de fazer essa viagem de uma maneira mais "correta", por isso acabou por ser uma vontade dos dois lados. Eles queriam viajar porque começaram a perceber que a viagem pode ser um momento de aprendizagem, e posteriormente eu sugeri que se fizesse uma viagem temática do Alvar Aalto. Paralelamente, a Associação disponibilizou-se para apoiar, da qual tivemos muito apoio na parte logística, foi um trabalho muito colaborativo. Começou tudo ali, e começámos imediatamente a construir um mapa: a ideia era fazer uma viagem longa, com cerca de 10 a 12 dias, e achámos que talvez fosse interessante realizá-la na semana antes de começar as aulas, no início de setembro… No fundo, era como se fôssemos recarregar baterias para voltar e estar na disposição de dar – e ter as aulas.
O principal objetivo era realizar uma viagem temática para conhecer a obra completa do Alvar Aalto, e depois perceber que outros autores gravitavam à sua volta, e que podíamos ver em paralelo, obviamente, para não excluir nada. Portanto, tentámos sempre fazer a rota cronológica: tínhamos de voar para Helsínquia, não havia outra hipótese porque a Finlândia não tem muito mais aeroportos internacionais, mas a partir daí tentámos ver primeiro as obras iniciais do Alvar Aalto, progredindo até às mais recentes, e grande parte do percurso foi sequencial, para tentar remontar a ordem de construção. E os estudantes reparavam "Olha, aqui já está a fazer isto!", "Olha, nos anos 50 fez aquilo!". Eu acho que isso resulta muito bem - esta ideia de não ver uma ou duas obras de um autor, mas no fundo, ver um corpo de obra completo, sobretudo destes autores paradigmáticos; e perceber dentro desse corpo de obra quais são os picos, quais são os momentos em que percebemos que as coisas vêm em continuidade e se complementam, quando é que há ruturas, quando é que há um 'stress' se adoeceu ou, no seu caso, quando no seu fim de vida deixou de ter tantos projetos e a obra começa a tremer um pouco. Percebe-se logo que, com a ausência do Alvar Aalto, o escritório não conseguiu manter os temas-base e começam a ser caricaturas, surgindo obras em que a estrutura que não coincide com a cobertura ou com os tetos… neste tipo de viagem dá para perceber esta sequência toda. Outro ponto que também acho interessante é a possibilidade de fazer um estudo aprofundado e não estar a fazer um estudo que se baseia em "picar" só as obras que são mais faladas ou mais conhecidas.

SA – É como ouvir um álbum inteiro de um artista, ou ver todos os filmes de um realizador!

HCR – Exatamente. Neste momento, umas das coisas mais importantes que eu acho que está a acontecer é o serviço que a Fundação Louis Vuitton está a prestar, que nos últimos anos tem sido muito interessante: tem um museu todo dedicado a dois autores: Basquiat e Andy Warhol, com tudo o que fizeram em conjunto, e têm entre trezentas a quatrocentas pinturas só dos dois. Deste modo consegue-se ter uma compreensão completa, desde as obras iniciais, mais frágeis, até às últimas obras. Nesta viagem aconteceu algo muito parecido: vimos as obras mais conhecidas, mas também vimos a pequena casa, quase um Cabanon, que o Alvar Aalto desenhou com a Aino, a primeira mulher, e que era uma coisa perdida na paisagem. Andámos com as carrinhas à procura, perguntámos a uma série de pessoas… até que encontrámos e estava tudo em ruínas, mas encontrámos! Estou-me a arrepiar! A viagem tem esses momentos.
Mas, como estava dizer, depois de escolhermos o itinerário, fizemos uma apresentação no auditório da faculdade para estimular os estudantes, e a primeira hipótese era abrir 30 ou 40 vagas, convidando estudantes de todos os anos. A viagem foi inicialmente montada para esse número de estudantes, tínhamos até pensado que se podia alugar um autocarro em Helsínquia. Mas quando percebemos que as inscrições não iam para além de um determinado número, concluímos que se calhar mais valia alugar duas carrinhas, para facilitar a mobilidade, e em termos de custo, também era mais interessante. Mas para mim teria sido também fantástico se alugássemos um autocarro e fossemos 30 ou 40 pessoas nesta viagem de longo curso, construindo um

espírito de um grupo maior.

SA – A dimensão do grupo com que se viaja é determinante para as ligações interpessoais que se geram, e afinal de contas é muito diferente viajar sozinho, num grupo reduzido ou integrando um grande grupo.

HCR – Sim, eu sinto sempre isso, mesmo nas viagens que fiz enquanto estudante. Para mim, viajar sozinho é muito diferente de viajar com 2 ou 3 pessoas com quem tenho empatia, ou viajar com um grupo maior - é uma outra forma de aprendizagem. Por exemplo, quando eu acompanho os estudantes numa viagem, sinto que tenho de explicar algumas coisas, e eu próprio estou sempre a aprender porque tenho que fazer o esforço de explicar, e o mesmo acontece quando me fazem uma pergunta. E se refletirmos, por exemplo, sobre as viagens que realizavam o Távora, o Siza e o Souto de Moura, percebemos que eles tinham um grupo de viagem, que incluía também a família por vezes, e todos os anos iam a um determinado destino. Claro que não era um autocarro, mas havia um grupo alargado de diferentes idades que juntava várias gerações e no fundo, o facto de viajarem todos juntos permitia que cada um contribuísse com o conhecimento que tinha, e isso torna-se absolutamente singular.
Eu sempre estive muito interessado na viagem, e a Finlândia para mim foi uma oportunidade belíssima, deu-me a oportunidade de ver as obras do Alvar Aalto de uma forma muito sequencial, e isto aconteceu porque também tive alguém que quis partilhar a aventura comigo. Quando participei na viagem aos Estados Unidos em 2014 foi a mesma coisa, também me fizeram o convite e eu aceitei porque, apesar de já ter ido, sabia que ia ser uma viagem diferente. E fico mesmo com a ideia que é uma aprendizagem bastante distinta.

SA – Qual considera ser o papel da viagem na formação do estudante de arquitetura?

HCR – A viagem é, sem dúvida, um momento essencial no processo de formação de um estudante de arquitetura. Enquanto fui docente no 2º ano, organizámos viagens a Santiago de Compostela, Corunha… e depois começámos a expandir os destinos, a ir a Barcelona e Lyon para ver as obras de Le Corbusier. A última viagem que organizei enquanto docente do 2º ano foi a Basileia, para ver os Herzog & de Meuron. Depois fui para o 3º ano, e no 3º ano não foi possível fazer viagens, a dinâmica é diferente… Depois, quando voltei para o 1º ano, havia a tradição da viagem mas com a pandemia tudo parou um pouco durante algum tempo. Quando finalmente tive a oportunidade de organizar a primeira viagem, a primeira coisa que fiz foi sair de Portugal. Achei que o 1º ano não deveria estar ainda a ir a Évora, como se fazia no meu tempo… porque o tempo é outro e eu achei que tínhamos de sair. Por isso, a primeira viagem do 1º ano depois da pandemia foi a Bilbao, e no caminho vimos os Mansilla e Tuñon, fomos a Zamora, a Léon e depois Bilbao, Santiago de Compostela, visitámos Leku - que é basicamente o museu a ar aberto do Chillida - e no primeiro ano falamos muito da escultura. E depois no ano seguinte fomos a Santiago de Compostela.
Mas eu acho que a viagem, de alguma forma tem que ter uma componente que coloque as pessoas fora da sua zona de conforto, porque se nós estivermos a viajar sempre em zonas de conforto, não somos confrontados com outro tipo de aprendizagem. Acho que em Portugal há imensos sítios belíssimos para visitar, mas nesse tipo de viagem caso vais e voltas no mesmo dia. Eu acho que se deve sair um bocadinho mais fora da zona de conforto, indo mais longe ou permanecendo mais tempo. Mas eu acho a viagem fundamental.
Agora, há aqui uma coisa… mas isso é muito pessoal. Eu acho que quando viajo, não considero que estou a viajar com estudantes, eu falo com os estudantes como se fossemos colegas. Muitas vezes me perguntam "Mas dás-te assim tão bem com os estudantes? O que é que sentes? Que és novo?", não, eu não penso na minha idade mas também não penso na deles. Eu não acho que sou novo, mas também não acho que eles são velhos. Encontramo-nos no meio, de alguma forma. E estas viagens também são feitas assim, eu não sinto que estou com os estudantes, mas que estamos a viajar juntos. A última que fiz a Paris foi um bocadinho diferente, em que comecei a sentir a diferença, que os estudantes estão a mudar. Senti que muitos estavam nessa ideia de "eu sou aluno, o Helder é o professor", mas quando as viagens são decantadas como foi a viagem aos Estados Unidos, ou a Finlândia ou a do Le Corbusier em que há ali uma afinidade com um grupo de alunos que nos estimula a organizar uma viagem, as coisas acontecem e é um grupo de amigos que viaja. Claro que há hierarquia, obviamente, mas no fundo é esta relação de proximidade com a Escola como campo aberto que depois na viagem funciona muito bem. Acho que se for fazer a viagem com a ideia de que eu é que sou o guia e venho aqui com estes alunos, primeiro - não tinha paciência, e acho que os alunos também não teriam.
O outro aspeto também tem que ver com a ideia de achar que como docente também tenho que partilhar a minha vivência. Não é só um problema de didática no sentido erudito, mas eu acho que a partilha deve ser mais fluída. Nesse sentido, eu também fico todo satisfeito quando rapidamente faço amizades com os alunos, e depois de vários anos ainda nos encontramos na rua e fazem uma festa. Para mim, faz parte. Sempre que faço estas visitas tento transmitir que não sou o guia dos alunos, mas que somos

pessoas que têm interesses comuns. E claro que uns têm mais conhecimentos que outros, e eu posso também ajudar, explicar, mostrar a minha visão e quem não concordar pode dizer o contrário, mas é sempre muito nesta perspetiva da partilha. E quando eu partilho, acho que aprendo mais do que quando estou sozinho.
Hoje em dia, com a facilidade da viagem e o custo reduzido dos bilhetes "flash", as pessoas têm tendência para preferir ir sozinhos, e pelo mesmo valor ou menos conseguem ver tudo o que querem. Mas de facto, não se compara ao ambiente que se proporciona em grupo, no qual há algum tipo de discussão, que, mesmo que às vezes nem seja programada, nasce a partir de um simples comentário feito por alguém, e repara-se em alguma coisa que não se tinha visto. Isso é suficiente para ter um outro olhar. Normalmente, antes dessas viagens também se fazia sempre uma apresentação no auditório ou na sala do janelão, em que eu apresentava a viagem a falar das obras que íamos ver, e depois tentávamos fazer um booklet que acompanhava a viagem. Falava da paisagem, dos jogos de volumes, e depois na viagem reforçava-o novamente. Era realmente uma viagem montada, estudada, e as pessoas iam já com aquela perspetiva do que iam encontrar.
Mas também acho que nestas viagens é importante perceber que não podemos estar 24 horas todos juntos. Não é só para mim, mas para os alunos também. Eu brincava sempre: "Trabalho é trabalho, copos é copos." Chegava a uma certa hora e pensávamos "Vamos ali beber um copo, onde é que é mais barato?" ou "Vamos ao supermercado e compramos umas para levar para o hostel.". E ficávamos a conversar pela noite dentro. Esta vertente também era muito importante, a possibilidade de descomprimir em conjunto e não achar que somos eremitas, sempre a pensar na arquitetura.

SA – Ao longo do tempo, os modos de viajar têm sofrido diversas transformações - desde a crescente facilidade de deslocação e evolução das metodologias de registo, até à própria disponibilidade para visitar as obras. Quais são as mudanças que considera mais evidentes, tanto na sua vivência como estudante quanto na sua experiência como docente?

HCR – Para ser sincero, eu acho que a forma como se regista não é muito importante, no sentido em que cada um pode utilizar o recurso com que se sentir mais confortável. O que eu acho que realmente mudou é a questão do tempo, parece que as pessoas já não têm tanto tempo como tinham. Se dissermos que vamos a algum sítio durante 15 dias toda a gente acha tempo demais e só se pode fazer 3 ou 4 dias.
Associado a isto, e ainda hoje quando vou a Paris e visito a Maison la Roche, sento-me à sua frente e fico meia hora, 45 minutos a olhar para a fachada, a deleitar-me. Hoje em dia, realmente a maior parte das pessoas não tem esta disponibilidade. Na minha opinião, isso também está relacionado com o ritmo dos dias, com a vida que cada vez acelera mais. Também a questão do individualismo - às vezes as pessoas sentem que sozinhas conseguem resolver melhor um problema. A ideia da coletividade neste momento está em crise, e eu acho que as pessoas querem estar juntas, mas não demasiado tempo. Portanto, eu acho que as mudanças mais evidentes são a "aceleração" do tempo e a disponibilidade que cada um oferece. A questão de visitar arquitetura com tempo é, no fundo, como comer slow food - esta ideia de uma refeição lenta, de uma pessoa se sentar e saborear a comida. Outra coisa é comer rápido e sair. Eu acho que há uma necessidade de desacelerar para termos consciência do que estamos a ver, quando se visita a arquitetura in situ. Sem tempo é muito difícil estudar seriamente, ou apreciar. É importante estar lá um pouco e reparar em coisas que nunca tinha reparado, ou mesmo sentir a atmosfera. Mas eu acho que é isso: o mundo a acelerar, a questão do individualismo, as pessoas acham que na realidade não é preciso mover-nos em grupo.
Também há outra questão que é, já que para chegar aqui gastámos x, se eu visitar 3 obras em vez de 1, vai compensar. Por isso, na maior parte das vezes deve-se tentar calibrar, não ser 8 nem 80. Depois, se se regista através de fotografia, se é através de filme, se é a fazer um esquema ou é a fazer um desenho, isso tem que ver como o à vontade de cada um. O que interessa é o que se traz de lá naturalmente. Até se pode fazer uma viagem sem nenhum registo, mas o que eu acho que realmente importa é, no fundo, ser viajante e não turista. O viajante é aquele que saboreia e faz as coisas com tempo, o turista é aquele que tira uma fotografia e salta para a atração seguinte. E depois mostra aos amigos: "Isto sou eu em frente à torre Eiffel, isto sou eu no Pompidou, isto sou eu…" isto é o turista. É diferente de dizer "Tenho aqui fotografias do Pompidou, ou da torre Eiffel, olha, nunca tinha visto este ângulo, olha a sombra…". Acho que para nós, ou para qualquer artista, é importante educar a sensibilidade. Eu digo sempre que na arquitetura "1+1=3", há sempre um 1 invisível que tem que ver com a vocação e a sensibilidade de cada um, e a prática da viagem é fundamental. E é também por isso que quando propusemos o projeto 'Updating the Grand Tour' à União Europeia, com o objetivo de trazer a viagem para a formação como um processo estruturado e planeado, deram-nos financiamento para criar uma didática ligada a isso, acho que isso revela que os próprios organismos reconhecem a necessidade de se recuperar a ideia de estarmos com o outro.
Há uns anos, quando eu viajava, ou gastava imenso dinheiro - ou tinha que fazer um interrail que durava um mês, que não ficava tão caro mas que exigia uma programação rigorosa. Também não havia o mundo digital, portanto tinha que

comprar x rolos de slides, sabendo que em cada obra só podia gastar 3 ou 4… e isto valorizava cada um dos gestos. Atualmente, o facto de estar tudo muito acessível, se não tivermos cuidado, corre o risco de se tornar banalizado. Mas eu acho que se começa a ter outra vez a consciência, ainda estamos num caminho de individualização, mas começa, já a existir grupos que estão a querer mudar de paradigma. É um ciclo.

SA – Qual considera ser a relevância da viagem no seu percurso enquanto professor e arquiteto? De que forma as memórias da viagem influenciaram as aulas e o seu método de ensino?

HCR – Obviamente, o meu desejo da viagem nasce primeiro como estudante. Ao estudar aqui nos anos 80, tinha uma série de professores mais velhos que falavam não só de terem viajado naquele momento, mas também de quando viajavam enquanto eram mais novos. Nos anos 80, se a memória não me atraiçoa, ainda tínhamos muito o discurso de ter havido muito tempo em que não se podia sair nem viajar, e conquistar a viagem era um direito, devido ao fascismo. Ainda nas aulas teóricas em Belas Artes, os professores mostravam muitas imagens das viagens, e a própria viagem do 1º ano ainda era quando o Távora ia connosco, realizando uma lição em cada sítio.
Por isso o tema da viagem está, talvez muito ligada a um problema de circunstância, porque em determinada época ainda se olhava para a viagem como algo que se tinha de conquistar, ou um direito que se tinha que cumprir. Outro aspeto tinha que ver com a ideia da Finisterra, esta a ideia de que estamos no fundo da Europa mas temos que ser universais. Talvez esteja relacionado com a resistência que tivemos ao pós-modernismo, a ideia era que nós, aqui no "canto", estávamos a fazer uma revolução muito silenciosa, mas queríamos ser universais - e a única forma de o sermos era ir conhecer o outro. Por isso as viagens eram sempre uma forma de ir conhecer o outro e trazer essas informações para cá, para conseguirmos fazer o que achamos que é pertinente fazer. A ideia que tenho é que a viagem é a possibilidade de ir à procura das coisas que realmente interessam.
No meu terceiro ano, quando fiz o meu primeiro interrail, fui correr Itália toda, fui à Holanda ver o Neoplasticismo, fui a Utrecht ver o Rietveld,… fiz mesmo uma peregrinação. Por exemplo, não havia viagens low-cost. Quando fui pela primeira vez à Grécia, de avião, eu lembro-me que tive de fazer uma série de contas para poupar o máximo possível. Acabávamos por fazer um interrail, com algumas partes de comboio, de vez em quando apanhávamos avião, mas quando o fazíamos planeávamos mesmo… hoje em dia com o low cost, é diferente. Penso que também poderá ser isso que me ajudou a valorizar a ideia da viagem, também aprendi a vê-la como uma conquista.
E eu gosto imenso de passear, isso também ajuda! Eu sinto-me bem, passo inclusivamente muito tempo em Milão… e isso tem que ver com um aspeto muito pessoal. Depois, como é que isso interseta o ensino? Obviamente para mim tem muito mais sentido falar de um edifício que eu já visitei, do que estar a falar dele quando só o vi em corte, planta e alçado. Quando eu falo dos edifícios, evoco a minha memória dos espaços, e isso ajuda-me muitas vezes a criar uma narrativa, porque estou mesmo a imaginar-me lá. Eu acho que viajar me ajuda imenso a ler melhor a arquitetura e a transmitir ao outro o entusiasmo que é viver esses espaços, ou edifícios ou cidades. E não é uma transmissão secundária. E dá-me outra ferramenta que é, falar das coisas sem ser por palavras dos outros. Claro que leio textos, mas outra coisa é ir lá confirmar o que se leu, ou até descobrir outras coisas, mas sinto que quando falo de um edifício é como se fosse eu a lê-lo.
Acho que como docente, a viagem permite-me falar da arquitetura com outra propriedade, e permite-me fazer uma coisa que eu acho que um docente deve fazer, que é entusiasmar os alunos. Não se trata de transmitir só a informação, mas importa a qualidade da informação, e, para além da qualidade, é a retórica com que se transmite a informação - eu acho que um professor tem que ser tendencioso. Tendencioso no sentido de entusiasmar e provocar o aluno, nem que ele chegue lá e não concorde nada com aquilo, mas foi ver e agora se calhar vai procurar outras coisas que não têm nada que ver com aquilo. O pior que há é ser monocórdico e simplesmente dar a matéria. E a viagem é uma coisa muito importante nesse sentido. Eu viajo de modo a que a viagem forme a minha biblioteca pessoal. A viagem tem este lado de descoberta, eu acho mesmo fundamental.
Outra questão que se coloca hoje é também se devíamos andar tanto de avião, ou se não devíamos… a minha resposta é, obviamente se nos conseguimos deslocar de forma mais sustentável, é preferível, mas eu acho que a melhor forma é, quando nos deslocamos, fazer com que a viagem valha a pena. Fazer uma viagem só porque era barato, sem programar e sem ter atenção ao que se pode ver, acho que não é viajar de uma forma sustentável - apesar das pessoas terem direito de o fazer. Acho que o facto de poder viajar faz de mim melhor docente. A ideia de te encontrares com o outro que é muito diferente de mim também me ajuda quando volto. A viagem dá a oportunidade de conhecer o outro, seja um objeto, uma pessoa ou uma obra. E simultaneamente, conhecemo-nos também melhor a nós próprios, sabemos os nossos limites, os nossos gostos e também nos conhecemos a níveis de personalidade. Aliás, por isso é que eu sempre que estou a falar com os meus alunos, os motivo muito a fazer Erasmus. Nem que se vá ali Santiago de Compostela, não importa,

sai! É preciso estar com os outros. Claro que há saídas mais ricas do qua outras, mas depois cada um se adequa. Para mim, o Erasmus é claro: é experimentar uma outra realidade académica, perceber que há coisas que temos em comum, e também perceber que há determinados assuntos e matérias que não damos nem dominamos, e que naquelas escolas sabem fazer. O Erasmus é também uma maneira de viajar. Quem vai à América Latina faz o mochilão, quem vai para Itália normalmente faz visitas frequentes à Suíça, é muito mais barato. O Erasmus também é uma oportunidade de ir ao encontro do outro.

[Berlim 2025]
Conversa com os estudantes participantes na viagem
Madalena Hörnig, Manuel Teniz e Mariana Pereira
28.05.2025

SA - Salomé Amaral
MH - Madalena Hörnig
MT - Manuel Teniz
MP - Mariana Pereira

SA – Como surgiu a iniciativa desta viagem? Participaram na preparação? Havia um objetivo a ser cumprido com esta viagem?

MP – A iniciativa da viagem partiu de um grupo de estudantes, mas foi o professor Luís Urbano e a (estudante) Anna Volnaia que organizaram o programa dos dias.

MH – Sim, nós não soubemos do roteiro até quase à véspera da viagem, nem fazíamos a menor ideia.

MT – Nem sabíamos onde íamos dormir!

MH – Relativamente ao tema da viagem, acho que não havia nenhum específico. Nós acabámos por ver tanta coisa de tantos arquitetos, foram cerca de 50 edifícios em Berlim. Andámos um bocadinho pela cidade toda.

MP – Sim, percorremos a cidade deste as zonas residenciais - que claramente não são para turistas - às zonas mais emblemáticas. A ideia era perceber como é que a cidade foi reconstruída. Em grande parte, era perceber essa mistura. Acho que partiu um bocado disso.

MT – Eu acho que era principalmente para conhecer uma cidade, e como Berlim tem tantas obras, e em várias camadas…

SA - Uma vez que não conheciam as obras que iam visitar foram à descoberta, ou seja, não fizeram um estudo prévio das obras que poderiam ver. Como se organizaram os dias da viagem?

MT – Nós tínhamos uma lista com uma seleção de obras na cidade, categorizadas por dias, se seguíssemos aquela lista íamos ver cerca de 7 obras por dia.. Nós guiávamo-nos pelo guião, mas quase nunca andávamos o grupo todo junto. Algumas pessoas ficavam para trás… as pessoas exploravam como queriam. O professor era como se fosse um aluno.

MP – Sim, havia algumas obras que eram opcionais e outras obrigatórias, porque tínhamos visitas guiadas. Mas era bastante livre, não havia grandes obrigações, sem ser nessas.

MH – O roteiro diário organizava-se consoante a proximidade das obras, portanto nós íamos visitámos a cidade por zonas. Depois claro, havia obras que eram "no fim do mundo", que ficavam muito longe das zonas centrais.

MT – Como o grupo da viagem era bastante grande, separávamo-nos quase sempre, de uma forma orgânica, em grupos de 8 a 12 pessoas, era natural. E depois no final do dia reuníamos e partilhávamos o que tínhamos feito e visitado.

SA – Já tinham estado em Berlim anteriormente? As obras que visitaram eram novidade, ou para alguns foi uma revisita?

MH – Eu já tinha visitado Berlim, mas ainda não estudava arquitetura. Já tinha visto a Filarmónica de Berlim, a Galeria do Mies e o *Neues Museum*, do Chipperfield. Mas de resto, acho que não há mais nenhuma em que eu tivesse estado antes.

MP – Eu nunca tinha estado em Berlim, e a obra que me marcou mais foi a do Chipperfield… E a *Neue Nationalgallery*, que nós já conhecíamos bem dos desenhos e das fotografias, só que vê-la ao vivo foi completamente diferente.

MH – A *Neue Nationalgallery* do Mies para mim também foi surpreendente… eu já tinha visto, mas vê-la outra vez, foi uma experiência muito diferente.

SA – Como foi, para vocês, viajar em conjunto com outros estudantes?

MP – Para além de ter sido incrível, acho que se distinguiu das restantes viagens que tinha feito com outros amigos. Porque acho que quando estamos com pessoas envolvidas no contexto da arquitetura, não estamos a apreciar as coisas da mesma forma. Não dizemos a outra pessoa que uma porta é linda, por exemplo. E discordávamos: "Ah, eu não gosto disto", "Não, mas eu gosto!", e discutíamos porquê.

MH – Cada pessoa reparava numa coisa diferente: "Ah, olha isto, parece imenso aquilo!", ou "Este detalhe!", ou "Esta fechadura!". Por exemplo, na Filarmónica, estávamos sempre a reparar em coisas diferentes. Havia um vidro que se parecia imenso aos fundos de garrafa ou aos faróis dos

carros… aquele vidro espesso e meio translúcido. E estava toda a gente lá a tocar a para tentar perceber o que é que se passava ali.

MH – E nós depois fomos ver uma obra do Mies (referindo-se aos *Afrikanische Strasse Apartments*) que também era "no fim do mundo", para ver aquele edifício. E nós estávamos a tentar combater o *Mandela Effect*, porque tínhamos chegado à conclusão que por ter ouvido falar tanto das coisas, achávamos que era sempre tudo lindo só por ser um determinado arquiteto. Quando chegámos lá, só eu é que já sabia qual era o edifício. E eu virei-me para a Mariana, perguntei-lhe o que achava e só depois é que revelei que aquele era o edifício do Mies.

MT – Eu, que estava mais atrás com outro grupo, nem estava a perceber que era aquilo. E quando chegamos, eu pensei "Espera!? É isto?!".

MH – Sim, de certeza que se soubessem antes iam logo com uma disposição diferente para o ver. E eu acho que isso também é interessante, repararmos nas consequências em estudar uma obra em maior profundidade, ou a perceção que continuamos a ter, de um modo mais ingénuo, sem saber o que é que está por trás daquilo.

SA - Quais foram os principais métodos de registo da viagem?

MH – Tirámos todos muitas fotografias.

MT – Eu levei sete rolos e foi a única forma de registo que eu fiz. Nem usei o telemóvel, acho que não tenho quase nenhuma fotografia tirada com o telemóvel.

MP – Sim, todos tiraram muitas fotografias, mas também havia quem desenhasse. Havia pessoas que só levaram caderno e estavam sempre a desenhar, outras que andavam só com a câmara fotográfica ao pescoço.

MT – Acho que cerca de metade das pessoas tinham uma câmara. A maior parte dos registos foram fotográficos. A Bia tinha um caderno, onde desenhava e acho que também escrevia, ao final do dia. Não era desenho de observação. Eu sei que quando ela chegava ao quarto, fazia isso.

MH – Eu também escrevia. Não escrevi um texto corrido, mas escrevi em tópicos o que tínhamos feito em cada um dos dias, e as coisas que se tinham passado, como uma forma de relatar o ambiente. A Bia também tirava os rótulos da fritz cola e as caricas. E quando encontrávamos panfletos, bilhetes de museus …acho que isso toda a gente guardava.

SA – E quando voltaram, sentiram que voltaram a olhar para o vosso projeto de uma forma diferente? Trouxeram novas referências?

MT – Eu acho que o que mudou mais foi a atitude de projetar. Não foi tanto o desenho do projeto, foi mais a forma como eu passei a ver a resolução dos problemas. Sinto que havia coisas que já não me preocupavam tanto.

MH – Eu sinto que quando cheguei, quase queria começar o projeto outra vez, só que obviamente não o ia fazer. Mas neste momento, depois da viagem, faria uma coisa totalmente diferente se recomeçasse um projeto. Quando regressámos, ficámos com imensa vontade de projetar, mas não o nosso edifício… outras coisas, um novo programa.

MP – Sim, se calhar se não tivéssemos ido no final do ano estávamos mais inspirados. Porque nós quase não queríamos voltar, não nos apetecia mais ver este projeto à frente. Neste momento, nós ainda fizemos muito poucos projetos, porque só estamos no 2º ano, mas eu sinto que quando estou a desenhar, foco-me muito nos temas da simetria, e durante a viagem reparei que há imensas imperfeições nos edifícios que fomos ver. Imperfeições que não são imperfeições, são coisas normais que se calhar o arquiteto não conseguiu resolver. E quando voltei e vi o meu projeto, comecei a pensar que se calhar não tinha que encaixar tudo na perfeição. Na realidade não é assim. Acho que nós ficamos obcecados com a perfeição, e às vezes são apenas caprichos nossos que nem valem a pena.

SA - A vossa ideia de viagem alterou-se, ao longo dos dias?

MP – Eu, antes de partir, achava que ia ser uma viagem mais regrada.

MH – E achei que se calhar íamos ter que estar sempre a desenhar.

MT – Eu também. Eu achei que ia ser mais stressante. Também não achei que ia viver assim tanto a cidade como vivemos. Pensava que ia ver muitas obras, mas não sabia que entre as obras ia realmente experienciar assim tanto as coisas. Foi ótimo, foi mesmo viver a cidade.
Houve um dia em que visitámos um complexo que achávamos que era do Renzo Piano, e só depois ao final do dia quando nos juntámos em grupo é que descobrimos que não era deste arquiteto. Mas eu fartei-me de tirar fotografias ao edifício. Mas aquilo devia ser alguma coisa importante.

MH – No *Hansaviertel*, cada vez que víamos um edifício,

esperávamos que alguém estivesse a sair para outra pessoa entrar. Mas isso era mesmo com o professor! E depois essa pessoa ficava a abrir a porta a toda a gente. E entrámos em imensos edifícios assim! Entrámos no do Niemeyer, e andávamos todos a passear pelas galerias.

MT – Também foi engraçado encontrar o *Bonjour Tristesse* por acidente. Quando chegámos, o primeiro dia era o 1 de Maio. E eles lá festejam muito este dia. Nós fomos para um parque que tinha uma espécie de festival que era na zona dos bares - porque o *Bonjour Tristesse* está numa zona de bares - agora descobrimos! Já estava muita festa e confusão, e de repente alguém diz, "É o *Bonjour Tristesse*!" E ficámos todos surpreendidos. Eu não esperava que fosse numa zona como aquela, é que estava numa zona com muitas garrafas no chão, tudo cheio de vidro estilhaçado. E o *Bonjour Tristesse* está mesmo no coração daquela zona. Foi engraçado ver tanta gente a dançar ao lado do *Bonjour Tristesse*.
A viagem fica cada vez melhor. A memória… cada vez que eu penso, parece melhor. Aquilo foi mesmo bom.

MP – Foi um universo paralelo a comer *kebabs*.

MT – Sim, criou-se mesmo uma rotina durante aquela semana. Nós ocupávamos o espaço do pequeno almoço, porque éramos 50, e em todas as mesas havia duas sandes para cada um com os guardanapos vermelhos. E muitos ovos. E durante o dia, havia sempre o momento em que alguém dizia "Esperem, esperem, deixem-me só comer o meu ovo cozido", ou "Vamos parar aqui um momento para comer os ovos!", todos levavam ovos cozidos para comer ao longo do dia. Nós passámos a adorar ovos cozidos.

MH – A Íris continua a trazer ovos cozidos para a faculdade! Ficou o hábito.

[Berlim 2025]
Conversa com a estudante participante na viagem
Anna Volnaia
03.06.2025

SA - Salomé Amaral
AV - Anna Volnaia

SA – Como surgiu a iniciativa da viagem a Berlim? Como decorreu a sua organização?

AV – A primeira ideia desta viagem surgiu de um desejo de um pequeno grupo de estudantes. Depois de decidirmos que Berlim seria um destino com potencial, começámos a marcar algumas obras no mapa. Mas claro que o roteiro final, mais complexo foi feito com o professor Luís Urbano, porque ele adicionou imensas obras e consciencializou-nos do tempo que precisávamos em cada um dos lugares. Ele conhecia mais obras do que nós, claro, e eu fiquei muito contente que ele nos tenha ajudado com a organização. E durante a viagem, os seus comentários eram sempre pertinentes e tivemos boas conversas sobre as obras que vimos. Claro que o grupo era de 50 pessoas e não estávamos sempre juntos, espalhávamo-nos, mas o professor foi muito disponível para as conversas.
Normalmente, no início do dia, ele fazia uma breve explicação das obras que íamos visitar. Durante a preparação da viagem, ensaiámos um roteiro, mas achámos que as visitas deveriam ser livres, para que cada um pudesse gerir o seu próprio ritmo. Isto resultou com que, no final do dia, houvesse grupos que só tinham visitado 3 obras, e outros que tinham ido a todos os lugares da lista. E, em alguns dias, tínhamos preparado duas listas - das quais se podia escolher uma opção - e houve pessoas que fizeram as duas listas! Por isso, os ritmos variavam muito consoante as pessoas e os grupos. Só tínhamos de comparecer nas obras em que tínhamos visitas guiadas marcadas, como por exemplo na Filarmónica.

SA – Isso é um fator positivo de permanecer numa cidade, cada um pôde tomar o tempo que precisava.

AV – Exato. Como Berlim é bastante grande, e essa foi precisamente a vantagem de ficar só numa cidade. Dá a possibilidade de escolha: por exemplo, se estiver cansada, ou se sentir que já vi demasiado e quero só passear na cidade, amanhã posso compensar e visitar mais três obras… esta é a vantagem. E outra vantagem, na minha opinião, é não perder tempo no caminho. Acho que o facto de termos ido de avião, poupando o tempo da viagem de autocarro permitiu-nos ter tempo para fazer outras coisas, em vez de ficar dentro de um autocarro: eu sei que algumas pessoas foram, por exemplo, a festas, bares, discotecas… ver a cidade não é só ver obras de arquitetura.
Outra coisa que achei importantíssima, foi sentir as distâncias: quando visitávamos obras na periferia, foi importante sentir que já estávamos quase fora de Berlim, começava a sentir-se que era cada vez menos cidade… esta noção das distâncias ajudou-me a compreender melhor como é que a cidade funciona. Deslocámo-nos sempre a pé, ou de transportes públicos. Há comboios, elétricos, autocarros, metro e tudo funciona bem, são sempre pontuais e conseguimos chegar a todo o lado com eles. Em Berlim havia muito poucos carros. Tem grandes avenidas, sim, mas não tem regras tão rígidas, não há passadeiras pintadas no chão e parece que se pode circular à vontade, só nas grandes avenidas é que se encontra semáforos. É estranho porque a cidade é enorme e deve ter muitos carros, mas isso não se sente. E tem imensos transportes, nós viajámos sempre a pé, ou de transportes públicos. Mas também há comboios, elétricos, autocarros, metro e tudo funciona muito bem, são sempre pontuais e conseguimos chegar a todo o lado com eles.
Como tínhamos tempo, tínhamos a possibilidade de passear. E acho que todos sentiram uma grande diferença entre a zona este e oeste da cidade. Ainda agora, que passaram mais de 30 anos (da queda do muro de Berlim), ainda se nota: pela arquitetura, consegue-se perceber onde estamos. E senti que, em algum momento, a cidade foi construída a partir do muro e tem dois lados distintos, não existia um centro que se expandia, como o Porto, por exemplo.
Quando falei com o professor, chegámos à conclusão de que podíamos ficar ali mais três semanas, que facilmente íamos ter sempre obras para ver. Também não conseguimos ir a mais nenhuma cidade perto de Berlim porque começava a ficar tudo um bocado mais caro, fica para a próxima vez.

SA – Visitaste alguma obra que já conhecias antes através de fotografias ou desenhos e te surpreendeu?

AV – Sim! O museu do Schinkel em Berlim não era a minha obra de arquitetura favorita, e quando fomos lá, a minha visão mudou. Quando entrámos, sentia-se a escala, os percursos, para onde nos levam as escadas… e eu mudei completamente a minha opinião. E isto é engraçado, porque eu falei várias vezes com outros colegas, por exemplo sobre um edifício do Rafael Moneo em frente ao Fórum, e um dos meus colegas também disse que não imaginava que fosse gostar tanto. Porque ali notava-se a relação com a envolvente, a volumetria – é muito diferente de ver só o alçado e a planta, sente-se de uma forma diferente. E

voltámos lá várias vezes.
No fim da viagem, antes de ir para o aeroporto, visitámos os edifícios do Bruno Taut. Inicialmente, achava que não iam ter grande interesse, pensava que nas fotografias já se percebia tudo. Mas fizemos o esforço de ir até lá, porque era relativamente longe do centro de Berlim.
Depois, por exemplo, no *Memorial dos Judeus*, eu esperava por um momento mais especial, mas o facto de termos visitado com o grupo inteiro, depois de almoço… já estávamos todos cansados e não se proporcionou um momento extraordinário. Mas depois eu voltei lá sozinha e pensei em cruzar o espaço na diagonal. Senti que estava a mergulhar entre estes cubos enormes, e havia momentos em que não percebia onde estava. Se vais sempre pela grelha ortogonal, consegue-se perceber perfeitamente onde estás porque avistas a rua. Mas ao fazer o percurso pela diagonal, ia intersetando pessoas que aparecem e desaparecem muito rapidamente.Chega um momento em que os cubos são tão altos que não se vê absolutamente nada, mas se continuo a andar, começo novamente a ver, começo a avistar ruas, e depois quando olhei para trás, vi um mar preto, apenas se via a matéria de que eram feitos os cubos. E foi outra experiência completamente diferente de quando visitei com o grupo. Eu acho que o número de pessoas com quem visitas as obras acaba por influenciar muito. Senti o mesmo quando visitei as obras do Chillida, em San Sebastián. É preciso espaço para conseguir comunicar com a obra, ou com as esculturas.

SA – São experiências diferentes. Em grupo, consegues dialogar e trocar informações, opiniões. E quando estás sozinha tens espaço para interpretar sem ser influenciada por ideias externas.

AV – Quando estás sozinha, a tua própria experiência é a 'verdade'. Também voltei a visitar o Pavilhão do Mies, e foi bom visitá-lo em horas diferentes. Tudo muda. Às 18h fecha e o espaço é ocupado por skaters, o barulho das rodas no chão faz parte da memória que tenho daquele lugar. Eu já o tinha visitado durante a manhã, mas fiquei lá apenas 1 hora porque estava com pressa para ver outra obra. Aquela obra também me impressionou imenso - não pela arte - mas pelo espaço do museu.

SA – Sentiste que a experiência do lugar foi especialmente determinante em algum momento específico?

AV – Sim, por exemplo, num museu: eu sentei-me num banco, a descansar na zona do foyer e pensei "Que estranho, o chão está inclinado, mas eu estou sentada num banco horizontal!". E depois reparei que o banco tinha pernas de tamanhos diferentes. Foi algo que só reparei porque estive naquele espaço, e estas pequenas coisas são muito importantes. O corrimão, por exemplo, como ele termina, se termina em cima da escada, se se prolonga, como se vira, que relação tem com o próprio corpo. Nesta viagem também vimos obras de habitação de Hans Scharoun, e encontrámos imensas janelas com os caixilhos iguais aos do Siza, como existe na FAUP, nas janelas das torres. Ficámos muito surpreendidos quando vimos aquilo, não estávamos à espera. E ali ainda funcionam muito bem, não é preciso fazer nenhum esforço para as abrir. Agora tenho a certeza que o Siza visitou a obra do Scharoun.
Quando estamos lá, conseguimos perceber isto tudo, quase automaticamente. Ao visitar o espaço conseguimos perceber a dimensão de corredores, como funciona a circulação… e nós conseguimos visitar o interior do *Bonjour Tristesse*! Éramos um grupo pequeno e queríamos mesmo entrar, por isso eu fiquei à espera que alguém abrisse a porta. E basta entrar uma pessoa, para que depois possamos abrir a porta para o resto do grupo. Claro que nós éramos 50, e não conseguíamos entrar nestes lugares mais privados todos juntos. Mas desta vez éramos um grupo de 10 pessoas e conseguimos visitar o interior dos apartamentos. Tivemos a lata para bater às portas, e conseguimos entrar dentro de uma casa de uma arquiteta. Claro que ali não tirámos fotografias, mas foi essencial para perceber o espaço.
Por outro lado, numa das bibliotecas, não deixaram entrar grupos. A partir daí, aprendemos que não temos de pedir permissão, só temos de fazer o que os normais utilizadores da biblioteca fazem: colocar as mochilas nos cacifos e trazer a garrafa de água e o telemóvel, já está. Entra-se sem dizer nada, como se fossemos um espião. Por exemplo, quando entrámos no edifício do Oscar Niemeyer, não nos queriam deixar entrar. Então eu fiquei à espera, e quando saiu um senhor, eu disse "Guten morgen!", ele respondeu "Morgen", segurei a porta e entrámos! Andámos por todo o edifício. Eu acho que precisamos de ter sempre alguma coragem para perguntar se podemos entrar, apesar de às vezes custar. O 'não' está sempre garantido. Aconteceu por exemplo, na embaixada do Rem Koolhaas: estávamos a espreitar através do edifício e o segurança veio-nos dizer que não podíamos estar ali.

SA – Quais foram os métodos de registo mais utilizados durante a viagem?

AV – A maior parte das pessoas tirava fotografias, mas também havia pessoas que desenhavam. Os desenhos que fiz são muito pessoais, desenhei para me lembrar que aquilo que vi foi importante. Os meus desenhos ficaram muito feios - se alguém os vir, não vai perceber nada. Por exemplo, a estátua da *Vitória*, por trás do museu, é linda, com as asas, e eu estava interessada em compreender a composição da

escultura. Nos desenhos não se percebe nada, só eu é que percebo o que desenhei, e no fundo é isso que interessa.
No final da viagem, admito que já estava um pouco cansada. Fizemos muitos quilómetros por dia e também já estava ansiosa por voltar para refletir sobre o que vi. Quando falei com alguns colegas, já no aeroporto, partilhámos as nossas opiniões: todos gostaram da viagem. Alguns encontraram soluções para o projeto, outros não… mas eu acho que é uma questão de tempo, até tudo ser absorvido e ser refletido na ação de projetar. Acho que quando voltamos, voltamos outra pessoa.

[Berlim 2025]
Conversa com o docente participante na viagem
Luís Urbano
13.06.2025

SA - Salomé Amaral
LU - Luís Urbano

SA – A experiência da viagem com estudantes no contexto da FAUP é diferente de uma viagem com colegas arquitetos/profissionais de arquitetura. Considera a viagem um momento essencial da formação enquanto estudante?

LU – Claro que sim. O ensino da arquitetura é quase sempre feito com recurso a elementos de representação. Ou através de fotografias, filmes… os powerpoint que se apresentam nas aulas teóricas são sempre apresentações com plantas e alçados, mas são muito longe da experiência arquitetónica. Nós tentamos reproduzir a experiência arquitetónica e explicar o espaço e a luz, mas o aluno fica sempre com uma noção da espacialidade muito reduzida. Só indo aos sítios é que verdadeiramente aprendemos a qualidade do espaço. E portanto, acho que hoje em dia, apesar de já haver muita informação e já haver google maps com simulações tridimensionais, a experiência arquitetónica ainda é essencial para se perceber a arquitetura. A materialidade, o som… tudo isso só se consegue perceber quando se visitam os lugares. Por isso eu acho que é essencial viajar e visitar as obras para aprender arquitetura. Claro que é impossível visitar toda a boa arquitetura no mundo - que são milhões de edifícios - mas acho que é essencial. E é pena que no segundo ano se tenha perdido essa tradição da viagem.
No que diz respeito à realização da viagem com estudantes ou com colegas arquitetos, eu devo dizer que com colegas também já fiz algumas pequenas viagens. Mas quando se viaja em grupo é mais difícil, devido à logística de movimentação. E a viagem a Berlim foi um exemplo disso porque eram cerca de 50 pessoas: nos primeiros dias andávamos mais ou menos em grupo (mas eu confesso que fiz um programa um bocadinho exigente com muitas obras para visitar), e ao fim de alguns dias as pessoas começaram a ficar cansadas. Mas o objetivo era mesmo esse, ser uma programação densa e depois cada um tinha a possibilidade de escolher os sítios para onde ir. Portanto, os alunos andavam todos juntos, e depois no fim, num último bairro onde fomos, na periferia, já só estavam 5 ou 6 pessoas no meu grupo. Começávamos o dia em conjunto, no hostel, onde percebíamos qual ia ser a área a visitar e dos 50 estavam cerca de 30 ao pequeno-almoço - outros estava a dormir, mas pelo menos o programa estava mais ou menos estabelecido e cada pessoa ia ou não ia conforme a sua vontade e disponibilidade. E até depois vi umas fotografias de alunos que foram ver edifícios que eu próprio não fui. Nas viagens de segundo ano, por exemplo, levávamos nós o 'transporte público' - que são os autocarros. Às vezes nas cidades o autocarro ficava estacionado e andávamos a pé, mas era o próprio autocarro que nos levava aos lugares. Em Berlim, tivemos de usar os transportes públicos que existiam – nomeadamente a rede de metro. Mas é essencial, acho que em todos os anos se devia fazer uma viagem: primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto ano. Acho que é essencial. Há escolas que fazem mesmo dentro da disciplina de projeto, e à vezes vão até ao Vietname. E nem sempre é a escola que paga. Claro que são grupos muito mais pequenos, mas definem que têm um terreno para o exercício de projeto no Vietname, e às vezes têm que ser os alunos a pagar. Até há muitas vezes que escolas estrangeiras vêm aqui ao Porto porque têm aqui um terreno e ficam cá uma semana ou quinze dias.

SA – Qual considera ser a relevância da viagem enquanto professor e arquiteto, e de que forma as memórias da viagem influenciaram nas aulas e no método de ensino?

LU – Não só como professor, mas também como aluno. Lembro-me que no segundo ano eu fiz uma viagem - não aqui, porque eu estudava em Coimbra - mas fizemos uma viagem a Itália e França, que foi verdadeiramente memorável. Eu acho que nunca tinha saído do país, talvez só a Espanha, e portanto, a partir dessa experiência comecei a viajar frequentemente. Eu não fiz Erasmus porque na minha altura não havia Erasmus mas desde que comecei a dar aulas, tenho viajado imenso. E acho que é essencial para as aulas, porque eu procuro sempre que possível mostrar imagens e falar sobre os edifícios onde eu estive, acho que isso cria uma espécie de legitimação do discurso, permite-me falar em primeira mão sobre determinado autor ou determinado edifício. Portanto, essa experiência de estar nos edifícios e transmitir aos alunos essa experiência é uma metodologias que eu utilizo muito nas minhas aulas, quer seja de Teoria Geral da Organização do Espaço (TGOE) ou Arquitetura e Cinema. A experiência de ter estado no lugar é completamente diferente. Até porque muitas vezes mudamos o nosso discurso em relação a um determinado edifício ou cidade, a partir do momento em que se vai lá: eu só percebi a dimensão do *Bonjour Tristesse* na primeira vez que fui a Berlim. Porque até aí, com as imagens e com os desenhos tinha a ideia que era um edifício com uma escala completamente diferente. E às vezes, para edifícios que achamos que não damos muita importância, a experiência pode ser verdadeiramente impressionante. Por exemplo, eu gostava imenso do Steven Holl, antes de visitar as suas obras. Gostava daquelas aguarelas e dos desenhos, e

quando vi aquele museu em Helsínquia achei que não tinha interesse nenhum. A rampa é bonita, mas depois o resto do edifício não tem grande interesse. Ou a escola de Glasgow, que também não me despertou interesse. Portanto, deixei de ser fã do Steven Holl… isto é, ainda me faltam ver muitos edifícios dele, mas perdi um bocadinho o fascínio pela arquitetura dele a partir do momento em que a visitei.
Às vezes também gosto de visitar obras que nem sempre são de arquitetos conhecidos. Por exemplo, na viagem que fiz a Marrocos não me lembro de ter visto nenhum edifício de arquiteto conhecido, mas vi sítios incríveis. Eram sítios desenhados por arquitetos, mas a experiência da arquitetura não tem de ser sempre através de obras de arquitetos conhecidos. E há aspetos mais urbanos - por exemplo, a escala - nunca conseguimos entender a escala até estar nos sítios. Eu sabia que Nova Iorque era gigantesca, mas só percebi verdadeiramente quando a visitei.
Ou sentir a atmosfera de uma determinada cidade: por exemplo, São Paulo não é muito bonito mas consegue-se sentir o ritmo da cidade, o movimento e o barulho - que é uma coisa que é fascinante. Portanto, não é pela beleza do sítio, mas pela dinâmica. Já para não falar das diferentes alturas do ano. Eu, a primeira vez que fui a Veneza, na viagem do segundo ano, lembro-me que estava a chover imenso, a cidade estava com uma atmosfera bastante invernosa, havia muita água e era muito húmida, para além disso, não havia tanto turismo. E quando lá estive há 2 anos em Setembro, estava muito calor e estava havia muitos turistas. A cidade era a mesma, mas a experiência foi completamente diferente.

SA – E já aconteceu ter visitado um lugar enquanto estudante e depois enquanto arquiteto, e a impressão do lugar modificou-se?

LU – À medida que se vai crescendo e acumulando experiências, de outras cidades e outras arquiteturas, do conhecimento pessoal das coisas, a maneira como se olha para a arquitetura e para as cidades também vai mudando. Mas também quando se volta a uma cidade que já se conhece, na segunda vez já não se tenta ir aos sítios mais ou menos óbvios. Quando vais a Nova Iorque pela primeira vez tens que ir ao *Guggenheim*, ao *Times Square*… na segunda vez já estás mais livre dessa pressão e deixas-te levar para outros sítios mais alternativos e menos óbvios. Na primeira vez que fui a Veneza, perdi-me na cidade. Não havia *Google Maps* e era tudo um bocadinho labiríntico. Estava com uma colega, andávamos a passear e perdemo-nos. Demos quase a volta à ilha para chegar ao mesmo sítio, e essa sensação de nos perdermos nas cidades também pode ser divertida. Às vezes pode ser assustador, como me aconteceu em Joanesburgo, em que me perdi e fui assaltado. Mas essa experiência de se perder também pode fazer parte da experiência da viagem.

SA – E quanto aos métodos de registo, sente que houve mudanças na forma como são abordados?

LU – Quando a fotografia era analógica, as pessoas tinham que pensar muito bem antes de tirar as fotografias, porque as tinham que revelar. E portanto, acho que agora tiramos mais fotografias… acho que nesta viagem a Berlim eu tirei cerca de 3.000 fotografias. No analógico isso era impossível. Com a fotografia analógica, os disparos eram mais pensados, mais escolhidos, as pessoas escolhiam exatamente aquilo que queriam fotografar, não tiravam mil fotografias de cada sítio, e, eventualmente, desenhavam. Portanto, eu acho que depende das pessoas. Na viagem que fizemos agora a Berlim, havia muitas pessoas com os seus cadernos, a desenhar, apesar de terem as câmaras e os telemóveis. Portanto, eu acho que depende muito. Tenho a certeza que hoje se tira muito mais fotografias do que se tirava antes, agora em relação ao desenho acho que depende de pessoa para pessoa. Quanto aos filmes… as filmagens implicam sempre um processo de edição a posteriori para que tudo faça algum sentido, e as imagens em andamento são um bocadinho enjoativas… portanto os chamados filmes caseiros não são muito bons registos de viagem. No que diz respeito à escrita, há muitas pessoas que fazem registos escritos. O Távora, por exemplo, escrevia muito, mas isso era quase uma obrigação porque, como recebeu uma bolsa da *Fundação Calouste Gulbenkian* para ir aos Estados Unidos, tinha que fazer um relatório, e isso obrigava-o a escrever. Mas às vezes é mais por obrigação do que por impulso.